

Foto: Museu Antropológico Diretor Prestes



Ijuí, 1906: os primeiros passos da Colônia

RAÍZES E DESAFIOS

A passagem do Centenário de fundação da "Colônia de Ijuhy" traz, mais do que uma festa, um desafio: o de que a busca das raízes seja um processo capaz de projetar o futuro — 13, 14, 15 e 16

DESMEMBRAMENTO

Decisão final

A separação da Regional do Mato Grosso do Sul da Cotrijuí, pode ser efetivada a partir de plebiscito a ser realizado nos dias 20 e 21 de novembro. Através do voto, os associados vão dizer sim ou não ao Relatório da Comissão Técnica e aos respectivos Estatutos Sociais, colocando um ponto final numa discussão que vem se arrastando há vários anos

* o roteiro das urnas * os mesários * os dias e os horários de votação * quem pode votar

— 4, 5, 6 e 7

COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA.



Ijuí — Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 11
Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-2400
Telex: 0552199 - Fax: (055) 332-5161
CGC ICM 065/0007700
Inscr. INGRA n° 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

Porto Alegre — Av. Júlio de Castilhos, 342
CEP 90030 - Fone (0512) 28-3155 - Telex 5111102 CTXT

Rio Grande — Terminal Granelero - 4ª Seção da Barra - CEP 96200 - Fone (0432) 32-1122 - Telex 532173 CRTS

Dom Pedrito — BR-293 - Km 237 - CEP 96450 - Fone (0532) 43-1002 - Telex 532362 CRTS

Campo Grande (MS) — Rua Ceará, 2245 - Vila Célia - CEP 79040 - Fone (067) 382-5048 - Telex 672247 CRTS

SUBSIDIÁRIAS

— **Cotriexport Cia de Comércio Internacional**
Av. Júlio de Castilhos, 342 - Porto Alegre - RS - CEP 90030 - Fone (0512) 28-3155 - Telex 5111102 CTXT

— **Cotriexport Corretora de Seguros Ltda**
Av. Júlio de Castilhos, 342 - Porto Alegre - RS - CEP 90030 - Fone (0512) 21-0809 - Telex 5111102 CTXT

— **Cotridata — Processamento de Dados Ltda.**
Rua José Hickelbick, 66 - Ijuí - RS - CEP 98700 - Fone (055) 332-1999 - Telex 553726 CRTS

— **Transcooper — Serviços de Transportes Ltda**
Rua das Chácaras, 1513 - Ijuí - RS - CEP 98700 - Fone (055) 332-3065 - Telex 552212 TSCO

Dourados - (MS) - BR-463 - Km 4 - Fone (067) 421-3815 - Telex 674102 TSCO

— **IRFA — Instituto Riograndense de Febre Alrosa Ltda**
Av. Júlio de Castilhos, 342 - Porto Alegre - RS - CEP 90030 - Fone (055) 332-2690 - Ijuí - RS

— **Hospital Bom Pastor S/A**
Av. David José Martins, 1376 - CEP 98700 - Fone (055) 332-2690 - Ijuí - RS

**ADMINISTRAÇÃO
DIRETORIA EXECUTIVA**

Presidente:
Oswaldo Olmíro Meotti

Vice-presidente/Pioneira:
Celso Bolívar Sperotto

Superintendente/Pioneira:
Walter Frantz

Vice-presidente/Dom Pedrito:
Oscar Vicente Silva

Vice-presidente/MS:
Nedy Rodrigues Borges

Superintendente/MS:
Lotário Beckert

Conselho de Administração (Efetivos):
Egon Eickhoff, Jorge Alberto Sperotto, João Santos da Luz, Felix Gotardo, José Aldeides Conceição, José Jorge Rieth de Oliveira, Irani dos Santos Amaral, Deniz Espedito Serafini, Oscar Otto Hoerle, Luiz Carlos Roos, Olívio Moraes, Frederico Antônio Stefanello, Paulino Stralio, Nilton Vieira de Souza, Leonildo Anor Pötter, Luiz Forcin e Edgar Severo.

Suplentes:

Onorildo Zangirolami, Carlos Leodoni Andrighetto, Arlindo Valk, Enor Carniel, Jorge Cleiton Gonzales, Hélio Antônio Weber, Jair Castro Rinaldi, Jaime Braz Sperotto, Pedro Guiotto, Sérgio Tesser, Cláudio Pradella, José Edimar do Nascimento, Noé da Silveira Peixoto, Omar Cunegatti, Jorge Verardi Perez, Cândido de Godoy Dias e Florício Barreto.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Amário Becker, Valdeci Oli Martinelli e Otalíz de Vargas Montardo

Suplentes:

Ervino Egon Preissler, Ivo José Basso e Alvorí Rosa

Diretores contratados:

Vilmar Hendges e Léo José Goi

LOJAS COTRIJUI

Regional Pioneira.....	26
Dom Pedrito.....	3
Mato Grosso do Sul.....	7
Total.....	36

CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM

Regional Pioneira.....	584.800 t
Rio Grande.....	220.000 t
Dom Pedrito.....	91.000 t
Mato Grosso do Sul.....	476.150 t
Total.....	1.371.950 t



Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Associado da ABERJE

REDAÇÃO

Dária C. L. de Brum Lucchese, editora; Carmem Rejane Pereira; Raul Quevedo, Porto Alegre; Rosane Henn, Campo Grande e Lucilene Zafalon, Rio Grande

REVISOR

Sérgio Corrêa

— Impressão em Off-Set rotativa Solna, na "A Tribuna Regional", Santo Ângelo/RS.

Um assunto que já deu muito o que falar entre os associados da Cotrijui parece que se encaminha para a decisão final: o da separação da Regional do Mato Grosso do Sul da Cotrijui. Os primeiros passos em direção a efetivação dessa vontade da maioria do quadro social da cooperativa foi dado em maio deste ano, quando, em plebiscito, os associados foram às urnas para dizer sim ao desmembramento. Passados seis meses, os associados voltam novamente às urnas, para, desta vez, darem a palavra final a respeito do assunto. A vontade já está aprovada. Falta agora dizer sim ou não ao Relatório da Comissão Técnica e às duas propostas para o Estatuto Social — o da Cotrijui e o da nova cooperativa a ser criada no Mato Grosso do Sul. Se dois terços dos associados votantes optarem pelo sim, o assunto está definitivamente encerrado. A Regional do Mato Grosso deixa de fazer parte do Grupo Cotrijui e passa a constituir uma nova cooperativa, a Cooagri, política e economicamente independente. A Cotrijui continua atuando na campanha, através da Regional de Dom Pedrito, mantendo ainda, sob o seu domínio, todas as subsidiárias e ainda as marcas e patentes com as quais vem trabalhando já há alguns anos. Matéria nas páginas 4, 5, 6 e 7.

Comemorar não é apenas lembrar. Esta foi uma das frases mais ouvidas durante os eventos de comemoração pela passagem dos 100 anos de colonização de Ijuí, realizado junta-

mente com a 4ª Expo-Ijuí, 4ª Fenadi e 2ª Movest, numa demonstração clara de que a passagem do Centenário trouxe uma série de reflexões entre os quais, o de indicar, efetivamente, uma nova fase de desenvolvimento, não somente para o município como para a região, está inserido. Para superar este desafio, que se torna ainda mais devido a crise econômica do país, e já vem sendo trabalhado há alguns anos, as entidades integrantes da Retomada do desenvolvimento — Prefeitura Municipal, ACI, Cotrijui e Unijui — atuam com algumas perspectivas, como ficou demonstrado na elaboração do perfil sócio-econômico do município elaborado através da parceria das Indústrias do Rio Grande do Sul. Além de destacar os problemas como a evasão de recursos para outros estados, também detecta também as suas potencialidades, baseando-se justamente na inversão deste processo, onde uma nova estratégia deve se basear em investimento de capitais locais no próprio município e não na captação mais arrojada com empresas de fora. A realização dos objetivos, certamente, não se concretizará sem um maior investimento de infra-estrutura, mas é correto também, que os primeiros passos para que sejam alcançados já foram dados, como indica o crescimento de aglutinação de forças registrado na 4ª Expo-Ijuí. A respeito do Centenário, uma análise da evolução do município, em vários aspectos, estão nas páginas 13, 14, 15 e 16.

DO LEITOR.

O Ctrin cooperativo

Luís Adolfo Bittencourt Dias

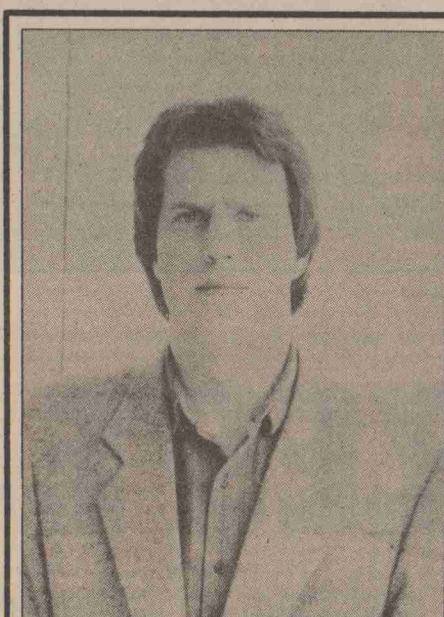
O setor agrícola passa por momento muito importante e que merece vários questionamentos. O anúncio, por parte do Governo Federal, de que, após longos anos, a compra estatal do cereal passaria a ser privatizada, deixou, de certa forma, surpresos tanto o setor moageiro como o produtivo, embora essa seria uma decisão que viria, mais cedo ou mais tarde. Nós produtores, temos agora, é que nos adaptar rapidamente às mudanças econômicas pelas quais passa o Brasil, sob pena de ficarmos prejudicados em nossa atividade.

O Ctrin vinha, até esta data, administrando a compra, estocagem e distribuição do trigo aos moageiros com muita competência. Ele vinha administrando a compra do trigo, a nível de Brasil, com apenas 100 funcionários.

A saída para o cooperativismo, no meu entender, está na união em torno de um "pool" para armazenar e vender os produtos aos moinhos. É uma forma de proteger, inclusive, o produtor associado das cooperativas. Se o Ctrin, um órgão do governo, tratava a questão com muita seriedade, por que nós, cooperativas, não podemos criar uma espécie de "Ctrin Cooperativado"?

Temos que atentar muito bem para a nossa produção, protegendo-a a nível governamental. O trigo é uma questão até de segurança, pois se trata de um produto fundamental na alimentação do povo brasileiro.

O que não podemos é tratar a questão com passionalidade. Te-



"Se o Ctrin, um órgão do governo tratava a questão com muita seriedade, por que nós cooperativas, não podemos criar uma espécie de 'Ctrin Cooperativado'?"

mos que ser racionais ao avaliar a importância do trigo para a economia e sociedade brasileira.

Temos questões a serem resolvidas a curto e médio prazos. A curtíssimo prazo, temos que definir, junto ao governo, o pagamento da safra que se inicia, estabelecendo modalidades, majoração nos preços, armazenagem, etc. . . A médio prazo, temos que decidir junto aos órgãos competentes, a questão da armazenagem, distribuição do produto para os moinhos e fazer chegar à mesa do consumidor, um produto barato e que atenda aos custos de produção do triticultor.

Digo e reafirmo: a questão

do trigo é política. Enquanto o governo Federal não tomar a decisão de proteger o triticultor nacional através de uma política de preços mínimos, que cubra os custos de produção e incentivo à produtividade, de nada adianta ficarmos indagando se a privatização é boa ou é má para os produtores.

Aliás, o trigo sempre foi visto através da história, sob uma questão eminentemente política. O exemplo vem dos romanos, que só faziam guerras quando os seus estoques de trigo estavam viabilizados.

Não podemos fazer agora como o pescador da história do Velho e o Mar", do escritor e socialista Ernest Hemingway, costumava dizer, ao pensar no grande peixe que excedia as capacidades do seu barco. "Não pense agora, pensar no que não tem, mas sim em fazer o que tem. E o que nós, triticultores e cooperativas temos agora? Uma realidade, oriunda de uma situação irreversível. Temos, então, que ser competentes, fazendo nossa parte como sempre fizemos, rezando para que o governo esteja a triticultura nacional, negociando acordos para importação de produto, tanto do Canadá como da Argentina e que faça uma política de preços mínimos para a luta que temos pela frente, a da aprovação da Lei Agrária. Uma coisa temos certeza: nós temos e com muita competência produzir alimentos para o País.

* **Luís Adolfo Bittencourt Dias** é produtor rural e consultor da Fecotriga. É também diretor-presidente da Agropan/Topografia.

URTAS

MARKETING RURAL

Assumiu posse no dia 23 de agosto a diretoria executiva da Associação Brasileira de Marketing Rural, responderá por suas atividades nos próximos dois anos. Foi eleito como presidente Teresa... gerente de Promoção e Publicidade da Dow Elanco Industrial... vice-presidência da ABMR... ocupada por Luiz Alberto... gerente de Marketing da Cyant... Química do Brasil Ltda. Na ocasião foram empossados os novos diretores: Antonio Alberto... gerente Comercial da Editora... na área de Educação e Cultura... Lee, diretor proprietário da... na área de Comunicações;... de A. Vasques, diretor pró... da Engenharia Comunicações, na área financeira; Silvio Luiz... gerente de Planejamento... Marketing da Valmet do Brasil S/A, na área de Política Agropecuária; Arnaldo Dakessian, gerente de... e Pesquisa de Mercado da... S/A, na Pesquisa; Maria do... Tellechea, gerente de Propaganda da MPM Propaganda, do Núcleo e Newton C. Ribeiro, gerente de Pesquisa de Mercado da Merck & Co, como suplente.

LOJÃO/MS

Foi inaugurada no mês de setembro a nova loja de insumos da cooperativa batizada com o nome de Lojas... em função do iminente desmembramento da Regional do grupo. A loja, além de comercializar produtos agropecuários e medicamentos veterinários vai também servir como depósito de distribuição dos produtos da própria cooperativa: sal mineral, rações, frangos, milho e da indústria de beneficiamento de milho. A criação de uma loja de distribuição vai facilitar o acesso dos produtos da casa para os mercados consumidores.

ENCONTRO

Perspectivas da Agropecuária na nova realidade nacional e regional é o tema do 10º Encontro Anual de Engenheiros Agrônomos que acontece nos dias 14, 15 e 16 de setembro, na Assembléia Legislativa do Estado, em Porto Alegre. As inscrições podem ser feitas na sede da Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul, localizada na Av. ... de Medeiros, 612 - 2º andar, em Porto Alegre ou ainda pelo telefone (51) 21.7447 e 25.2056. A programação é da Sargs.

APAJU

Alton de Jesus é o novo presidente da Associação dos Profissionais de Agronomia de Ijuí. Ainda fazem parte da nova diretoria Luís Gilmar... vice-presidente; Antônio... Cecchinato, secretário e João... Boaro, como tesoureiro. A formação e a atualização dos profissionais, é uma das metas da diretoria da Apaju que, em fins de setembro trouxe até Ijuí, para falar de Soja, atualidade e perspectivas, os pesquisadores José Tadas... e Rivaldo Dhein. Todos foram publicados pela Editora Unijuí e integram a Coleção Centenário de Ijuí.



Camille Rousseau, Argemiro L. Brum, Louis-Marie Gobin e Fernando E. Rodrigues
Visita ao mini CTC da Expo-Ijuí

FRANCESES

Intensificando contatos

Conhecer um pouco da estrutura do poder da Cotrijuí e visitar Ijuí durante os festejos relativos aos seus 100 anos de fundação foram os dois motivos que trouxeram até a região Camille Rousseau e Louis Marie Gobin, membros do Conselho de Administração da cooperativa francesa La Cana. Os dois líderes cooperativistas franceses estiveram em Ijuí acompanhados por Argemiro Luís Brum, analista de mercado e representante das cooperativas gaúchas junto ao Mercado Comum Europeu.

A aproximação entre Cotrijuí e La Cana existe desde os anos 70, mas somente a partir da década de 80 é que foram realmente intensificadas as relações entre as duas cooperativas. Essa aproximação vem se dando através da troca de informações e do intercâmbio de produtores e técnicos.

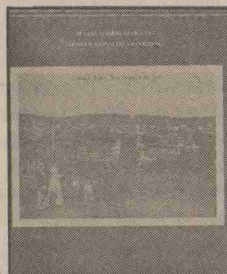
EXPERIÊNCIAS - A La Cana, considerada a cooperativa gêmea da Cotrijuí na França, tem interesse em manter acordos de troca de experiências e de informações com apenas três países do mundo: Marrocos, Hungria e o Brasil. Como em Marrocos não existe praticamente um potencial que resulte em algum acordo, a La Cana vem procurando aprofundar seus contatos com o Brasil, representado pela Cotrijuí e Hungria. "O nosso interesse pelo Brasil se resume, na verdade, na existência da Cotrijuí", explicou Camille Rousseau, também um dos diretores contratados da La Cana.

Além da sede da Cotrijuí em Ijuí, os dois franceses visitaram ainda o Centro de Treinamento, a unidade de Santo Augusto e algumas propriedades rurais, onde puderam identificar alguns pontos comuns que aproximam ainda mais o agricultor da região do agricultor associado da La Cana. "Os agricultores daqui buscam o mesmo que os da França: a diversificação de culturas na tentativa de fugir da monocultura, observou Louis-Marie.

Para Camille, o grande desafio das cooperativas neste momento e, inclusive da Cotrijuí, é o de fazer com que estes pequenos agricultores que vem apostando na diversificação de suas atividades, possam fazer frente, via competitividade, aos grandes produtores. Tanto Camille como Louis-Marie acreditam no cooperativismo como uma força capaz de fornecer os meios necessários para que estes pequenos produtores possam continuar na atividade agrícola. "Se um pequeno agricultor, bem organizado e estruturado dentro da sua propriedade, não consegue avançar, a cooperativa tem a obrigação de trabalhar para que ele se torne competitivo", ressaltou ainda Camille.

A visita de Camille Rousseau e Louis-Marie Gobin intensificou os contatos políticos entre as duas cooperativas. "Conhecendo melhor a Cotrijuí, temos condições de propor novos projetos comuns junto a La Cana", disse Louis-Marie. Além da Cotrijuí, em Ijuí, os franceses, acompanhados por Argemiro Luís Brum, visitaram a Expo-Ijuí, a Unijuí, a Regional de Dom Pedrito, o Terminal da cooperativa em Rio Grande e a Fecotrig, em Porto Alegre.

Os lançamentos do Centenário



"Toda a narrativa é evocação, memória, recuperação do passado," lembram Mário Osório Marques e Lourdes Carvalho Grzybowski, ao citar Raul Castagnino, na coletânea fotográfica intitulada "História Visual da Formação de Ijuí - Rio Grande do Sul", lançada durante as comemorações do Centenário de Ijuí, no mês de outubro. Os primeiros anos, também são mostrados pelo professor Argemiro Jacob Brum, no livro "História da Picada Conceição (Barreiro)", que registra um panorama da evolução da localidade em que chegaram os primeiros imigrantes italianos de Ijuí. Dos lançamentos do Centenário também conta "Um Histórico da Agropecuária Conservacionista do Solo", em Ijuí-RS, organizado por Ludwig Reichardt Filho e Rivaldo Dhein. Todos foram publicados pela Editora Unijuí e integram a Coleção Centenário de Ijuí.

Recessão sem pacto é inviável

A afirmação é do diretor da Gazeta Mercantil



Luiz Fernando Levy

O futuro do Plano Collor foi tema da palestra proferida pelo presidente do Jornal Gazeta Mercantil, Luiz Fernando Levy, no dia 18 de outubro, no auditório do Parque de Exposições Assis Brasil. Segundo o jornalista e economista, o Plano conseguiu, num primeiro momento, decolar muito bem já que atingiu desde os mais pobres até os mais ricos. Na forma de aplicação, no entanto, o plano pecou pelo excesso de medidas provisórias e pela ausência de compreensão entre Executivo e Legislativo.

Na atualidade, segundo o jornalista, o plano está em crise devido os reflexos dos problemas no Golfo Pérsico, além daqueles provocados pela relação da ministra Zélia Cardoso de Mello com Bernardo Cabral, "que acabaram retardando os efeitos positivos que estão por vir".

Esses efeitos positivos, como abertura de retomada agrícola não estão desvinculados de um período recessivo já iniciado e que, de acordo com o jornalista, deve perdurar por mais oito meses. Frente a esta situação, Luiz Fernando Levy defende o pacto social. "É inviável que um País como o Brasil tenha recessão, sem que se tenha pacto social. A recessão leva ao desemprego, e num País em que temos o seguro desemprego praticamente nulo, teremos trabalhadores e empresas em grave situação".

O presidente da Gazeta Mercantil comentou ainda a dívida externa: "não se pode mais aceitar que um País como o Brasil sacrifique o seu povo em função do serviço da dívida, nos termos e volume, como tem ocorrido".

FORMICIDA
dinagro
D-455



DODECACLORO
dinagro

Via Anhangüera, Km 304 - Fone (016) 624-1205 - 624-1110 e 624-1326
RIBEIRÃO PRETO - São Paulo



DESMEMBRAMENTO

Na reta final

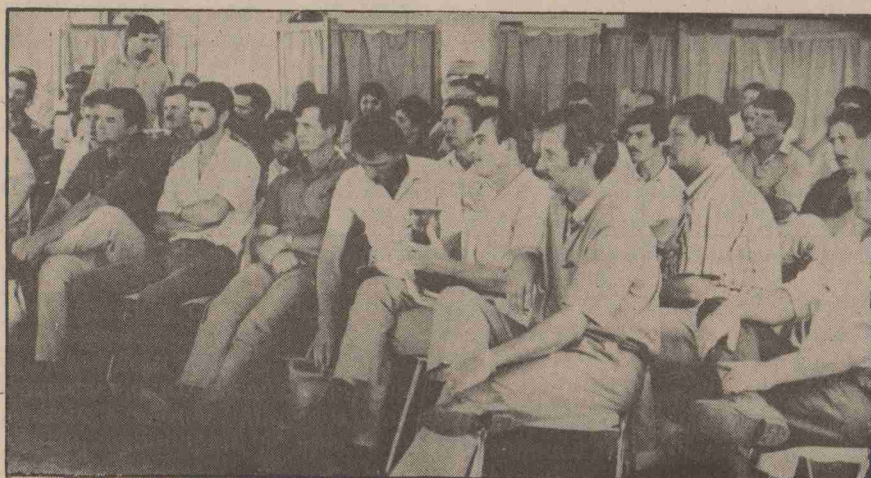
Nos dias 20 e 21 de novembro, os associados da Cotrijuí dizem sim ou não ao Relatório Final do Desmembramento e aos dois Estatutos Sociais da Cotrijuí e o da Cooagri. O resultado das urnas vai decidir, em definitivo, a questão da separação da Regional do Mato Grosso do Sul da Cotrijuí

O desmembramento da Regional do Mato Grosso do Sul — a ser confirmado pelo plebiscito — vai levar a Cotrijuí a redimensionar sua área de atuação, exigindo, inclusive, atualização do seu Estatuto Social. Ao dar autonomia econômica e política à Regional do Mato Grosso do Sul, a Cotrijuí está, não apenas fortalecendo o ideal de cooperação, como também atendendo a uma vontade expressa pela maioria do seu quadro social. Com a separação, a Cotrijuí continua com o domínio de todas as empresas subsidiárias e ainda marcas e patentes com as quais vinha trabalhando já há alguns anos.

A revisão e elaboração de uma nova proposta para o Estatuto Social da cooperativa ficou sob a responsabilidade do Conselho de Representantes da Cotrijuí com a assessoria dos Conselhos de Administração e Fiscal. Nos dias 20 e 21 de novembro, essa proposta elaborada para a Cotrijuí, mais a proposta de um novo Estatuto Social para a cooperativa originária da Regional do Mato Grosso do Sul, a Cooagri e ainda o Relatório Final do Desmembramento, passam pelo crivo do quadro social, que vai decidir se aprova ou não a decisão que já está meio caminho andado. Mas antes disso, em reuniões de núcleos, os associados vão analisar e discutir, uma a uma, as mudanças introduzidas na proposta estatutária elaborada pelo Conselho de Representantes.

POLÊMICOS — Durante quase cinco meses, o Conselho de Representantes da Cotrijuí — Regionais Pioneira e de Dom Pedrito — trabalhou, num total de 40 reuniões — em cima da proposta que já está sendo discutida pelo quadro social. Algumas destas reuniões foram polêmicas e de difícil entendimento, mas no final, prevaleceu o bom senso e o ideal cooperativista. A proposta final, retocada na última reunião do dia 30 pelos representantes das duas regionais, resultou num Estatuto Social com diretrizes enxutas e modernas. Dois temas, o da reforma administrativa e o da capitalização, deram o que falar, centrando a maior parte das discussões.

MUDANÇAS NO CONSELHO — A reforma administrativa foi um ponto da proposta do novo Estatuto de muita discussão e de difícil acerto. Quatro propostas chegaram a ser formuladas durante as discussões, mas a decisão final ficou entre duas delas, tomada em votação secreta. A proposta vencedora levou 42 votos e prevê a eleição de um presidente, um vice-presidente, dois superintendentes — um para cada uma das regionais —, 11 conselheiros efetivos e 11 conselheiros suplentes. Pela nova proposta, só poderão concorrer



Reunião com os representantes das Regionais de Dom Pedrito e Pioneira
Os últimos retoques na proposta do Estatuto Social

aos cargos do Conselho de Administração, aqueles associados atuantes, com no mínimo cinco anos de filiação à cooperativa.

O novo texto sugere mais ação e competência ao Conselho de Administração como um todo e determina, com maior precisão, as funções de cada diretor. Estabelece, por exemplo, que cabe ao Conselho de Administração elaborar o Regimento Interno que, após aprovação do quadro social, será colocado em prática. Outra sugestão proposta é que a liberação de crédito para produtores seja de fácil gerenciamento por todos os setores competentes, mas deixa claro que qualquer alteração nos critérios de liberação de crédito, deverá ser, obrigatoriamente, homologada pelo Conselho de Administração. A execução das deliberações do Conselho de Administração compete ao presidente, ao vice-presidente e aos dois superintendentes.

Ao vice-presidente, entre outras, a proposta estabelece a coordenação e a supervisão da execução dos serviços operacionais de recebimento, armazenagem, beneficiamento, industrialização e comercialização dos produtos; a coordenação e supervisão da política de compras e abastecimento e de prestação de serviços da cooperativa e ainda a supervisão e execução da contabilidade, responsabilizando-se por pagamentos, recebimentos, entre outros.

Para o superintendente, a proposta prevê uma atuação mais política. Sugere ainda como atribuição, assessoria ao presidente e ao vice-presidente na organização e execução dos serviços internos da respectiva Regional; coordenar e executar a política de administração de pessoal e de desenvolvimento de recursos humanos da respectiva Re-

gional; coordenar as atividades políticas e educativas desenvolvidas pelas Regionais junto aos seus associados e ainda coordenar a execução dos serviços de assistência técnica e social.

CAPITALIZAÇÃO — Outro assunto que não deixou por menos e que já vinha, há algum tempo, exigindo mudanças no critério de integralização do capital. Sugestões e reivindicações de toda a espécie, envolvendo o assunto, vinham sendo recebidas e catalogadas pela direção da cooperativa.

Alguns associados, principalmente os mais antigos — diziam sentir-se prejudicados, já que vinham sempre operando com a cooperativa, com capitalização permanente, mas usufruindo dos mesmos benefícios e direitos de outros associados não tão assíduos em seus deveres, especialmente os mais novos. Ainda havia quem reclamasse

do capital, considerando-o, como forma que vinha sendo operado —, como uma despesa e não um investimento. “A nova proposta diz o diretor presidente da Cooagri, Oswaldo Olmiro Meotti, pode atender a todos na amplitude desejada e nem promover a correção de todas as distorções, mas já representa um avanço”.

A nova proposta estabelece limites mínimos e máximos de integralização de capital. Isto, lembra Meotti, aproximadamente um terço do corpo associativo deve ser “capitalizar”. Ela ainda estabelece cotas fixas para a integralização das cotas tanto para os associados antigos como para os novos; faculta a alteração das cotas de integralização das cotas dos antigos que ainda não integraram suas cotas, a optarem pela modalidade, se assim desejarem, e caso contrário, eles podem continuar descontando um percentual sobre o produto entregue. Uma outra mudança importante do ponto de vista dos representantes, estabelece poderes ao Conselho de Administração para fazer chamada de capital especial em caso de necessidade da cooperativa para algum investimento. Essa chamada de capital pode ser de caráter especial, para atender a um determinado investimento ou geral, se o investimento for benéfico a todos.

O Estatuto Social, uma vez aprovado pela Assembleia Geral Extraordinária, será publicado, em sua íntegra, em uma das próximas edições do Cotrijornal, para maior conhecimento do quadro social.

Quem pode (e deve) votar

Nos dias 20 e 21 de novembro os associados da Cotrijuí, através de voto secreto, encerram, de uma vez por todas a questão da separação da Regional do Mato Grosso do Sul. A Assembleia Geral Extraordinária abre no dia 20, à tarde, seguindo-se de votação que prossegue durante todo o dia 21. A Assembleia só encerra no dia 22, com a promulgação do resultado do plebiscito.

Um fixas e itinerantes serão colocadas nos escritórios da Cotrijuí em todas as suas unidades, em sindicatos rurais, igrejas, salões comunitários, escolas e, em alguns casos, como em Dom Pedrito, em algumas agências bancárias. No primeiro dia de votação — 20 de novembro — as urnas estarão à disposição dos associados apenas pela parte da tarde. Mas no dia 21, os associados vão poder dar sua opinião sobre a proposta durante a manhã, no horário das 8,30 às 12,00 e pela tarde das 13,30 às 17,30 horas — consultar roteiros das urnas, horários e mesários nas páginas seguintes do Cotrijornal. Serão 115 urnas, entre fixas e itinerantes — aqueles que percorrem os núcleos do interior — à disposição dos associados, para que a maioria possa valer seu direito de decidir sobre o futuro da sua cooperativa. Mas é preciso que dois terços dos associados votantes digam sim ao Relatório técnico do desmembramento e aos Estatutos propostos, para que a se-

paração da Regional de Mato Grosso do Sul seja efetivada.

QUEM PODE VOTAR — Das 17.985 associados da Cotrijuí, incluindo as três regionais, apenas 13.900 estão aptos a exercer o direito de voto, representando 77,28 por cento do total de associados. Na Regional Pioneira, de um total de 12.493 associados, 11.381 estão aptos a votar, representando 91,09 por cento. Em Dom Pedrito, de um total de 1.195, 830 têm condições de votar, representando 69 por cento e, na Regional do Mato Grosso do Sul, de um total de 3.070, 2.249 associados podem votar, representando 73 por cento do total de matrículas.

Somente podem votar aqueles associados que entregaram sua produção até o dia 31 de dezembro de 1989. Não podem votar associados funcionários da Cotrijuí e nem a mulher pode assumir o lugar do marido. Só têm direito a voto aquelas produtoras de matrículas. Para votar, o associado deve apresentar sua carteira social. Ela funciona como título e, como tal deve ser carimbada no dia do plebiscito. O ideal é que o associado procure votar na Unidade em que entregou a sua produção. Caso esteja em trânsito, pode votar desde que comprove estar apto a exercer o direito ao voto. Esta comprovação pode ser feita através da apresentação de uma nota fiscal do bloco de produtor.

O MODELO DA CÉDULA

Na hora da votação, o associado irá receber, de um dos mesários, uma cédula semelhante a que estamos publicando abaixo. Nesta cédula, já rubricada, ele deve responder a pergunta, assinalando com um “X” a sua opção. Qualquer dúvida pode ser desfeita com os mesários.

APROVO O RELATÓRIO DA COMISSÃO TÉCNICA
PARA DESMEMBRAMENTO DA REGIONAL “MS”
E RESPECTIVOS ESTATUTOS SOCIAIS

☐ SIM

☐ NÃO

O roteiro das urnas

Nas dias 20 e 21 de novembro, numa terça e quarta-feira, os associados da Cotrijuf decidem de uma vez por todas a separação da Regional do Mato Grosso do Sul, que passa a formar uma nova cooperativa, sem qualquer vínculo político ou econômico com o Rio Grande do Sul. Neste segundo dia em que vão as urnas num período de seis meses — isso deixando de lado as eleições para governador, senado, Câmara dos Deputados e Assembleia Legislativa —, os associados terão, obrigatoriamente que dizer "SIM" ou "NÃO" para o Relatório da Comissão Técnica para o desmembramento e ainda para os dois Estatutos Sociais — o da Cotrijuf e o da cooperativa que está se constituindo no Mato Grosso, a Cooagri. As urnas já começam a circular pelo interior dos municípios — caso de Santo Augusto, Tenente Portela, Chiapetta, Ajuricaba e Coronel Bicaco — no primeiro dia de votação, logo após a abertura da Assembleia. Em outras Unidades — Ijuí, Jóiá, Erval Seco e Augusto Pestana — a votação começa, também no dia 20, mas com urnas na cidade — escritórios e mercados da Cotrijuf e Sindicatos Rurais. Só saem pelo interior no dia seguinte, a partir das 8:00 horas. Em Dom Pedrito, por exemplo, as urnas não vão percorrer o interior. O associado que quiser votar, terá de ir até a cidade. No Mato Grosso do Sul as urnas ficam fixas nos mercados e nas Unidades durante os dois dias de votação. Nas páginas seguintes, os horários e as localidades por onde deverão passar as urnas itinerantes nos dois dias de votação.

MATO GROSSO DO SUL

As urnas na Regional do Mato Grosso do Sul estarão abertas, de acordo com o roteiro abaixo, na terça-feira, dia 21 de novembro das 14,00 às 17,30 horas. Na quarta-feira, das 8,00 às 11,00 horas e das 13,00 às 17,00 horas.

Local	Local	Mesários
Coroados	Escritório	Silvio Durigon, Flori José Pelegrin e Ângelo Ximenes
Coroados	Supermercado	Olívio Boschetti, Geraldo Cornelli e Celso de Souza Silvério
Coroados	Loja	Klaus Waisemann, Neri Decian e Martina Gonçalves dos Santos
Cotrijuf	Escritório	Leonésio A. Hall, José Mello e Aldo L. de Almeida
Cotrijuf	Colégio Dom Bosco	Pedro L. de S. Netto, Atoapes Martins e Eduardo Brandt
Itaém	Escritório	Vergílio Ferri, Aurélio Zanella e Eloi Pedro Kraemer
Itaém	Escritório	Darci Quequeto, Joaquim José Ribeiro Filho e Evauto dos Santos
Santa Terezinha	Centro Comunitário	Reni Guerra, Darci V. Bender e Rogério Augusto Girardi
Itaó	Escritório	Silvio T. Tsunoda, Bento Rigo e Agomar Francisconi
Itaó	Supermercado	Antônio C. Teno, José Morassuti e Genes de Almeida
Itaó	Escritório	Pedro Triches, Anilvo L. Parizotto e Josias de Mello
Santa Rosa	Escritório	Roque José Linck, Norberto Schneider e Eron Ramos de Oliveira
Santa Rosa	Escritório	Arthemio Agostini, Danilo Pedrotti e Paulo Pereira de Moraes
Santa Rosa	Escritório	Douglas Ortiz Ferreira, Celestino Tomasi Dalla Nora e José Carlos F. Zanetti
Santa Rosa	Escritório	Jurandir Faustini, Lauri Bortolini e Solange Lobato
Santa Rosa	Loja	Waldemar R. Kossa, Aristides Tumelero e Valmir S. Vargas
Santa Rosa	Escritório	Selvino Wobeto, Jonei Schirrmann e Hamilton Salazar
Santa Rosa	Supermercado	Pio Venturini, Gilberto Matzembacher e Ilto Serpa
Santa Rosa	Escritório	Aldir Bazana, Abílio Vicenzi e Célio Rufino
Santa Rosa	Loja	Celso Figueira, Armino Camparim e Francisco Souza
Santa Rosa	Supermercado	Jodacir Manetti, Walter Limberger e João Desordi
Santa Rosa	Escritório	Paulo Siebert, Adelir Stralotto e Edimilson Casarim
Santa Rosa	Escritório	Lufs C. Meazza, Ivo Puntel e Helena do Nascimento
Santa Rosa	Supermercado	Valdomiro Barbosa, Bernardo Sponchiado e Paulo N. Francisconi
Santa Rosa	Escritório	Antônio Garcia, Jacomo Zanette e Bruno Lorscheider
Santa Rosa	Escritório	Nilo Cervo, Aldo Mariotti e Alberto Frizon
Santa Rosa	Supermercado	João Cândido Alves, Denis Bernardi e Gladimir S. do Nascimento
Santa Rosa	Escritório	Lutário Adolfo Berger, Henrique Bergoli e Elizete Ferreira de Souza

DOM PEDRITO

DIA 20 DE NOVEMBRO — TERÇA-FEIRA

Núcleo	Horário	Local	Mesários
Cotrijuf	14,00-18,00 hs	Escritório Central	João Michelena Martins e Francisco Amaral Machado
Cotrijuf	14,00-18,00 hs	Mercado da Lã	Gaspar Moura e Jorge Faria
Centro	14,00-18,00 hs	Casa do Produtor	Flávio Silva e Antônio Moreira Machado
Centro	14,00-15,30 hs	Sind. Trab. Rurais	Florácio Barreto e Amilton Chibiaque

DIA 21 DE NOVEMBRO — QUARTA-FEIRA

Cotrijuf	8,00-12,00 hs	Escritório Central	João Michelena Martins e Francisco Amaral Machado
Cotrijuf	14,00-18,00 hs		
Cotrijuf	8,00-12,00 hs	Mercado da Lã	Gaspar Moura e Jorge Farias
Centro	14,00-18,00 hs		
Centro	8,00-12,00 hs	Casa do Produtor	Flávio Silva e Antônio Moreira Machado
Centro	14,00-18,00 hs		
Centro	10,00-15,00 hs	Banco do Brasil	Décio Lanes e Cláudio Balsamo
Centro	10,00-15,00 hs	Banco Bradesco	Urbano A. Freire e Everton P. Soares
Centro	8,00-12,00 hs	Sind. Trab. Rurais	Florácio Barreto e Amilton Chibiaque
Centro	14,00-15,30 hs		

SANTO AUGUSTO

DIA 20 DE NOVEMBRO — TERÇA-FEIRA

Núcleo	Horário	Local	Mesários
São Valentim	14,00-16,00 hs	Salão Com.	Adão Ciotti, Nicanor Ceolin e Darci João Moresco
São Pedro	16,20-18,00 hs	Salão Com.	Carlos Alberto Paraginski e Marcos Luiz Tissot
São Jacó	14,00-16,00 hs	Salão Com.	Osvino Bartsch, Irineu Saggin, Peri da Ros e Batista Chiusa
Ponte Seca	16,20-18,00 hs	Salão Com.	Valter Tontini, Leopoldo da Silva Rocha e Ubirajara Nunes
São Luiz	14,00-17,00 hs	Salão Com.	Angelo Luiz Saggin, Genésio Brauzewein, Paulo Khal, Jorge Roncato e Abrelino Rigodanzo
Coroados	14,00-17,00 hs	Mercado Cotrijuf	Luiz Schreiber, Neri Radin, Luiz Tamiozzo e Paulo Basso
São Valério	14,00-18,00 hs	Mercado Cotrijuf	Jacques Delafloira, Mário Bussiol, Armino Bender, Ottilo Werner, José Ardemio Schlindwein e Osmar Menegon
Esq. Nossa Senhora de Fátima	14,00-16,00 hs	Salão Com.	Arlindo Schindler, Valumiro Calgaro, João Orlando Schindler
Costa do Turvo	16,20-18,00 hs	Salão Com.	Heitor Rodrigues Antônio, Carlos Rotilli e Jorge Luiz Nascimento
Passo da Lage	14,00-16,00 hs	Salão Com.	Irineu Pedro Pettenon, Bernardo Radin e Aparício R. Mafalda
Pedro Paiva	16,20-18,00 hs	Residência de Idalino Speroni	Idalino Speroni, Dari Speroni e Eloi Camargo Padilha
Assis Brasil	14,00-17,00 hs	Salão Com.	Arcelino Beazi, Eldevir Bordignon, Dirceu Prates Correa e Elton Luiz Lohmann
São Martinho	14,00-17,00 hs	Sindicato Trab. Rurais	Umberto Schmidt, Canísio José Welter, João Batista Fucilini e Wilton Emílio Treuherz
Centro	14,00-18,00 hs	Sindicato Trab. Rurais	Oswaldir Andrighetto, Clóvis Pompeu de Mattos, Cláudio Bertollo, José L. F. Gonçalves e Valcir Luiz Gonzatto
Unidade	14,00-18,00 hs	Escritório	Antônio Nicoli, Italvino Sperotto, João Pedro Lorenzon, Irani A. Gonzatto, Vitório Schio e Eurico Prauchner

DIA 21 DE NOVEMBRO — QUARTA-FEIRA

São Valério	8,00-12,00 hs	Mercado Cotrijuf	Jacques Delafloira, Mário Bussiol, Armino Bender, Ottilo Werner, José Ardemio Schlindwein e Osmar Menegon
Centro	8,00-12,00 hs	Sind. Trab. Rurais	Clóvis Pompeu de Mattos, Oswaldir Andrighetto, Cláudio Bertollo, José L. F. Gonçalves e Valcir Luiz Gonzatto
Unidade	8,00-12,00 hs	Escritório	Antônio Nicoli, Italvino Sperotto, João Pedro Lorenzon, Irani A. Gonzatto, Vitório Schio e Eurico Prauchner
Cotrijuf	14,00-17,00 hs		

ERVAL SECO

DIA 20 DE NOVEMBRO — TERÇA-FEIRA

Núcleo	Horário	Local	Mesários
Erval Seco	13,30-17,45 hs	Sind. Trab. Rurais	Mário Lunardi, Gerhard Dowich e José Ciro P. Rodrigues
Cotrijuf/Vila Dois Irmãos	13,30-17,45 hs	Escritório	Elbio Luiz M. de Moura, Pedro Giacomo e Edsim Hermel

DIA 21 DE NOVEMBRO — QUARTA-FEIRA

Erval Seco	7,30-15,30 hs	Sind. Trab. Rurais	Ingbert Dowich, Jair Rinaldi e José Ciro P. Rodrigues
Coronel Finzito	15,30-17,00 hs	Escola	Artur Rinaldi, Eliseu Demarchi e José Ciro P. Rodrigues
Cotrijuf/Vila Dois Irmãos	7,30-17,00 hs	Escritório	Denis Bridi, Tilo Magalhães e Aristides Arisoli Pinheiro

IJUÍ

DIA 20 DE NOVEMBRO DE 1990 - TERÇA-FEIRA

Cotrijuf/Sede	14,00-17,00 hs	Recepção	Eugênio R. Guewer e Jaime Wender
Mauá	14,00-17,00 hs	Mercado Cotrijuf	Armando R. Decker e Hari I. Soschinske
Linha 6 Norte - Tuiuti	14,00-17,00 hs	Mercado Cotrijuf	Oswaldo Oster e Nelson Freitag
Santa Lúcia	14,00-17,00 hs	Mercado Cotrijuf	Valdir Costa Beber e Ledofno Massafra
Salto	14,00-17,00 hs	Mercado Cotrijuf	Abílio Gelatti, Romeu A. de Jesus
Coronel Barros	14,00-17,00 hs	Mercado Cotrijuf	Ehrard Kuhn e Sênio Kirst

DIA 21 DE NOVEMBRO DE 1990 - QUARTA-FEIRA

Linha 8 Oeste	8,00- 9,30 hs	Pavilhão Igreja Evangélica	Rudi Bonemann e Arlindo Treter
Linha 6 Oeste	10,00-11,30 hs	Escola	Valdir José Pascoal e Olmiro Diana
Esquina Dutra	13,30-15,30 hs	Escola	Alécio F. Pascoal e Vilmar Treter
Linha 6 Oeste	16,00-17,00 hs	Escola	Valdir Glass e Oldemar Brissow
Esquina Heidmann	8,00-10,00 hs	Salão Com.	Valdir Ferrari e Pedro Dalla Rosa
Linha 11 Oeste	10,15-11,30 hs	Escola João Pessoa	Dante Antônio Boniatti e Ademair Antônio Agostini
Vila Santo Antônio	13,30-15,30 hs	Escola	Avelino José Duarte e Arno Berno
Vila Santo Antônio	16,00-17,00 hs	Afumisa	Israel Fernandes Rocha e Harry Carlos Wächter
Itaf	8,00-12,00 hs	Mercado Cotrijuf	David Lorenzoni e Nelson Uchert
Linha 2 Oeste	13,00-17,00 hs	Mercado Cotrijuf	Dário Schirmer e Paulo Gutknecht
Coronel Barros	8,00-10,00 hs	Centro Comunitário	João Makoski e Luis Karlinski
Povoado Santana	10,15-11,30 hs	Escola	Francisco Adão Kusiak e Nelson Piasecki
Linha 5 Leste	13,30-15,30 hs	Salão Comunitário	Helmuth Guth e Erno A. Prauchner
Linha 6 Leste	15,45-17,00 hs	Escola Pedro Álvares Cabral	Mário D. Jacoboski e Dari Winkoski
Linha 4 Leste	13,30-15,30 hs	Salão Paroquial	Enio Sadi Tiecker e Selvino Wender
Linha 7 Leste	10,00-11,30 hs	Centro Comunitário	Alberto Andriollo e Alarico D. Ceretta
Posto Florestal	18,00- 9,30 hs	Clube	Victório A. Muraro e Elmário Kort
Linha 4 Leste	15,30-17,00 hs	Centro Comunitário	Severino L. Goi e João Rosanelli
Aula Ijuicense	8,00- 9,00 hs	Escola João Danis	Alberio Noronha e João C. N. Martins
Alto da União	9,30-11,30 hs	Centro Comunitário	Orlando Becker e Ary A. Golle
Parador	13,30-15,30 hs	Centro Comunitário	Reinoldo Dobler e Wilson Dobler
Rincão da Ponte	16,00-17,00 hs	Centro Comunitário	Silvino J. Goi e Gilmar R. Didoné Goi
Araci Serves	8,00- 9,30 hs	Escola	Waldemar Kryczum e Arlei Herrmann
Rincão do Tigre	10,00-11,30 hs	Escola	Francisco Milani e Waldemar Kryczum
Rincão dos Goi	13,30-15,00 hs	Escola	Orlando J. Thomas e Valdir José Dezordi
Arroio das Antas	15,30-16,30 hs	Escola	Leocir Wadas e Antenor José Vione
Rincão dos Fabrin	8,00-10,00 hs	Escola	Egídio Bin e Reny Soquetta
Linha Base Sul	10,30-11,30 hs	Salão Comunitário	Valdemar Freitag e Arlindo Seifert
Barreiro	13,30-15,00 hs	Pavilhão Comunitário	Arlindo Schreiber e Edgar Willig
Chorão	15,30-17,00 hs	Escola	Guilherme Commandeur e Arno Arlindo Beck
Linha 2 Norte	8,00-12,00 hs	Mercado Cotrijuf	Oldemar Decker, Augusto da Silva e Vilson Brudna
Linha 6 Norte	13,00-17,00 hs	Mercado Cotrijuf	Egon Müller e Valmir G. Kettenhuber
Tuiuti	8,00-11,30 hs	Mercado Cotrijuf	Arno Arlindo Beck e Rui Onofre Bonamigo
Linha 11 Norte	13,00-17,00 hs	Mercado Cotrijuf	Flávio Martini e Balduino Ketzer
Sind. Trab. Rurais de Ijuí	13,30-15,00 hs	Escola	Vidolino Bagetti e Zeno Lauro Heck
Sind. Rural de Ijuí	8,00-12,00 hs	Recepção	Valmor L. Kriczum
Dr. Bozano	13,00-17,00 hs	Recepção	Júlio Gabbi
Saltinho	8,00-10,00 hs	Centro Comunitário	Milton Brudna e Carlos Heinz
Boa Esperança	10,15-11,30 hs	Escola	Egon Eickhoff e Léo Hoffmann
Linha 8 Leste	8,00-12,00 hs	Salão Farroupilha	Élio Fachin e Antenor de Lima Batista
Farroupilha	13,00-17,00 hs	Centro Comunitário	Lourenço Francisconi e Nelson I. Casagrande
Linha 8 Leste	15,30-17,00 hs	Centro Comunitário	Silvestre A. Netto e Evaldir Moraski
Floresta	8,00- 9,30 hs	Salão Farroupilha	Airton da Rosa e Almir Bigolin
Linha 11 Leste	10,00-11,30 hs	Centro Comunitário	Luiz C. Buzanello e Augusto J. Denes
Rincão dos Letos	13,30-15,00 hs	Escola	Cerilo G. Kromberg e Cezar A. Copetti
Linha 8 Leste	15,30-16,30 hs	Salão Kapke	Vanderlei Glitzenhirn e Naldir Ledermann
Esquina Kapke	8,00-12,00 hs	Mercado Cotrijuf	Nilton Göettens e Anatalino dos Santos
Santa Lúcia	13,00-17,00 hs	Mercado Cotrijuf	Severino Costa Beber e Amarildo Vieira
Salto	8,00-12,00 hs	Mercado Cotrijuf	Euclides Gabbi e Marcílio Cossetin
Rincão da Lage	13,00-17,00 hs	Mercado Cotrijuf	Antônio Vilani e Antônio Cervés Sobrinho
São Miguel	8,00- 9,30 hs	Centro Comunitário	Luiz da Rosa e Frederico Casali
São Valentim	10,00-11,30 hs	Centro Comunitário	Leonildo A. Gabbi e Renato Cossetin
Rincão dos Pinheiros	13,30-14,30 hs	Salão Comunitário	Amadeu Stochero e Artur Sartori
Vista Alegre	14,45-15,45 hs	Escola	Euclides M. Gabbi e Jaime Gabbi
Cotrijuf Sede	16,00-17,00 hs	Salão Comunitário	Alfredo Dal Forno Sobrinho e Archilio Gabbi
	8,00-12,00 hs	Recepção	Valdir Zardin e Juarez Muraro
	13,30-17,00 hs	Recepção	Mariano Sartori e Rudi Bonemann

AUGUSTO PESTANA

DIA 20 DE NOVEMBRO - TERÇA-FEIRA

Núcleo	Horário	Local	Mesários
Unidade	14,00-17,30 hs	Mercado	Valdenor Bernardi, Bruno Sand, Romeu Rohde e Leonair Sost
Rosário	14,00-17,00 hs	Mercado Cotrijuf	Paulo Anesi, Alzevir Tassinari e Mario Fossati

DIA 21 DE NOVEMBRO - QUARTA-FEIRA

Unidade	8,00-12,00 hs	Mercado	Alberto Bauer, Hardi Wink, Romeu Rohde e Leonair Sost
	14,00-17,00 hs	Mercado	Oswaldo Brem, Silvino Wender, Romeu Rohde e Leonair Sost
Boca da Picada	8,00-11,00 hs	Escola	Waldemiro Back, Ernesto Suzbach e Pécio Ladwig
Esquina Renz	8,00-11,00 hs	Escola	Waldir Walter, Harri Renz, Adelino dos Santos
Rincão dos Müller	8,00-11,00 hs	Salão Com.	Oldemar Schneider, Leonair Müller e Alberto Rosseto
Linha Santo Antônio	8,00-11,00 hs	Escola	Menno Desbessel, Sigmar J. Delmar Stamborowski
Ponte do Ijuizinho	8,00-11,00 hs	Escola	Egon P. Heuser, Erno Schneider, Gladis Beck
Rincão dos Pampas	8,00-11,00 hs	Escola	Omar Reimann, Amauri Uchert, Mário Fossati
Marmeleiro	8,00-11,00 hs	Salão Com.	Elmar Steinagel, Renato Heuser e Valdir Goergen
Linha São João	8,00-11,00 hs	Salão Com.	João Emílio Schneider, Orlando Rhoden e Jacinto Marsaro
Fundo Grande	8,00-11,00 hs	Escola	Eldoir Sost, Arno Goergen, Aneli Selle
Cambará	8,00-11,00 hs	Escola	Wilson Fritz, Arno Ladwig e Jorge Schifer
Parafso	8,00-11,00 hs	Salão Com.	Valdemor Bernardi, Hubert Drees e Clairton Matte
Linha Progresso	8,00-11,00 hs	Salão Com.	Romélio Marcks, Nestor Bruinsma e Jacinto Marsaro
Rincão Comprido	14,00-17,00 hs	Salão Com.	Santo V. Menegol, Cires Gubert, Aneli Selle
Ijuizinho	14,00-17,00 hs	Escola	Ilceu Ruckert, José Moacir e Adelino dos Santos
Bom Princípio	14,00-17,00 hs	Salão Com.	José F. Weiller, Amauri Schneider, Valdir Goergen
Rincão dos Ferreira	14,00-17,00 hs	Escola	Olávio Hoerlle, Murilo C. Netto e Clairton Matte
Rincão Seco	14,00-17,00 hs	Salão Com.	Emílio Hasse, Sigwart Drews e Delmar Stamborowski
Esquina Gaúcha	14,00-17,00 hs	Salão Com.	Mirto Drews, Hélio Helblach e Mário Fossati
Arroio Bonito	14,00-17,00 hs	Escola	Lufs Bauer, Neri Menegol e Cláudio Fraga
São Miguel	14,00-17,00 hs	Salão Com.	Ricardo Guiotto, Aldair Marsaro e Pécio Ladwig
Formigueiro	14,00-17,00 hs	Salão Com.	João Scarton, Sérgio Menegol e Jorge Schifer
Rincão do Progresso	14,00-17,00 hs	Escola	Lufs A. Ceribola, Oliver Sostmayer e Alberto Rosseto
Ponte Branca	14,00-17,00 hs	Escola	Romaldo Müller, Lúcio Link, Nael Quevedo
Fundo Alegre	14,00-17,00 hs	Escola	Erni Papke, Pedro Goergen e Leonair Sost
Rincão dos Klein	14,00-17,00 hs	Escola	Jorge Matte, Milton Krüger, Paulo Fay

JÓIA

DIA 20 DE NOVEMBRO - TERÇA-FEIRA

Núcleo	Horário	Local	Mesários
Unidade	13,30-17,30 hs	Escritório	Jorge A. Conceição, Orivaldo da Silva, Adilson R. R. Bohrer

DIA 21 DE NOVEMBRO - QUARTA-FEIRA

Unidade	8,00-11,30 hs	Escritório	Romanguera C. do Amaral, Antônio D. R. Sartori, Adilson R. R. Bohrer, Gilseu F. Pinheiro
São Pedro	8,00-11,30 hs	Posto Cotrijuf	Valdir R. Sartori, Valdir J. Lacerda, Oneide Burtet, Odiratan Trevisan
Cará	13,30-17,30 hs	Mercado Patias	Arthur Bazzan, Pedro Solano Moura, Valdir J. Patias, Marcos Bremm
Cel. Lima	8,00-11,30 hs	Esc. Cel. Lima	Antônio C. Conceição, Honório Burtet, Jorge O. Costa
Esq. Sto. Antônio	8,00-11,30 hs	Bolicho João Pedrosa	José A. Conceição, Cláudio Pascoal, Dorval Teixeira
São José	8,00-11,30 hs	Mercado Andreatta	Ornelio Selle, Jânio Andreatta, Paulo G. Stalschuss
Potrelinhos	8,00-11,30 hs	Esc. Inácio Montanha	Jorge Cleiton Gonzales, Brasil da Rosa, Jorge Domeles
Carajá Grande	8,00-11,30 hs	Esc. Angelo H.	João D. Oliveira, José C. R. Vianna, Soni A. Goulart
São João Mirim	8,00-11,30 hs	Bolicho João F. da Silva	Francisco V. Siqueira, Elias Burgin, Jair Mello
Rincão dos Machados	8,00-11,30 hs	Escola Padre Antônio Vieira	Olmiro Machado, Setembrino Silva, Silvanir Goulart
Rincão dos Machados	8,00-11,30 hs	Esc. Fernando Ferrari	José Gabriel Machado, Elvir Schneider, Romir Maboni
São Roque	8,00-11,30 hs	Salão Paroquial	Aquiles Della Flora, Gildo Menegazzi, Valderino Ferrari
São João da Bela Vista	8,00-11,30 hs	Esc. José do Patrocínio	Emesto Strada, João M. R. Padilha, Sebastião Siqueira
Centro de Jóia	10,00-12,00 hs	Banrisul S/A	Oracido Reis Silva, João Mário Padilha, Rozimari S. Dezordi

TENENTE PORTELA

DIA 20 DE NOVEMBRO — TERÇA-FEIRA

Horário	Local	Mesários
13,30-14,00 hs	Salão Com.	Carlos Ortolan e Neri Selle
14,00-15,00 hs	Salão Com.	Antônio Rigo e Daniel Heuser
15,30-16,00 hs	Salão Com.	Francisco Tuzzin e Erno Welmer
16,00-17,00 hs	Salão Com.	Milton Calgaro, José Martinelli e Felix Gotardo
17,00-18,00 hs	Salão Com.	Milton Calgaro, José Martinelli e Félix Gotardo
13,30-14,00 hs	Salão Com.	Afonso Ritter e Carlos Bandeira
14,00-15,00 hs	Salão Com.	Aléssio Fontaniva e Theobaldo Ludtke
15,30-16,30 hs	Salão Com.	Aquiles Balestrim e Ludovino Splendor
16,30-17,30 hs	Salão Com.	Luiz Zordan e Augusto Botura
13,30-14,30 hs	Salão Com.	Licério Micolino e José Comiotto
15,00-16,00 hs	Salão Com.	Izalino Pavinato e Enor Carniel
16,30-17,30 s	Salão Com.	Deoclides Eloy e Sérgio A. Didoné
13,30-18,00 hs	Mercado	Waldemar Grutzmann, Natanael Rigo e Ubirajara de Mattos
13,30-18,00 hs	Mercado	Osmar Selle, Antônio Köller e Ademir Schneider
13,30-18,00 hs	Mercado	Ivo Figur, Fredolino Jager e Otacilio de Oliveira
13,30-18,00 hs	Mercado	Arnaldo Hermann, Alfredo Mower e Ademar Hanke
13,30-18,00 hs	Escritório	Nelson Coldebella, Luiz Bassani e Almir Bagega
13,30-17,00 hs	Posto de Leite	Anselmo Garcia da Rocha, José Monteiro e Edemar Siqueira

DIA 21 DE NOVEMBRO — QUARTA-FEIRA

8,00-8,30 hs	Salão Com.	Zelindo Pilatti e Valdir Pedro Gabriel
9,00-10,00 hs	Salão Com.	Ermilo Betio e João S. da Luz
10,00-10,30 hs	Salão Com.	Antônio Silvestre e Mário Paier
11,00-12,00 hs	Salão Com.	Claudino Verdi e Vilmar Verdi
13,30-14,00 hs	Salão Com.	Olídio Lorenzi e Leonório Tomazi
14,30-15,30 hs	Salão Com.	Selênio Sandri e Sérgio Didoné
16,00-17,00 hs	Salão Com.	Selênio Sandri e Sérgio Didoné
13,30-14,00 hs	Salão Com.	Celso Fontana e Benjamin Bandeira
14,30-15,30 hs	Salão Com.	Oldemar Ruff, Odilon Rigo e Luiz Zordan
16,00-17,00 hs	Salão Com.	Oldemar Ruff, Odilon Rigo e Luiz Zordan
8,00- 9,00 hs	Salão Com.	Mário Paludo e Dilva Sofiatti
9,30-10,30 hs	Salão Com.	Euclides Rossetti e Valdir Furini
10,30-11,30 hs	Salão Com.	Roque Furini, Gabriel Vicenzi e Geraldo Zounar
13,30-14,30 hs	Salão Com.	Arlindo Albrech e Delmar Fruhling
14,30-15,00 hs	Salão Com.	Willi Walk e Enio Ganascini
15,30-16,30 hs	Salão Com.	Bruno Arnemann, Evalth Borth e Nelson Donath
16,30-17,30 hs	Salão Com.	Bruno Arnemann, Evalth Borth e Nelson Donath
8,00-17,30 hs	Mercado	Elmo Elsenbach, Eugênio Bagega e Ubirajara de Mattos
8,00-17,30 hs	Mercado	Irmo Linn, Antenor Andreatta e Ademir Schneider
8,00-17,30 hs	Mercado	Bernardo Figur, Anildo Schmidt e Otacilio Oliveira
8,00-17,30 hs	Mercado	Arlindo Valk, Mauro Gutierrez e Ademar Hanke
8,00-17,30 hs	Escritório	Dealmo Schneider, Danilo Bassani e Jaime de Carl
8,00-17,30 hs	Posto Leite	Albino Schepp, Paulo Matter Edemar Siqueira

CHIAPETTA

DIA 20 DE NOVEMBRO — TERÇA-FEIRA

Horário	Local	Mesários
13,30-17,00 hs	Mercado	Luizinho Fernandes Eneas, José R. de Oliveira e Osmar Widthauer
13,30-17,00 hs	Sede	Lucas Sansonovicz, Oromir Dietrich e Alfredo Blass
13,30-15,00 hs	Salão	Josenei Rigon, Dirceu A. Ghem e Peri Rolim Machado
15,30-17,30 hs	Salão	Josenei Rigon, Irineu Minuzzi Stopiglia e Joel Antônio G. Stopiglia
13,30-15,00 hs	Escola	Dirceu Ottonelli, Dari Schumacher e Carli José Weber
15,30-17,00 hs	CTG	Dirceu Ottonelli, Dari Schumacher e Waldori Armando Rosa

DIA 21 DE NOVEMBRO — QUARTA-FEIRA

7,30-12,00 hs	Mercado	Luizinho Fernandes Eneas, José R. de Oliveira e Osmar Widthauer
13,30-17,30 hs		
8,00-12,00 hs	Sede	Lucas Sansonovicz, Oromir Dietrich e Alfredo Blass
13,30-17,30 hs		
8,00- 9,30 hs	Escola	Dirceu Ottonelli, Clauzenir Strada e Ivo Mariano Foletto
10,00-12,00 hs	Escola	Dirceu Ottonelli, Armando Ratz e Pedro F. Scheibler

CORONEL BICACO

DIA 20 DE NOVEMBRO — TERÇA-FEIRA

Núcleo	Horário	Local	Mesários
Unidade Cotrijuf	13,30-17,45 hs	Escritório	Erich Breunig, Adelir Zanella
Unidade Cotrijuf	13,30-17,45 hs	Mercado	Constante Dela Flora e Éblio A. Guterres
Centro	13,30-17,45 hs	Sind. Trab. Rurais	Iraní A. dos Santos e Paulo Rigodanzo
Esq. Mendonça	13,30-14,30 hs	Escola	Aristides F. Almeida, João Carlos F. Batista e Adair Hendges
Canhada Funda	14,30-15,30 hs	Escola	João Saquet Garcez, Nicolau Cortes Bueno e Adair Hendges
Sítio Kerpel	15,30-16,30 hs	Escola	Eduardo da Rocha Neto, Lurdes S. Kerpel e Adair Hendges
Sítio Bindé	16,30-17,30 hs	Escola	Roberto Alberto Kunzler, Luiz Batista Deplere e Adair Hendges
Galpões	13,30-14,30 hs	Pavilhão Comunidade	Osmildo Bieleski, Wilson Saldanha Ribeiro e Carlos Baroni
Esq. Evangélica	14,30-15,30 hs	Escola	Vilmar da Silva Ávila, Alceu Antônio Hermel e Carlos Baroni
Estância Velha	15,30-16,30 hs	Escola	Clair A. Birkhann, Antônio de Moura Reis e Carlos Baroni
Rincão dos Júlio	16,30-17,45 hs	Escola	Loir Soares de Oliveira, Dorvil Júlio Ribeiro e Carlos Baroni
Sítio Olivério	13,30-14,30 hs	Escola	Antônio Moraes, Leoni Barriquello e Jair Bazan
Braga	14,30-16,30 hs	Sind. Trab. Rurais	Ari Maffi, Eliseu José Schawab e Jair Bazan
Linha São José	16,30-17,45 hs	Escola	Umberto Rocha, Hugo Lauro Dieckow e Jair Bazan

DIA 21 DE NOVEMBRO — QUARTA-FEIRA

Unidade Cotrijuf	7,30-17,45 hs	Escritório	Mário Scopel, Adolfo Sallet, Jorge A. Santos e Clarice Schmidt
Unidade Cotrijuf	7,30-17,45 hs	Mercado	Álvaro Rutilli, Hermogênio B. Almeida e Clóvis Zorzan
Centro	7,30-17,45 hs	Sind. Trab. Rurais	Iraní A. dos Santos, Braulio M. da Rocha e Carlos Baroni
Turvinho	7,30- 9,00 hs	Escola	Antônio Sadi Radaelli, Jardelino M. dos Santos e Adair Hendges
Vila São Pedro	9,00-10,00 hs	Escola	João Walter B. da Silva, Sebastião B. Germano e Adair Hendges
Esq. São João	10,00-11,30 hs	Pavilhão da Comunidade	Arão Oliveira de Souza Gomerindo Manhabosco e Adair Hendges
Sítio Lutz	13,30-14,30 hs	Escola	Olíbio Cossul, Jorge Amaral e Adair Henges
Sítio Mairoso	14,30-15,30 hs	Escola	Oldemar Lutz de Barcelos, Oldelino L. Barcelos e Adair Hendges
Esq. Aparecida	15,30-16,30 hs	Escola	Elio Semionato, Milton de M. Guterres e Adair Hendges
Paineira	16,30-17,45 hs	Escola	Osvaldo D. Cordenunzi, Hélio J. Bueno Berfesi e Adair Hendges
São Pio X	7,30- 8,30 hs	Pavilhão da Comunidade	Ademiro Fava, Ancelmo Gonzato e Jair Bazan
Vista Alegre	8,30- 9,30 hs	Pavilhão da Comunidade	Verno Jung, Irineu B. Giacomini e Jair Bazan
Sítio Casemiro	9,30-10,30 hs	Escola	Valcir Dallabrida, Jurandir Maron e Jair Bazan
Sítio Bombardelli	10,30-11,45 hs	Escola	Luiz Carlos Fava, Olívia Rodrigues da Silva e Jair Bazan
Redentora	13,30-15,30 hs	Sind. Trab. Rurais	Olmiro Radons, Ivo Fava e Jair Bazan
Vila Sallet	15,30-17,00 hs	Escola	João Demiquelli e Carlos Martins Sallet

AJURICABA

DIA 20 DE NOVEMBRO — TERÇA-FEIRA

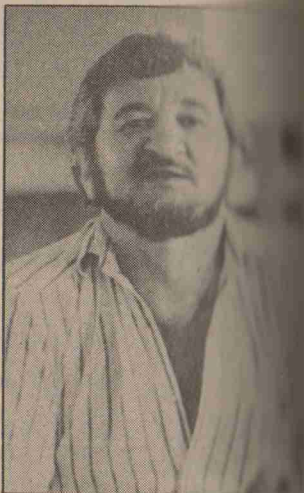
Núcleo	Horário	Local	Mesários
Unidade	13,30-17,00 hs	Escritório Cotrijuf	Jânio Ottonelli, Lucídio Colatto e Olímpio Bandeira
Linha 28	13,30-17,00 hs	Mercado	Florianio Breitenbach, Egon Gerke e Francisco A. Gonzalo
Pinhal	13,30-17,00 hs	Mercado	Vitalino Francisconi, Alzevir de Marchi e Valdir Jusviak
Formigueiro	13,30-17,00 hs	Mercado	Fredolin Mülbeier, Helvin Matter e Elvio L. Bandeira

DIA 21 DE NOVEMBRO — QUARTA-FEIRA

Unidade	7,30-12,00 hs		Paulo Ottonelli, Clementino Sperotto e Olímpio Bandeira
	13,30-17,00 hs	Escritório Cotrijuf	Erani Sangiolo, Edgar Freier e Francisco Gonzalo
Linha 28	7,30-12,00 hs	Mercado	Neri Luís Bona, Dair Fischer e Valdir Jusviak
Pinhal	13,30-17,00 hs	Mercado	Emílio Uhde, Hugo Körchner e Elvio L. Bandeira
Formigueiro	7,30-12,00 hs	Mercado	Nelson Guerin, Francisco Dallabrida e Eno Ruppel
Linha 27	13,30-17,00 hs	Esc. Souza Docca	Máximo Breitenbach, Hildádio Dallabrida e Eno Ruppel
Linha 29	7,30-10,00 hs	Capela São Jorge	Miguel Sapiezinski, Valdir Monchmidt e Eno Ruppel
Linha 30	10,15-12,00 hs	Esc. Luiz de Camões	Breno A. Santos, Diomar Mafalda e Eno Ruppel
Timbozal	15,30-17,00 hs	Clube Ouro Verde	Aildo Maçala, Vilmar Marquizein e Francisco A. Traesel
Linha 18	8,00-11,00 hs	Capela Nossa Senhora da Paz	

Cotrijuí, grande arrecadadora

A Cotrijuí é uma grande fonte arrecadadora de tributo, mas recebe pouca atenção do poder público. O presidente Oswaldo Meotti volta a reclamar a ligação asfáltica - extensão de quatro quilômetros - entre a sede da cooperativa e a BR-285



Oswaldo Meotti
Reclamando da pouca atenção

Levantamento feito pelas prefeituras de dez municípios da região Noroeste do Estado, dois da região missioneira e um da Campanha gaúcha, totalizando 13 unidades, apresenta a Cotrijuí como a grande arrecadadora de ICMS. O levantamento tomou por base as vinte maiores empresas de cada um dos municípios da amostragem, num total de 260 empresas. Os municípios constantes da pesquisa foram, Ijuí, Santo Augusto, Tenente Portela, Miraguai, Coronel Bicaco, Chiapetta, Ajuricaba, Augusto Pestana, Jóia e Erval Seco, todos da região Noroeste. São Luiz Gonzaga e Roque Gonzales na região das Missões e Dom Pedrito, na Campanha.

É comum que os valores arrecadados pela Cotrijuí somem o dobro do ICMS das empresas colocadas em segundo lugar. E não é raro também que a Cotrijuí ocupe todos os primeiros lugares na colocação, pois em alguns deles ela recolhe sobre outras rubricas do CGC. Citamos os municípios de Miraguai, que através de três itens de CGC a Cotrijuí recolhe o dobro da soma das demais 17 empresas que formam o grupo das 20 maiores arrecadadoras.

Outro município que dá um demonstrativo muito singular, é Ajuricaba. Neste município a Cotrijuí coloca-se em 1º, 2º, 5º, 6º, 8º, 14º e 16º lugares, sendo responsável, sozinha, por 68,06% do total arrecadado. Em Augusto Pestana a Cotrijuí ocupa os três primeiros lugares da lista de 20 empresas, e em Tenente Portela, o 1º, 2º e 5º lugares. A Cotrijuí só não está colocada nos primeiros lugares da performance em São Luiz Gonzaga e Erval Seco. Mesmo assim já apare-

ce em boa colocação, apesar de trabalhar há pouco ali.

DESENVOLVIMENTO E HARMONIA - O presidente da Cotrijuí, economista Oswaldo Olmiro Meotti, falando a respeito dessa presença econômica da cooperativa na economia dos municípios gaúchos e do próprio Estado, disse que o mais importante ainda é que o desenvolvimento econômico acontece sempre num clima de perfeita harmonia e paz social. Onde quer que esteja, ela age como sujeito de concórdia. Quer irradiando forças de dentro de si mesma, quer orientando e estimulando seu quadro social, e as próprias comunidades, a buscarem o desenvolvimento integrado, a Cotrijuí vem representando um contraponto de equilíbrio entre as necessidades e conquistas da sociedade, numa era de grandes dificuldades para toda a comunidade nacional.

E não fora a infra-estrutura criada pelas cooperativas, ou por consequência delas, ressaltava Oswaldo Meotti, a situação do país hoje, seria praticamente insustentável. E os políticos, pelo menos nos discursos eleitorais, têm destacado a importância do trabalho que elas desempenham, principalmente aquelas que compõem o segmento dedicado à produção primária.

FALTA SINCERIDADE - Infelizmente, porém, queixa-se o presidente Meotti, tem faltado sinceridade da parte de muitos órgãos públicos, em termos de participação e colaboração para com o sistema. O cooperativismo é das poucas entidades associativas que só reivindicam soluções em termos coletivos, nunca com objetivos personalistas. No entanto, é comum que as solicitações do sistema sejam esquecidas por muito mais tempo ou até abandonadas sem

qualquer solução.

SANTA ENGRÁCIA - É do folclore popular as chamadas "obras de santa engrácia", uma santa que não existe, que se evoca para justificar as obras, ou promessas impossíveis. O presidente Meotti enquadra o trecho, de cerca de quatro quilômetros que separam o complexo empresarial Cotrijuí da BR-285, em Ijuí, nessa categoria.

Disse ter esquecido o número de vezes que ouviu de autoridades do setor rodoviário, promessas de asfaltar o pequeno trecho, de fundamental importância para o

acesso à Cotrijuí, para quem demanda à rodovia federal. No entanto, exclama com visível desânimo, "estamos, a esta altura, perdendo as esperanças de ver a obra realizada. É o asfaltamento ali é tanto mais necessário, como é do pleno conhecimento das autoridades responsáveis, pelo fato do forte afluxo da estrada, o que inviabiliza o trânsito de veículos pesados em dias de chuva.

A nossa esperança agora, diz o presidente, é que as autoridades tomem conhecimento da importância da Cotrijuí em termos econômicos

e sociais, principalmente na região Noroeste do Estado, e nos dediquem um pouco mais de atenção. E com a virada dessa atenção para os municípios da região, vamos o asfaltamento dos quatro quilômetros que separam o lado Oeste de Ijuí da BR-285, uma reivindicação, por sua importância e necessidade, vai além da Cotrijuí e da comunidade ijuiense, atingindo toda a comunidade regional, finalizou Oswaldo Meotti.

Cooperativismo de Crédito Rural. O lucro é seu.



Existem muitas maneiras de você guardar o seu dinheiro: o cofre, o "porquinho", o colchão...

Mas, indiscutivelmente, a maneira mais segura e com maior rentabilidade é o Cooperativismo.

A sua Cooperativa de Crédito Rural tem depósitos à vista com cheque compensável, cheque especial, quotas de capital corrigidas mensalmente, caderneta de poupança em convênio com o Banco do Brasil, operações financeiras de curto prazo, empréstimos rurais, empréstimos de curto pra-

zo, seguros, recebimento de luz, telefone, carnês, etc., e orientações sobre financiamentos e outras do interesse dos associados.

Conheça as vantagens do

Cooperativismo de Crédito Rural. Cada conta representa mais recursos para aplicação na própria comunidade.

De mais a mais, você não é apenas um correntista: na Cooperativa de Crédito Rural você é o DONO.

Venha para a Cooperativa de Crédito Rural de sua cidade. Você receberá um lucro que é todo seu.



CREDIPEL

Cooperativa de Crédito Rural Pestanense Ltda.
Rua Venâncio Aires, s/n
Fone: (055) 334-1148
98.740 - AUGUSTO PESTANA - RS



CREDIAJU

Cooperativa de Crédito Rural de Ajuricaba Ltda.
Rua do Progresso, s/n
Fone: (055) 124 ou 147 - Ramal 12
98.750 - AJURICABA - RS



COTRIEXPORT

CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

PARA SEGUROS DE:

INCÊNDIO - VEÍCULOS - VIDA - ACIDENTES PESSOAIS - RESIDENCIAIS E OUTROS

Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513 - Fone 332-3765

Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342

3º andar - Fone 28 31 55

Mudanças em discussão

Poucas dúvidas foram desfeitas, mas encontro oportunizou maior aproximação entre governo e setor privado. Mas ficou o alerta para uma futura crise no setor tritícola, caso as regras para a nova sistemática de comercialização não sejam definidas o mais rápido possível



O Fórum Nacional "O Trigo Amanhã, Ano 2.000", promovido pela Fecotrig e OCB...

... reuniu o governo e a iniciativa privada

resultando em falta de oferta e de abastecimento. Para o presidente da Fecotrig, a justificativa do Estado para afastar-se da comercialização do trigo não passa de uma postura ortodoxa, aparentemente nova, "mas tão atrasada em termos de proposta como a postura da estatização plena que caiu no Leste europeu". Mas garantiu que o cooperativismo está torcendo para que tudo dê certo e nem indústria e produtores saiam prejudicados, "principalmente nesta fa-

se de transição".

O Fórum Nacional O Trigo Amanhã, Ano 2.000, realizado no Everest Palace Hotel, em Porto Alegre no

dia 11 de outubro, teve a organização da Fundação das Cooperativas do Estado, numa promoção conjunta da Fecotrig e OCB.

O pool das cooperativas

O trigo, como não poderia deixar de ser, é o assunto do momento. A saída do governo da comercialização do produto em meio a uma safra que nem havia ainda sido colhida, além de pegar os produtores meio de surpresa, levou o setor tritícola a enfrentar uma nova realidade. A Fecotrig, tentando ganhar tempo, pois o período de transição vai até fevereiro, está formando um pool para a comercialização do trigo em substituição à parte dos trabalhos que vinham sendo realizados pelo Ctrin com muita competência, ao longo destes 23 anos de tutela. O pool reúne todas

as cooperativas que trabalham com o produto e, além de procurar garantir melhores resultados para os produtores, quer evitar a dispersão da produção. A experiência é nova, pois até agora, tirando o governo, ninguém ainda experimentou o sabor de comprar e vender trigo neste país.

A coordenação deste pool vai ficar nas mãos da Fecotrig, que contará com a estrutura já montada da União das Cooperativas do Sul Ltda. Ele fará a transição desta safra até a próxima, "quando ainda estamos vivendo um sistema híbrido, onde a comercialização é livre, mas os preços es-

tão tabelados", lembra Paulo Roberto da Silva, assessor econômico da presidência da federação. A tarefa do pool começa na elaboração das tabelas de recolhimento e na formação de uma mesa de informações. As normas que regerão a presente safra foram definidas num encontro entre o setor privado e representantes do governo.

Para este ano e para a comercialização desta safra de trigo, as lideranças do setor contam com as promessas do governo que garantiu liberar Cr\$ 17 milhões para a EGF e AGF em novembro.



Rui Pizzato
Tábua de salvação

O absurdo do ICMS

"O trigo representa, para a indústria de fertilizantes, a tábua de salvação que nos faz sobreviver até o segundo semestre", disse Rui Pizzato, diretor da Indústria de Fertilizantes S.A, numa referência à situação da triticultura após a privatização da comercialização do produto. Preocupado com a situação, disse que as indústrias podem seguir o mesmo caminho, caso os agricultores, diante desta nova realidade, desistam de plantar trigo nos mesmos níveis em que vinham cultivando o cereal.

Pizzato falou das reduções nas taxas de importações estabelecidas pelo governo recentemente, que de pouco poderão adiantar, "já que lá fora existe a lei da oferta e procura". De maio a outubro, época mais crítica para as importações de fertilizantes, quase todas as matérias primas aumentaram de preços. No caso do trigo, as matérias primas nitrogenadas, tinham sido reajustadas, até 30 dias atrás, em 32 por cento no mercado internacional. "A crise do Golfo ajudou a elevar um pouco mais esse preço, num pulo de mais 14 por cento", disse.

O diretor da Defer criticou a taxa do ICMS sobre os fertilizantes, "um absurdo" e pediu o fim do PIS e do Finsocial sobre essas matérias-primas e ainda eliminação da taxa do guia de exportação. "Todas estas taxas entram no custo final da agricultura", disse ainda, pregando um pulo de produtividade para o trigo via incremento da tecnologia.



CHEGOU A CADERNETA DE POUPANÇA BANRISUL

UM NOVO TEMPO COMO A GENTE QUERIA

A poupança dos novos tempos é a Poupança Banrisul. Ágil. Moderna. Dinâmica. Abra já a sua. É um investimento totalmente seguro e garantido, com as facilidades da maior rede bancária do Estado.

NOVOS PRODUTOS
PARA NOVOS TEMPOS

banrisul
BANCO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, S. A.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL





**FÓRUM NACIONAL
O TRIGO AMANHÃ,
ANO 2000**

Ricardo Conceição, do Ministério da Economia, Fazenda e Planejamento falou sobre abastecimento interno, política econômica e diretrizes para a agricultura, mas concentrou sua conversa com produtores, dirigentes de cooperativas, setor moageiro, na questão da privatização da comercialização do trigo, "uma atitude bem amadurecida e que já vinha sendo discutida há quase dois anos", sustentou. Garantiu que o governo tem perfeita consciência de que o setor tritícola vai passar por um estágio de transição, com muitos detalhes para serem discutidos e ajustados", concordou.

Defendendo a atitude do governo frente a uma platéia ansiosa por definições mais claras a respeito da decisão tomada, Conceição disse que a privatização veio num momento de dificuldades financeiras, quando a conta-trigo, por exemplo, não tem condições de sustentar mais do que 30 por cento da produção nacional em termos de aquisição, "mesmo que haja uma reprogramação orçamentária. Disse que a medida provisória, que sustenta o fim da interferência do governo na comercialização do trigo veio como uma alternativa para que os produtores possam ne-

gociar a sua produção no mercado. "Existe uma liberdade e quem tem trigo, resguardado o comprometimento com o banco, pode fazer o que bem entender", disse Conceição.

SUSTENTADA — Mas a decisão tomada, lembrou ainda, foi para que a safra/90 ainda permaneça sustentada pelo governo. Deu a sua palavra de que o governo vai conceder o mesmo valor que os triticultores receberiam se tivessem comercializado a sua produção, "só que esta compra será transportada para os meses de janeiro e fevereiro/91, para podermos aproveitar o novo orçamento", explicou. Entende que, agindo desta forma, o governo estará abrindo um espaço para que a triticultura seja mantida nas mãos do sistema privado. "Se até fevereiro o setor moageiro tiver condições de absorver parte desta produção, melhor ainda. Em caso contrário, o governo vai adquirir essa produção e administrar essa transição e o abastecimento", ressaltou.

"Tudo está sendo cautelosamente conduzido", observou o representante do Ministério da Economia. O esforço que está sendo feito é no sentido de preservar esta forma de comer-



Ricardo Conceição
Privatização num momento difícil

cialização que o trigo tem e que diz respeito a eficiência que o Banco do Brasil teve em tantos anos. As perspectivas do setor tritícola, segundo o palestrante, se inserem nas perspectivas do setor rural. "O trigo não terá, no futuro, um destino que seja diferente dos destinos da agricultura brasileira", deixou claro garantindo que, assim como os demais produtos, o trigo terá sustentação via preços mínimos. "O produtor que colher trigo e não tiver para quem vender, vai entregar a sua produção para o governo", assegurou.



Eloi Gomes
Por uma Lei Agrícola

Muitos benefícios

A estatização da comercialização do trigo e a organização da produção foram apontados por Eloi Gomes, representante do Banco do Brasil como resultado de medidas feitas pelas próprias cooperativas na década de 60. Mas garantiu que mesmo naquela época e com a desorganização existente no setor tritícola, o trigo era visto pelo governo como um produto que merecia tratamento diferenciado dos demais produtos, "até por atender apenas o mercado interno".

Essa moralização e disciplinamento do setor, imposto via estatização e conseqüente organização da produção, levou o governo, segundo Eloi Gomes, a trabalhar com as cooperativas, "em vez de se apoiar pelo fortalecimento das multinacionais que já possuíam toda uma estrutura pronta para receber o cereal". O Banco do Brasil escolheu este caminho por entender que, fortalecendo o sistema cooperativo, os agricultores passariam a contar com assistência técnica e com isso, condições de produzir semente de melhor qualidade ainda uma rede de armazenagem eficiente", observou.

A própria pesquisa, no entanto, do representante do Banco do Brasil, saiu beneficiada com a estatização do trigo, citando como pontos positivos o interesse de várias instituições privadas pela pesquisa. "Hoje temos Cotrijul, Fecro, Ocepar, entre tantas outras instituições fazendo pesquisa no trigo", lembrou.

Mas concorda que, em algum momento, o governo teria que retirar do setor tritícola. Deixou claro que esse afastamento e consequente liberação do mercado, não ocorreria por razões técnicas, mas por uma questão de coerência política, de cobrança da abertura da economia.

LIMITAÇÕES — Para o representante do Banco do Brasil, a estatização só não chegou a autossustentabilidade na produção do trigo por problemas de desestímulo à produção. Apontou a limitação de área de plantio, a fixação dos VBCs e os preços dos produtos como os principais fatores que levaram os produtores a tal grau de insatisfação. Essa situação é ainda agravada pelos altos custos de produção, "reduzindo os ganhos dos produtores". Mas não é uma situação enfrentada apenas pelos produtores brasileiros, disse, citando como exemplo o que ocorre com a Argentina. Lá, a situação é excepcional para a triticultura e não produz com subsídios, já começa a repensar o plantio do trigo.

Diante deste quadro de insatisfação, desta nova realidade para o cereal no Brasil, Eloi Gomes não vê outra saída que não passe por uma Lei Agrícola capaz de conter a triticultura em capítulo especial disciplinando a produção nacional e as importações. "Só uma Lei Agrícola pode evitar o fim da triticultura nacional, reconhece.

Necessidade de planejamento

Walter Soboll, representante do Ministério da Agricultura e Reforma Agrária começou sua participação no Fórum Nacional "O Trigo Amanhã, Ano 2.000", criticando a falta de entrosamento entre o setor produtivo e o seu Ministério, que tem por obrigação disciplinar os assuntos do setor. Disse ainda que o Ministério da Agricultura e Reforma Agrária vem tentando fazer com que o setor agrícola tenha um porta-voz junto às políticas governamentais.

Em relação a privatização do trigo, ressaltou que a participação do Ministério da Agricultura e Reforma Agrária tem sido muito pequena. Mas garantiu que essa participação tem sido no sentido de transformar as medidas tomadas pelo governo em soluções para o setor tritícola, e não em problemas. Defendeu o afastamento do governo da questão trigo, "pois é hora do setor agir sozinho, desempenhando por conta o mesmo papel de catalizador da situação do trigo".

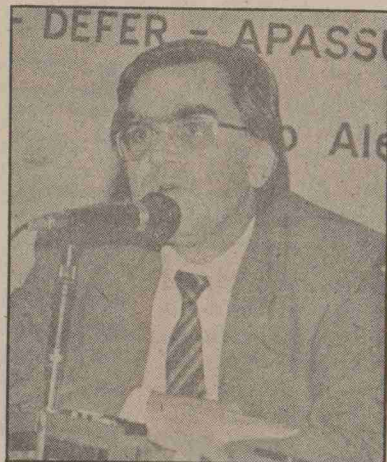
DEPAUPERACÃO — Para Soboll, o processo de depauperação pelo qual vem passando a agricultura nestes últimos anos está relacionado com o processo inflacionário, a descapitalização do setor e a relação de troca. "O dinheiro especulativo se tornou mais interessante que dinheiro produtivo, de maior risco", disse ele. Em relação ao sistema de troca, "extremamente danoso para a agricultura", citou alguns exemplos, mostrando como a agricultura vem sendo prejudicada. "Em 77, exemplificou, se comprava 100 quilos de cloreto de potássio com apenas um saco de soja. Hoje, com o dinheiro da venda deste mesmo saco, se compra apenas 30 quilos do mesmo cloreto de potássio". Isso faz com que o dinheiro saia mais rápido do meio agrícola. Apontou ainda a dívida externa, "quando enormes somas provenientes da agricultura foram transferidas para

fora do país", como responsável pela situação hoje vivida pelos agricultores.

Essa situação contextual, segundo Soboll, levou o país a perder o controle do processo de desenvolvimento. "As taxas de crescimento do setor agrícola destes últimos 10 anos são bem menores que as registradas na década de 70", observou. O retorno desse crescimento passa, segundo o representante do Ministério da Agricultura e Reforma Agrária, por uma estabilização da economia. "É por isso que o Ministério da Economia tem tanta força. Ele precisa ter a credibilidade da sociedade", reforçou fazendo um chamamento a sociedade para que participe deste processo.

Empobrecida e traumatizada, a sociedade vive hoje, na opinião de Soboll, situações contraditórias que esbarram no poder econômico da população. A questão da produção — "para quem estamos produzindo trigo e soja", perguntou, é uma delas. Ou da tecnologia. A própria competitividade é outra questão contraditória citada pelo representante do governo. "Como fica a nossa competitividade, quando sabemos que existe um protecionismo exagerado em outros países? Como é que ficam os ganhos de produtividade em relação aos ganhos econômicos? Será que produzir 4.000 quilos de trigo por hectare representa efetivamente um ganho econômico?", provocou. Disse que assim como produtor está ganhando em produtividade, ele está colocando mais insumos, e mais riscos na lavoura. A margem de lucro entre produzir 4.000 ou 2.000 quilos é realmente muito maior? São questões deste tipo, colocou ainda, que o setor precisa estar atento para responder.

PLANEJAMENTO — Temos que voltar a equacionar o planejamento, disse Soboll, pedindo a participação do setor produtivo se colocando ao lado do governo nessa situação. Entre as



Walter Soboll
Muitas contradições

premissas necessárias para o equacionamento deste planejamento, colocou a necessidade de se rever o modelo de substituição das importações, "que devem ser mantidas em alguns casos". A questão do mercado interno — como mantê-lo num ritmo de crescimento — da maior distribuição de renda e do ajustamento entre a oferta e a demanda", também foram apontadas como fundamentais para a discussão de um planejamento adequado.

Mas esse planejamento, segundo o representante do governo, deve passar pela modernização e diversificação da agricultura. Antes de tudo, no entanto, deixou claro que é preciso haver uma integração maior entre o setor produtivo e o setor agroindustrial. Disse que essa integração é fundamental para que se tenha ganhos de escala e criticou a agricultura de "porteira" que ainda se faz. "As nossas cooperativas têm que estar equipadas para ajudar os agricultores a visualizarem problemas para além das porteiras", disse Soboll para quem, só depois desta nova postura do agricultor, é que se pode falar em modernização da agricultura.

Regras claras

Transformar um País de importador de 95 por cento do seu consumo como acontecia em 1967 para importador de apenas 15 por cento no passado, é um feito que merece análise", advertiu Antenor Leal, diretor do Moinho de Moagem, representante do setor moageiro, pedindo muita cautela ao governo nas mudanças que está introduzindo no setor tritícola. Disse que quem tivesse a história de estatização sabe bem o que significou abastecer com absoluta normalidade as indústrias deste país durante 23 anos. No industrial, o governo não pode desconhecer estes fatos, sob pena de levar a triticultura a um verdadeiro desastre.

Mas entre as preocupações que pairam sobre as cabeças dos moagei-

ros e dos próprios produtores, Antenor Leal citou a questão da competitividade. "De que forma o mercado brasileiro vai reagir diante das forças do mercado internacional? perguntou o industrial preocupado com a qualidade e com o preço do trigo nacional. Disse que a indústria brasileira de moagem de trigo é uma das mais bem equipadas. "As cotas não fizeram com que os moinhos brasileiros dormissem sobre favores do governo", observou o diretor do Moinho da Luz, tentando desfazer mal entendidos e reforçando a idéia de que a missão da indústria, neste momento, é o de disputar um mercado em condições. Colocou como fundamental a produção, via indústria nacional, de uma farinha dentro dos padrões de qualificação internacional "a partir de um produto em condições e de bons preços", avisou referindo-se aos preços pagos pelo

trigo nacional e os praticados no mercado internacional, "sempre inferiores".

Além da qualidade do produto brasileiro e dos preços praticados, Antenor Leal citou um outro problema a ser gerenciado, mas muito sério: o da produção concentrada na região Sul e o do consumo espalhado por todo o país.

REGRAS CLARAS - Assim como os demais setores envolvidos na atividade tritícola, o setor moageiro aproveitou a oportunidade para cobrar do governo uma maior agilização nas regras que, de agora em diante, vão normalizar a triticultura nacional. "Assim como o governo se achou no direito e com poder para mudar tão rapidamente um sistema que vinha dando certo, ele tem agora, e o mais breve possível, que nos informar destas regras", criticou. Mas pediu um tempo entre a definição absoluta destas regras e a colocação em prática do novo modelo "para que o abastecimento, a produção e o triticultor sejam resguardados". Nós não somos uma ilha", disse ainda. Estamos inseridos na economia internacional e não há



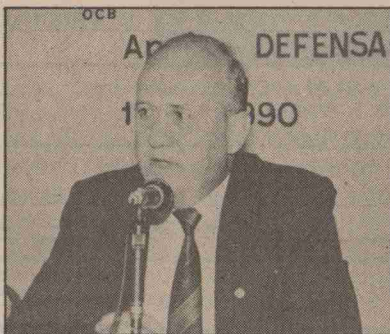
Antenor Leal
Em defesa da indústria

como tomar uma atitude dentro deste país sem atentar para a vinculação externa".

Dizendo que o setor moageiro vai "expurgar a insuficiência" e confiar na lucidez do governo Collor, Antenor Leal convidou os triticultores para trabalhar numa total interação. "Seremos um parceiro leal, tão exigentes quanto os triticultores são na compra de seus insumos", avisou. Um parceiro que pagará no dia o trigo adquirido e dispostos a ajudá-los no sentido de estabelecer um manual de classificação que permita o trigo brasileiro disputar, em pouco tempo, em preço e qualidade, a moagem no Brasil, finalizou.

A PRODUÇÃO Em defesa do setor

O vice-presidente da OCB e presidente da Ocepar, Wilson Thiesen defendeu a preservação da triticultura nacional dizendo que o trigo não pode ser tratado como um produto qualquer. "Ele tem suas particularidades que precisam ser preservadas", enfatizou citando como condição básica para essa situação o conhecimento técnico da cultura. "Não entendo como o governo quer preservar a triticultura ou criar mecanismos de preservação se nunca discutiu mais profundamente estes conhecimentos", afirmou. Entende que a discussão do trigo não pode acontecer de maneira tão simplista. "Temos uma situação de fato, inclusive social, que dá respaldo a manutenção do homem do campo", insistiu.



Wilson Thiesen
Mecanismos de preservação

Para o Brasil chegar onde chegou em termos de triticultura, foi preciso percorrer um caminho muito difícil, alertou o vice-presidente da OCB tendo por um retrocesso violento no setor a partir da decisão do governo de se afastar da compra e venda do produto. "A retomada de algo que se perde de uma hora para outra é ainda mais difícil, avisou comparando a situação a perda de um conceito empresarial.

FAVORÁVEL - Thiesen disse ainda que o setor cooperativista sempre foi favorável a privatização da comercialização do trigo, ao livre mercado, à eficiência, ao poder de competitividade e ao expurgo da ineficiência. Mas salientou que nenhum país do mundo que hoje está em primeiro plano, chegou a tal ponto, sem que a agricultura fosse devidamente preservada "e não é isso que está ocorrendo no Brasil. Mas como vamos ter o poder de competitividade do qual tanto falamos, se estamos querendo exportar tributos e importar subsídios?", indagou Thiesen criticando, ao mesmo tempo, a carga de tributos que assola o setor primário.

Sem poupar críticas, o vice-presidente da Ocepar foi mais longe ainda e disse que o governo tem hoje uma visão simplista da situação, mantendo os olhos voltados apenas para o consumidor, sem olhar para o lado do produtor. "Se o governo não mudar um pouco essa visão e continuar ultrapassando os limites dessa situação, corre o risco de inviabilizar o setor produtivo", alertou.

REGRAS CLARAS - Thiesen reforçou ainda o pedido do setor cooperativista para que o governo estabeleça regras claras "e que sejam cumpridas". Pediu maior respeito nesta fase de entendimento com a classe produtora, para que haja maior credibilidade. "Temos muitas questões operacionais a serem resolvidas, mas estamos tendo dificuldades em fazer com que o produtor acredite na ação do governo", observou citando como exemplo a própria promessa de liberação de recursos, ainda em outubro, para a comercialização do trigo. "São situações que podem gerar revolta no meio agrícola", reforçou sugerindo ao governo que não prometa mais aquilo que não pretende cumprir. Junto com o pedido de definição de regras claras para o setor, o vice-presidente da OCB colocou a questão da readequação dos preços do produto, para que mais adiante não aconteça com o setor tritícola o mesmo que aconteceu com o setor do leite. "Não podemos assumir com essa responsabilidade os moinhos, para não sermos tachados de vilões da história", colocou pedindo ainda mais atenção do governo em relação as questões tributárias. Disse que o governo reconhece a sonegação, mais ainda não providenciou nenhuma reforma tributária "visando viabilizar o bom empresário, aquele que paga em dia seus impostos".

PESQUISA Maior incentivo

A situação da pesquisa "hoje agonizando" e a questão do trigo como única alternativa viável de inverno, principalmente para a produção de grãos, foram analisadas pelo diretor do Centro Nacional de Pesquisa do Trigo-Embrapa. Euclides Minella apresentou dados mostrando a evolução do consumo, da área, da produção e da produtividade de trigo no Brasil nestes últimos anos, quando a triticultura andou muito perto da auto-suficiência.

O consumo médio atual de trigo no Brasil anda no redor de 46 quilos por pessoa. Para o ano 2.000, se esses níveis de crescimento da população e da produção forem mantidos, Minella prevê uma produção de 8 milhões de toneladas de trigo. "Mas será que, dentro deste novo contexto, vamos poder chegar a tanto? perguntou preocupado, inclusive com a instabilidade da produção. Esta instabilidade levantada pelo pesquisador e diretor da Embrapa está diretamente relacionada a fatores climáticos adversos, situação do solo, doenças e pragas. Mas sobrepondo-se a todos estes fatores, vem a questão da tecnologia, a maior responsável pelos baixos rendimentos alcançados.

Minella não tem dúvida de que o produtor que quiser competir, tanto em preços como em qualidade, com o produto argentino, por exemplo, vai ter que começar a usar tecnologias em suas lavouras. A saída é o aumento da produtividade. "O triticultor vai ter que investir mais em tecnologia", disse o pesquisador, para quem o Brasil precisa largar produzindo, já de início, 2.000 quilos de trigo por hectare.

APELO - Ao lembrar que mecanismos serão criados visando a proteção da triticultura nacional, o diretor da Embrapa fez um apelo no sentido de que a pesquisa também seja contem-



Euclides Minella
Maior tecnologia na lavoura

plada e tirada dessa situação "de agonia" em que se encontra atualmente. "Estamos fazendo o máximo para não fechar as portas. Sabemos que vamos passar por um período de turbulência pelo menos até as coisas se acomodarem, mas não podemos deixar de investir na pesquisa", disse acreditando que somente uma política de incentivo à pesquisa poderá trazer a solução que o país precisa para continuar produzindo.

Para que o processo de aumento da eficiência do trigo não seja interrompido, a pesquisa vai ter que investir em novos materiais genéticos de maior potencial e que tenham condições de se adaptar nas principais regiões produtoras do Sul do Brasil, onde o trigo é a única alternativa de inverno. "Também sabemos, disse o pesquisador, que precisamos desenvolver melhor tecnologia para que esse potencial genético seja efetivamente explorado.

"Vamos viver um tempo, disse ainda Minella, em que o agricultor terá de plantar menos e colher mais. E a pesquisa terá de se mantida, não nos níveis atuais, mas com mais recursos financeiros, materiais e humanos, para podermos dar continuidade ao trabalho que já alguns anos vem produzindo resultados com retornos satisfatórios para os agricultores. É a pesquisa que vai caber a responsabilidade de aumentar a produtividade, a estabilidade do produtor e a redução de custos via adoção de novas tecnologias", disse ainda Minella em defesa de um trabalho que não pode ser esquecido.

Todo cuidado é pouco

Não compre "gato por lebre". Este é o alerta da Cotrijuí aos seus associados na hora de comprar adubo para a próxima lavoura de verão. Pode acontecer do produtor não estar levando para casa a fórmula real que pensa que está adquirindo ou que consta na embalagem ou nota fiscal. É preciso ficar de olho muito aberto, porque muitas vezes o barato sai mais caro

Muito cuidado com a compra de fertilizantes. A recomendação é da Cotrijuí, e não é nova. Alguns anos atrás, o próprio departamento técnico da cooperativa andou alertando os produtores associados para que tomassem muito cuidado na compra de fertilizantes — adubos — para as suas lavouras, pois estavam sujeitos, na época, a levarem para casa "gato por lebre".

Pois neste ano o problema está se repetindo e a Cotrijuí volta a fazer novo alerta a seus associados. "Adubo, avisa Rivaldo Dhein, não se compra apenas pelo preço". Concorde que o preço é peça chave na redução dos custos de produção, mas lembre que o "barato, em muitos casos, pode sair mais caro". Ao fazer este alerta, o agrônomo do Centro de Treinamento da Cotrijuí, especialista na área de solos, destaca a necessidade de ficar atento para o conteúdo efetivo de nutrientes que o produto contém, considerando, no caso, a fórmula real do produto "que infelizmente nem sempre é a mesma que o produtor adquiriu ou pensa que adquiriu e que consta na embalagem ou nota fiscal".

De acordo com o Rivaldo, quanto mais alto o teor total de nutrientes — nitrogênio, fósforo e potássio — tanto mais caro deverá ser o adubo. A fórmula 5-20-30, por exemplo, que tem 55 por cento — ou 55 quilos em 100 — de elementos fertilizantes, evidentemente terá que ter um preço maior do que a fórmula 5-20-20, "que tem apenas 45 por cento de elementos fertilizantes".

Ainda é preciso considerar que os diferentes elementos também apresentam diferentes preços. O ponto ou o quilo do nitrogênio da fórmula custa hoje 0,97 BTNFs. O ponto de P205 — forma de avaliação do P ou fósforo —, custa 1,11 BTNFs e o ponto K20 — forma de avaliação do K ou potássio —, 0,61 BTNFs. **ANÁLISES** — Preocupado com os problemas que poderão ocorrer em função de possíveis adulterações nas fórmulas de fertilizantes colocados à venda no mercado regional, o departamento técnico da Cotrijuí tomou a iniciativa de averiguar a situação. Três fórmulas de adubos oferecidos pelo mercado regional e mais os disponíveis na própria Cotrijuí — analisados todos os anos — foram testados. Segundo os resultados das análises, os três produtos revelaram teores de nutrientes bastante abaixo dos indicados pe-

la fórmula, informa Rivaldo Dhein.

O produto "C" — ver tabela 1 —, por exemplo — oferecido no mercado como sendo da fórmula 0-20-20 — muito utilizado na região para a cultura da soja — apresentou, na verdade, em lugar dos 40 por cento de material fertilizante, apenas 29,3 por cento. "Isto significa, assinala o pesquisador, que para cada 100 quilos de adubo, faltavam 10,7 quilos de fertilizantes ou 27 por cento do que deveria conter". No adubo "B" faltavam 9,9 quilos ou 25,5 por cento dos fertilizantes e no adubo "A", 7,9 quilos ou 18 por cento.

"Em todos os três casos o produtor está sendo iludido, logrado em relação ao produto que pensa estar comprando", diz o Rivaldo, apontando prejuízos que poderão resultar para o produtor. Seguramente o resultado da lavoura não será o esperado e, além disso, ele está pagando muito mais caro por um produto, mesmo que, muitas vezes, o preço por tonelada seja menor que o da concorrência", alerta ainda.

EXEMPLOS — Para melhor esclarecer o produtor a respeito da situação e dos possíveis prejuízos, o Rivaldo toma como exemplo os valores referidos acima para os pontos percentuais de N, P205 e K20. Calcula que o adubo da fórmula 0-20-20 custaria em torno de Cr\$ 24.000,00 a tonelada — ver tabela 2. Se este produto, no entanto, apresentar, na realidade, uma fórmula mais baixa, seu preço também deverá ser mais baixo. Usando como exemplo o produto "C" analisado pela Cotrijuí, e considerando os fertilizantes realmente existentes, o Rivaldo, nos seus cálculos aponta para um preço em torno de Cr\$ 17.500,00 a tonelada. "Portanto, mesmo que seja oferecido no mercado a Cr\$ 20.000,00 a tonelada contra os Cr\$ 25.000,00 — valor aproximado — preço real da fórmula 0-20-20, o produtor estará perdendo dinheiro", avisa. No caso específico estará perdendo mais de Cr\$ 6.000,00 por tonelada.

Mas não existe uma fiscalização mais rigorosa em relação a qualidade dos produtos?, poderão indagar alguns produtores. "Certamente que o Ministério da Agricultura, a quem compete o assunto, faz o que pode, dentro das suas limitações de pessoal e estrutura de trabalho", responde o agrônomo da Cotrijuí. Diz ainda que, também cabe ao produtor colaborar nesta fis-

calização, já que os maiores prejuízos estouram no seu bolso. O produtor que tiver alguma dúvida em relação ao produto adquirido, pode solicitar ao Ministério da Agricultura — para que a fiscalização seja oficial e tenha valor judicial — uma amostragem e análise do seu produto. "É uma forma de o produtor tirar suas dúvidas a respeito da idoneidade da empresa fabricante ou da empre-

sa vendedora", aconselha. Caso se já comprada alguma "fraude", o produtor tem, seguramente, direito a uma indenização.

Os grandes estoques de fertilizantes, tanto das cooperativas como das empresas, são automaticamente fiscalizadas pelo próprio Ministério da Agricultura. Eventualmente, por amostragem,

também os pequenos depósitos e até mesmo cargas em caminhões, passam pela fiscalização. Mas o risco maior, segundo Rivaldo, está mesmo em transações diretas nas lavouras. "pois a maioria dos agricultores não se lembra, ou esquece, que pode mandar analisar o fertilizante adquirido, mesmo depois que já tenha descarregado na sua propriedade."

TABELA 1 — FÓRMULA OFERECIDA E FÓRMULA REAL DE TRÊS FERTILIZANTES QUÍMICOS OFERECIDOS NO MERCADO REGIONAL

Produto oferecido		Produto analisado		Nutrientes a menos	
Identif.	Fórmula	% Nutrientes	Fórmula	% Nutrientes	Kg/100 Kg
A	5-20-20	45	4,5-16,8-15,8	37,1	7,9
B	8-24-12	44	5,6-20-8,5	34,1	9,9
C	0-20-20	40	0,5-13,8-15	29,3	10,7

TABELA 2 — EXEMPLO DE CÁLCULO DE CUSTO DO FERTILIZANTE

Fórmula real 0-20-20	Fórmula analisada 0,5-13,8-15
0 Kg N x 67,86 = Cr\$ 0,000,00	0,5 Kg N x 67,86 = Cr\$ 33,93
20 Kg P205 x 77,66 = Cr\$ 1.553,20	13,8 Kg P205 x 77,66 = Cr\$ 1.071,71
20 Kg K20 x 42,68 = Cr\$ 853,60	15,0 Kg K20 x 42,68 = Cr\$ 640,20
Total para 100 quilos = Cr\$ 2.406,80	Total para 100 quilos = Cr\$ 1.745,84
1 ton = Cr\$ 24.068,00	1 ton = Cr\$ 17.458,40
Diferença: 24.068,00 — 17.458,40 = Cr\$ 6.609,60	

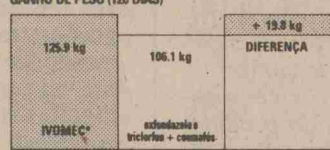
Sabe como você pode ajudar sua boiada a dar mais lucro na hora do abate?



Saúde é peso. Saúde é lucro.

Use IVOMEC*. Este antiparasitário de última geração pode ajudar a melhorar a saúde, peso e lucratividade de seus animais de engorda. Aplique IVOMEC* nos seus animais de engorda para o controle de parasitas. Você pode ajudar seu gado a ganhar mais peso em menos tempo.

EXPERIMENTO COM ANIMAIS DE TERMINAÇÃO A PASTO



MSD AGVET
MERCK SHARP & DOHME
Farmacêutica e Veterinária Ltda.
Av. Eng. Faria Lima, 1915 - 2º and - CEP 05451-101 (011) 814-5266 - São Paulo - SP

VC-39/88

- 100 animais com 2,5 anos de idade.
- GRUPO IVOMEC*: Tratamento no início e após 3 meses.
- GRUPO TRADICIONAL: Tratamento com Oxfendazole no início e triclofon + coumatios no início e após 3 meses.

Todos os animais foram mantidos no mesmo pasto. Dosagens recomendadas por bula. Sem significância estatística. TS-BR-024/86



ANTIPARASITÁRIO DE ÚLTIMA GERAÇÃO

Você pode ver a diferença no seu gado.

* Marca Registrada de Merck & Co. Inc., Rahway, N.J., U.S.A.

(B)-IVC-39/88



A mostra do Centenário

Para comemorar o Centenário de fundação da colônia que originou o município, Ijuí mostrou o seu potencial econômico, assinalando a busca de uma nova fase de desenvolvimento

Apesar da chuva de semana e das constantes chuvas, a 4ª Exposição Industrial, Comercial, Agropecuária e Artesanal, 4ª Feira Nacional das Indústrias Diversificadas e 2ª Mostra do Centenário de Ijuí, conseguiram reunir um público nos dez dias de duração, de 12 a 21 de outubro - e que integrou as comemorações do Centenário de fundação da "Colônia Ijuí". Para mostrar o potencial econômico da cidade centenária, a Prefeitura de Ijuí, através das Exposições Assis Brasil, abriu o seu espaço, contando neste ano com 184 empresas expositoras, instaladas em 306 estandes, visitadas por aproximadamente 200 mil pes-

soas. Prestigiada pelo ministro da Educação Carlos Chiarelli, representante do presidente Fernando Collor de Oliveira, pelo deputado Gleno Scherer, presidente em exercício no período, pelo secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado, Marcos Palombini, a exposição foi aberta pelo prefeito Heitor Heck, na presença de várias autoridades da região, presidentes das Câmaras de Comércio e da Fenadi, Armino Pydd, deputados e prefeitos da região.

CONFIANÇA DOS PIONEIROS - No longo pronunciamento, o prefeito Heitor Heck destacou a força do trabalho dos imigrantes que deram origem ao desenvolvimento da indústria e comércio, assim como a sua identidade de interesses propiciou inúmeras formas de associações marcantes na história de Ijuí.

Os últimos anos, marcados pela busca de "um maior grau de coesão de forças e lucidez de suas lideranças", também foram lembrados pelo prefeito, junto às dificuldades da economia nacional, os quais vão desembocar na busca de um entendimento, surgido com o Movimento pela Retomada do Desenvolvimento, que entre outras propostas culminou com a busca de valores, através do Movimento das Cidades. Destacando ainda que a coragem dos pioneiros de Ijuí demonstra a vontade de um Brasil efetivamente desenvolvido, onde todos os cidadãos tenham oportunidade na construção do desenvolvimento, o prefeito disse que "hoje estamos abrindo as portas de um novo século. A história continua com



Abertura da 4ª Expo-Ijuí, 4ª Fenadi e 2ª Movest. Uma festa para comemorar o Centenário e buscar uma nova fase de desenvolvimento.



Parque Assis Brasil. Quase 200 mil pessoas visitaram a exposição do Centenário.

você. A construção do futuro cabe a todos nós".

GARANTIA - "Ijuí tem 100 anos de garantia", salientou o presidente da Comissão de Eventos do Centenário, empresário Jalmir Martel, ao convocar a comunidade ijuicense a se lançar numa ampla ação criativa e construtiva, a exemplo da confiança dos pioneiros que deram origem às primeiras oficinas e fábricas. afirmou contudo, que comemorar não é apenas lembrar, e por isso, no Centenário "foram estabelecidos eventos comemorativos iniciadores de uma nova fase de desenvolvimento para o município".

A confiança do empresário de que Ijuí está no rumo certo foi manifestada em dois exemplos como a realização do perfil sócio-econômico, que levantou maiores informações sobre o município e o desenvolvimento do Programa Regional de Cooperação Científica e Tecnológica, PRCT, coordenado pela Unijui.

O deputado Gleno Scherer por sua vez, disse que a exposição de Ijuí era uma demonstração do estágio de

desenvolvimento alcançado pelo município, e que sua gente, formada de variadas origens étnicas mostrava-se unida na vocação para a solidariedade. Salientou ainda que os antigos valores vivenciados na Feira era um bom exemplo para a Nação que já apresenta sinais de fadiga.

O ministro da Educação Carlos Chiarelli ressaltou o Centenário de Ijuí, como um período de "coragem, bravura e de saber do povo ijuicense" e enalteceu também o sentimento coletivo que transformou Ijuí "numa trincheira pacífica para o progresso". Chiarelli disse ainda que "aqui se faz uma revolução duradoura, que é a da educação", e finalizou seu discurso enfatizando o apreço do presidente da República e o reconhecimento do Brasil inteiro pelo exemplo dado por Ijuí.

INEDITISMO - Sem ter a pretensão de se comparar a outras feiras do Estado, a 4ª Expo-Ijuí conseguiu registrar um espaço próprio "inédito" segundo avaliação do presidente da Comissão Central, Jalmir Martel, pelo oferecimento em agropecuária, indústria, co-

mércio e artesanato, além da parte cultural através das etnias. "Foi um sucesso", salienta Martel, ao destacar a boa receptividade do público tanto do Estado, como de outras regiões do país, e até do exterior.

Com um total de aproximadamente 250 milhões de cruzeiros arrecadados pelos expositores, a 4ª Expo-Ijuí conseguiu traduzir novas perspectivas e apresentar novos projetos de desenvolvimento a partir de "eventos iniciadores de uma nova fase", como é o caso da definição de um novo distrito industrial, atrativo e que chame para investimentos econômicos pesados", declara Martel.

Outro evento marcante na Exposição foi a divulgação do perfil sócio-econômico do município, elaborado pelo Idergs - órgão vinculado a Federação das Indústrias do Estado.

Outro evento marcante na Exposição foi a divulgação do perfil sócio-econômico do município, elaborado pelo Idergs - órgão vinculado a Federação das Indústrias do Estado. O relatório aponta ainda alguns dos principais problemas enfrentados pelo município, como a evasão de recursos para outras regiões, através de investimentos em outros estados e que não trazem nenhum retorno para o município. A aglutinação de forças, portanto, continua sendo o fato primordial para o desenvolvimento, mas baseado em estratégias determinadas, como um maior aproveitamento do trabalho cooperativo, o incentivo à agroindústria, o investimento de capitais locais no município e a negociação com empresas de fora.

Antiga confiança



Rubem Kessler da Silva

"A pujança de um povo está em não ser tutelado", afirma o ex-prefeito Rubem Kessler da Silva, um dos administradores homenageados durante os eventos do Centenário. Prefeito nomeado de 18 de outubro de 1947 a 18 de novembro do mesmo ano e eleito de 1º de janeiro de 1953 a 31 de dezembro de 1955, Rubem Kessler da Silva foi responsável pelo projeto da usina hidrelétrica do município com 1.300 KWA, a qual entregou em fase de construção para a administração seguinte. Também foi responsável pela criação do Instituto Municipal de Educação Assis Brasil e pelo campo de aviação.

A menina dos olhos do antigo prefeito, no entanto, continua sendo a questão da energia elétrica, assunto que como ele próprio diz "me apaixonou", principalmente porque até hoje a busca da auto-suficiência no setor ainda está pendente. As comemorações do Centenário juntamente com a 4ª Expo-Ijuí, que no seu entender, impressionaram o Estado, revitalizam estas propostas, acontecendo como um "marco divisor no desenvolvimento do município".

Integração econômica é incentivada

A integração econômica entre Brasil e Argentina também foi incentivada durante a 4ª Expo-Ijuí, 4ª Feira Nacional das Indústrias Diversificadas e 2ª Movest, através da visita de uma comitiva argentina que esteve no Parque Assis Brasil, no dia 18 de outubro, a convite da Cotrijui. Formada por representantes do governo e empresários da província de Formosa, com a qual a Cotrijui há dois anos vem mantendo intercâmbio agrícola, o grupo visitou os estandes do Parque e estreitou contato com os empresários locais.

Do encontro surgiu a proposta de que os empresários de Formosa deveriam participar da próxima Expo-Ijuí, em 1992, assim como as empresas de Ijuí prestigiarão as exposições comerciais e industriais daque-



Comitiva argentina na Cotrijui. Reforço para a integração econômica

la província. "Se queremos um mercado comum, precisamos abrir as fronteiras por iniciativas próprias", afirmou o subsecretário de Indústria e Comércio de Formosa, Hector Oscar Morales, acentuando em seguida que é preciso "identificar os negócios que podem ser feitos entre Ijuí e Formosa". Da comitiva argentina

fez parte ainda o intendente de Formosa, Lisbel Rivira e o ministro de Assuntos Agropecuários, Jorge Roman, além de empresários da Federação Econômica de Formosa e produtores primários.

INTERCÂMBIO - O ministro de Assuntos Agropecuários de Formosa, Borges Roman, por sua vez, reafirmou o interesse em levar produtores da região da Cotrijui para incrementar novas culturas na Província, embora lamente os obstáculos alfandegários ainda existentes. Segundo ele, por parte de Formosa, "há plena disposição de facilitar o trabalho dos agricultores brasileiros, inclusive garantindo o seu acesso ao financiamento oficial e aos programas agrícolas desenvolvidos pelo governo.

Identidade cultural, a marca d

Fundada em 19 de outubro de 1890, a "Colônia de Ijuhy" foi formada por imigrantes europeus recém chegados da Europa e mais tarde por jovens oriundos das chamadas Colônias Velhas como Caxias do Sul. A vinda para a região se deve a política de colonização do Governo estadual, que visava a ocupação das últimas terras disponíveis no Rio Grande do Sul, especialmente na zona da mata do Planalto, onde habitavam até então algumas famílias de luso-brasileiros. Emancipado em 30 de janeiro de 1912, o município de Ijuí guarda ao longo do Centenário, muitas características de uma formação calcada na sobrevivência em terra própria, como analisa o professor Argemiro Jacob Brum

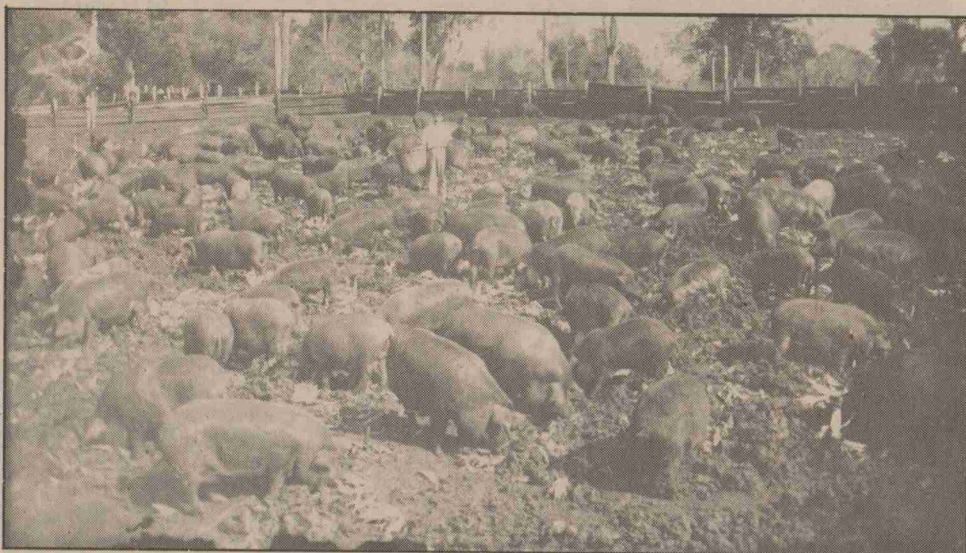
Facilitar a comunicação entre a Vila de Cruz Alta e o distrito de Santo Ângelo. Este foi o motivo da abertura da Picada da Conceição, em 1848, transformada em colônia particular, a Colônia da Conceição e que serviu de eixo para a colonização do território de Ijuí, quando mais tarde, em 1890, foi fundada a "Colônia de Ijuhy".

O assunto é tratado pelo professor Argemiro Jacob Brum, da Unijui, que por ocasião das comemorações do Centenário de Ijuí lançou o livro "História da Picada da Conceição", hoje localidade de Barreiro, como forma de resgatar toda uma trajetória vivida pelos primeiros imigrantes europeus, no caso italianos, que vieram povoar Ijuí. Como descendentes imigrantes, Argemiro aproveitou uma curiosidade de infância e um trabalho iniciado ainda na década de 60 para reunir um pouco da história de Ijuí. Nessa entrevista, ele fala sobre os primeiros anos da colônia e também da sua evolução econômica e seus desafios para o próximo século.

IDENTIDADE CULTURAL - Oriundos de Silveira Martins (na época 4ª Colônia Imperial), as primeiras famílias de imigrantes italianos formaram a Colônia da Conceição através da compra de terra que custeava toda a Picada. Esta área pertencia a José Gabriel da Silva Lima, político influente da época que executou a abertura da picada e recebeu por isso meia légua de terras no local.

Instalados na Colônia Conceição desde a chegada das primeiras 20 famílias, os imigrantes italianos, pouco tempo depois, se somaram aos outros imigrantes alemães, poloneses, teuto-russos, letos, austríacos, suecos, espanhóis, libaneses - formando então, em 1890 a "Colônia Ijuhy", a primeira fundada pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul, quando o Governo Central resolve passar a responsabilidade da colonização para os governos provinciais. Coberto por uma densa mata virgem, o território de Ijuí não foi fácil de ser habitado, sendo os primeiros anos de colonização uma dura experiência de desbravamento, tanto pela natureza do local como pela ausência de infraestrutura destinada pelo governo da época. "Morriam como moscas", foi o que disse um certo Pe. Cuber, em 1891, ao se referir às frequentes mortes de imigrantes no início da colonização, como registram alguns documentos arquivados no Museu Antropológico Diretor Pestana.

A superação das dificuldades se deu em grande parte, segundo Argemi-



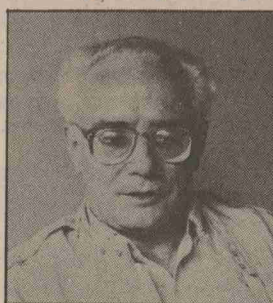
Suinocultura
Explorada para a fabricação da banha, a suinocultura foi a atividade mais importante da década de 20

ro, devido a uma identidade social e cultural muito forte. "Eram todos imigrantes pobres, que embora tivessem nacionalidades diferentes, possuíam valores muito aproximados. Vinham de uma Europa fragmentada pela guerra e com poucas perspectivas econômicas", diz o professor, citando como exemplo o fato de, em 1880, no Norte da Itália, em cada seis famílias apenas uma ter propriedade.

A vinda para o Brasil, portanto, realizava em parte um grande sonho desses imigrantes, que possuíam aqui a garantia de trabalho na sua própria terra, mesmo que à custa de grandes sacrifícios. Nos primeiros anos, por exemplo, numa fase ainda de adaptação, os colonos não contavam com ferramentas adequadas para o preparo da terra, fazendo com que a queimada fosse utilizada em grande escala e a colheita de forma manual. Para adquirir uma ferramenta ou sementes tinham de trabalhar na abertura de estradas recebendo por isso "mil e 500 a dois mil réis por dia", como relatam alguns pesquisadores do município.

ECONOMIA DA BANHA - Essa agricultura de subsistência, segundo Argemiro, durou até a chegada do trem em 1911, quando o excedente de uma policultura variada começa a ser escoada para outras regiões, Porto Alegre e até mesmo para o exterior. "Ijuí torna-se um grande centro atacadista, principalmente de banha, e tendo o milho como base de sustentação", diz Argemiro, referindo-se a expansão da suinocultura, na década de 20, com a finalidade exclusiva de produção de banha.

A entrada de similares concorrentes no mercado, como os óleos vegetais, e também a descapitalização dos colonos nos anos 30, vai provocar um declínio na suinocultura tipo banha. Houve, então por esta época um certo incremento à suinocultura tipo carne, sem contudo, obter grandes resultados, já que a maioria dos colonos não pode acompanhar as inovações tecnológicas que a produção exigia.



Argemiro Brum
Hoje, discussão profunda sobre a industrialização é fundamental

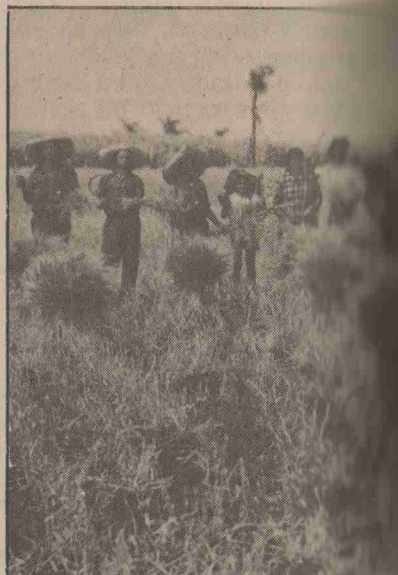
Ainda assim, de acordo com Argemiro, a estrutura comercial de Ijuí estava consolidada, na medida em que a articulação com centros maiores permitia um desenvolvimento endógeno. "Até 1950, tudo era progresso", embora na agricultura a fertilidade do solo começasse a dar sinais de cansaço, levando a uma redução da produção de milho e abertura de um processo de "mandioquização", ou seja, uma cultura de terra fraca que veio substituir o milho, mas sendo um alimento mais pobre para os suínos.

Essa situação trouxe novas exigências para a agricultura local, do mesmo modo como na economia geral do município já apareciam sinais de uma nova fase. "Depois da 2ª Guerra Mundial ocorre a transnacionalização da economia, redefinindo as estratégias nacionais e destruindo, conseqüentemente, o modelo endógeno. A indústria no Brasil assume o comando da economia, enquanto na agricultura aparecem os primeiros sinais da modernização".

MODERNIZAÇÃO - O acesso a modernização agrícola, no entanto, só chega à maioria dos colonos na metade da década de 60, fazendo do capital o fator mais importante do setor, seja para aquisição de terra como para maquinário e insumos. O crédito agrícola se expandiu, nem todos aproveitaram, mas muitos ficaram esperando até hoje, por essa



Expulsos da Europa, imigrantes



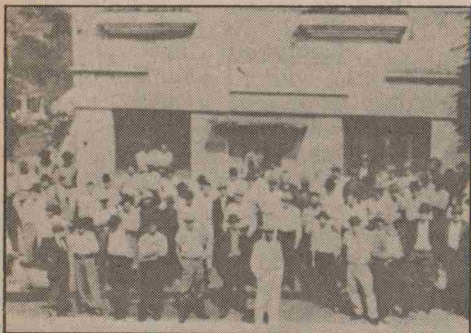
A modernização ainda estava

política que não volta mais. Argemiro, referindo-se a atual situação econômica do governo, em que a cultura, "quem ficar no passo corre o risco de entrar no jogo".

De um modo geral, no caso da economia local, nessa mudança os mos ocorrida na metade do século perdeu, pois enquanto havia um modelo endógeno, a liderança respondia, porém, na hora em que a economia exigia uma redefinição de estratégias se reteve, salvo alguns casos de regionalização da Cotrijui.

Os respingos dessa discussão inicia na década de 60, e é intensificada em 64, somente ressurgiu na década de 80 com a Retomada do Desenvolvimento, quando, apesar de uma discussão mais profunda, propostas concretas foram encaminhadas. É o caso da Unijui e sua atuação, aponta Argemiro, lançando, por outro lado, que muitos outros jetos tenham se esvaziado pela falta de uma discussão mais profunda.

PERSPECTIVAS - A chegada de Ijuí 100, trazendo uma tentativa de garantir uma nova fase de desenvolvimento para o município e a região, vada por Argemiro, como uma busca por tanto nebulosa. A busca da identidade, por exemplo, através do movimento etnias, é uma faca de dois gumes medida em que se entenda a importância de clarificar o passado e de soma de esforços ou de simplesmente completar o passado. A respeito das discussões, no entanto, professor, "sempre é bem vinda, e re-se olhar o passado como um que alimente o presente e prepare



Cotrijui, em 57 e sindicato, em 62



Dois polos de organização resultantes de necessidade de produção e da autonomia educacional

Colônia

Memória de um século

Natural da Colônia da Conceição, o colono Antonio Agostinho Vione, 88 anos, já está ficando famoso pelos seus relatos minuciosos a respeito da história de Ijuí, principalmente dos primeiros anos vividos pelos imigrantes europeus e seus filhos no território colonial. Dono de uma memória solícita, seu Antonio não poupa tempo para falar das inúmeras experiências vividas no início do século, como seu encontro com a Coluna Prestes em 1924, quando participava das Ligas de Defesas organizadas pelo governo local, como das trapaças eleitorais ocorridas na década de 20, quando alguém votava, três vezes numa mesma eleição, tranquilamente. Mas como a conversa é para 100 anos, o italiano remexe em anos anteriores ao seu próprio nascimento.

OS PRIMEIROS ANOS - "A vida era dura", diz seu Antonio ao comentar inclusive as peripécias do pai, o italiano Hermenegildo Vione "que veio de contrabando para o Brasil, em dezembro de 1876", atraído pela oferta de terras em Silveira Martins. Desembarcou no Brasil com 14 anos, sozinho e sem dinheiro e somente chegou àquela colônia seis anos depois. Lá, Hermenegildo casou e teve uma filha, mas não chegou a se estabelecer definitivamente, pois ao ficar sabendo que um tal José Gabriel da Silva Lima (proprietário das terras da Picada da Conceição na época) estava colonizando a área, o velho Vione tratou de fazer a mudança, numa viagem que durou 15 dias, e trabalhar dobrado para pagar a terra.

Já na Colônia Conceição, hoje localidade de Barreiro, os Vione tiveram mais onze filhos, entre eles o seu Antônio, que nasceu em sete de dezembro de 1902, uma época em que o arado era desconhecido. O trabalho todo era feito à base de "foice, machado e enxada", recorda o italiano, dizendo que somente em 1910 chegaram os primeiros arados, mas ainda importados da Alemanha, como de resto muitos outros utensílios.

Na roça, a terra ainda era ocupada pelo feijão e o milho, porque o trigo "não dava em terra nova", explica seu Antonio. O milho alimentava os porcos e servia para fazer a polenta, en-

quanto o feijão conseguia ser o produto de maior valor na propriedade. "Era o único que valia um pouco", diz ele, contando que para vendê-lo a família utilizava os cavalos, que em dois dias levavam dois sacos até Cruz Alta, onde em troca recebiam "uns cinco mil réis", que serviam para comprar fazenda, sal açúcar e linha".

A chegada do arado e a abertura da linha do trem em 1911 começou a modificar a vida dos colonos, embora, para a maioria, fosse difícil obter alguns produtos de uso pessoal ou mesmo da casa. O seu Antonio, por exemplo, somente calçou sapatos aos 13 anos de idade, e "usados", salienta. Anos mais tarde, quando resolveu casar com Dona Adelina, uma colona oriunda da colônia de Caxias do Sul, o aperto continuava, pois era preciso muita banha e salame para financiar um pedaço de terra.



Antonio e Adelina Vione

"Sacrifício e trabalho é o que a Dona Adelina costuma dizer sobre estes tempos. Nos primeiros anos de casamento, o serviço era todo a muque" e a casa possuía uma mobília tosca feita à base de caixotes de gasolina, recorda. As doenças também não eram facilmente combatidas, como bem lembra a italiana ao falar sobre a morte de um dos seus nove filhos, falecido em 1933.

O PRIMEIRO ADUBO - Mas se as dificuldades não diminuam, o trabalho da roça já estava modificado. Na lavoura o milho começava a perder espaço para o trigo, enquanto a criação, princi-

palmente de vacas leiteiras começava a tomar mais tempo dos Vione, que chegaram a manter um serviço de desnatamento do leite a 20 réis o litro. Para aumentar a renda ainda tentaram uma espécie de fabriqueta de melado e shmier, comercializando os produtos no quartel e no Colégio Sagrado Coração de Jesus.

Todas estas iniciativas, contudo, não supriam a expectativa dos colonos que insistindo na planta do trigo, se deparavam frequentemente com a falta de insumos e tecnologia para uma terra fartamente usada. "O trigo sofria muito por causa do pulgão", diz seu Antonio comentando em meio a risadas algumas receitas caseiras totalmente ineficientes no combate da praga. Certa vez, conta, utilizou um feixe de folhas de coqueiro preso a uma taquara e amarrou ao cavalo, para, em seguida galopar na lavoura. O resultado foi um estrago da planta sem maiores abalos no pulgão.

A fundação da Cotrijuí, em 1957, segundo seu Antonio, veio a solucionar alguns problemas, já que o colono além de contar com armazenagem passou a ter maiores orientações na condução da lavoura. A gente tinha alguma informação mas era pouca, e algum resultado no trato da terra era todo feito à base de experiências próprias. Além disso, muito trigo mofou ou carunchou nos antigos paióis.

OS APERTOS DE HOJE - A chegada da mecanização em meados da década de 60 trouxe uma nova realidade, de acordo com seu Antonio, como uma maior facilidade no plantio e a introdução de algumas práticas conservacionistas. A aquisição do maquinário, no entanto, não foi tão rápido, pois o primeiro trator só foi comprado através de uma sociedade formada pelos seus filhos e alguns parentes.

No início da década de 70, já cultivando a soja, mas mantendo a criação de suínos e o cultivo de frutíferas, os Vione passam a esboçar a sua saída da Linha Base para a cidade. Em 74 ele e dona Adelina mudam-se para a cidade onde residem até hoje, contando, incansavelmente, as inúmeras histórias deste século.

para sobreviver em terra própria



uma das principais culturas

num período de desestruturação e reorganização de setores da sociedade, mão-de-obra e, consequentemente, um aumento do poder econômico. "A questão industrial é fundamental neste processo", finaliza.

Desafios na modernidade

Muito trabalho. É desafiador o professor Mario Osorio, diretor da Editora Unijuí, e coordenador da I Feira Nacional de Culturas Diversificadas caracterizada pela identidade cultural. Quando ele, a diferença da "Colônia" para as demais que já estavam no século passado foi a chegada distribuída aos imigrantes. Eles eram de puro mato, o que dificultou a povoação, além de uma colonização que recebeu nenhuma assistência do governo. A iniciativa foi particular, diz Mario Osorio, lembrando que tornou o município um centro da região por quase todo o século.

Como esforço conjunto dos setores surgiu uma certa autonomia, como o da educação, que veio pela iniciativa dos colonos. O primeiro passo foi a instalação de uma escola. O Estado assumiu a sua tarefa, de acordo com Mario Osorio, mas não foi muito diferen-

te, pois os agricultores tiveram que se reunir em cooperativas para superar as suas necessidades, como foi o caso da fundação da Cotrijuí em 1957.

NOVAS RELAÇÕES - A consolidação desses setores veio através do estabelecimento de novas relações de "sociabilidade", afirma o professor, ao destacar a abertura de novas estradas, uma maior circulação do agricultor e consequentemente um declínio na estrutura comercial vigente. A ligação que se dava entre o agricultor e o comerciante foi sendo substituída por uma nova consciência política, oriunda em grande parte de um trabalho de organização de núcleos rurais desenvolvido pela Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado - FIDENE, o qual vai desembocar na criação do Sindicato de Trabalhadores Rurais em 1962.

Com a intervenção militar desencadeada em 1964, grande parte deste trabalho é bloqueado, continua explicando Mario Osorio, para ser retomado mais tarde, "quando as coisas se acomodam e o processo de organização se institucionaliza". Nesse momento, a hoje então Universidade de Ijuí também se

afasta, na medida em que se cria o entendimento de que as organizações sindicais já estavam maduras.

REARTICULAÇÃO DE FORÇAS - A passagem do ano 100 de fundação da Colônia de Ijuí, no entanto, traz uma série de reflexões sobre o desdobramento de uma "sociedade organizada em si mesma", por muito tempo, como diz Mario Osorio, como efeito de um espírito empreendedor baseado no trabalho e na existência de uma certa auto-suficiência sufocada pelas transformações econômicas ocorridas na metade do século.

Para ultrapassar as barreiras da decadência econômica e de um chamado isolamento social, muito se tem falado na busca da modernização, o que, para o professor, significa a "própria contradição do atraso". Vivemos uma época em que a rearticulação de forças deve passar pela conquista de alguns valores que a própria modernidade perdeu", diz o professor apontando uma série de indicadores como a integração econômica, a questão ecológica e a busca de uma melhor produtividade no trabalho, com o objetivo de proporcionar uma maior qualidade de vida às pessoas.

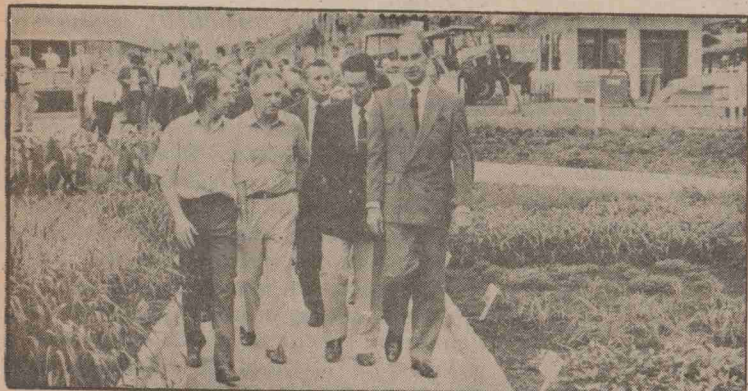


Mário Osorio
A busca da modernidade alcança uma visão da sua própria decomposição

O próprio avanço tecnológico tão apregoado em todos os projetos de desenvolvimento trata desse aspecto, diz o professor ao enfatizar o desenvolvimento econômico e social, agora não somente do município, mas de toda a região. O desafio da modernidade, portanto, para Mario Osorio, atinge a ultrapassagem de uma série de preconceitos da sua própria formação histórica, que tem no trabalho a sua mola mestra, e a busca de todas as outras dimensões da vida humana. Baseado numa visão que ela prefere chamar de "neo-moderna", afirma que "é preciso olhar a modernidade não como uma cópia dos grandes centros, mas como uma forma de melhorar as condições de vida dos seus habitantes".

Um incentivo a lavoura/pecuária

Incentivando o melhoramento genético do rebanho da região e reforçando a necessidade da integração da lavoura com a pecuária, a VII Feira Agropecuária torna-se um dos grandes atrativos da Expo-Ijuí



Mini CTC
O diretor técnico Leo Goi, e o vice-presidente da Cotrijuí Celso Sperotto ao lado do ministro da Educação Carlos Chiarelli, deputado Gleno Scherer e do secretário da Agricultura Marcos Palombini, na abertura da Feira.

"Uma resposta para a crise". Assim o superintendente da Regional Pioneira da Cotrijuí e presidente da Comissão de Agropecuária do Centenário Valter Frantz sintetizou os investimentos feitos neste ano, no Parque Assis Brasil, durante a abertura da VII Feira Agropecuária, no dia 12 de outubro. Entre as várias autoridades presentes esteve o secretário da Agricultura e Abastecimento do Estado, Marcos Palombini, que destacou a integração lavoura-pecuária como um dos fatores importantes para diversificação da propriedade rural.

"O Estado tem pagado um preço muito alto pela monocultura, como o excessivo êxodo rural", lembrou Palombini, apontando o trabalho pioneiro de diversificação pela região, onde o cooperativismo tem servido de modelo para o País. Enfatizou ainda a cooperação permanente entre a Cotrijuí e a Secretaria de Agricultura em projetos de piscicultura, citricultura, pecuária leiteira e suinocultura. A presença do secretário serviu também para a renovação do convênio entre a Cotrijuí e Secretaria, para aquisição de tratores esteiras utilizados nos programas de conservação do solo.

ESTRUTURA AMPLIADA - Com uma estrutura ampliada, representada pelos cinco novos pavilhões de pecuária, a Feira foi um dos setores que mais cresceu neste ano, reunindo uma mostra de 600 animais entre bovinos, suínos, ovinos e eqüinos, com o detalhe

de que muitos deles eram oriundos de pequenas propriedades.

A qualidade genética dos animais foi o ponto alto da Feira, que buscou evidenciar o alcance da pecuária desenvolvida na região, e ao tempo, incentivar a sua integração com a lavoura, uma proposta desenvolvida há vários anos pela Cotrijuí, e que se torna ainda mais fundamental numa época de progressiva descapitalização do campo.

O incentivo ao melhoramento genético do rebanho da região pode ser melhor observado pela participação satisfatória de vários produtores do município e região, que pela primeira vez estiveram expondo seus animais. É o caso de Elerson Krampe,

Grande Campeão Crioulo
De Avelino Scarton, Augusto Pestana



da Agropecuária Primavera, que levou o "Balde Ouro", 1º lugar na produção leiteira da raça Jersey, com uma produção de 15 kg e 587 gramas de leite, 1º prêmio para Campeã PPC Jersey, além do 2º prêmio para Reservada da Campeã Vaca e Reservada de Campeã PPC - Holandesa.

"Como uma grande conquista",

GRANJA EXPERIMENTAL

A eficiência na reprodução

Uma exposição à parte na Feira Agropecuária foi realizada pelo setor de suinocultura com a instalação da Granja Experimental de Suínos, uma área de 520 metros quadrados, onde o visitante pode perceber todo o fluxo normal de criação dos animais. Dividida em salas especiais para cada período, a Granja Experimental mostrou as principais raças - Landrace, Large White, Wessex e Duroc -, seus cruzamentos e as inovações tecnológicas em instalações e equipamentos, como celas parideiras suspensas e escamoteadores, responsáveis pelos maiores ganhos em produtividade.

Para demonstrar todo o processo de criação foram utilizados 191 animais, de quatro expositores, Alípio Friederich, Jaime Wender, Imeab e CTC, obedecendo um projeto de 25 criadeiras, quatro partos ao mês, desmame aos 35 dias, com igual período na cre-

che, além da fase de recria e terminação. Exemplo da estrutura montada na Feira é o setor de monta, dividido em quatro salas individuais, onde são colocados os reprodutores, as leitoas de reprodução e os animais desmamados, ficando ali no período de cobertura de três a sete dias.

No setor de gestação, com capacidade para 18 animais, as leitoas são colocadas em salas individuais, onde permanecem até cinco dias antes do parto. Depois passam para a maternidade, onde ficam cerca de 40 dias, sendo 25 destinados a amamentação. A média de recria por este sistema alcança os 2,25 nascimentos por porca ao ano.

DIA DE CAMPO - Os detalhes de cada uma das fases do sistema de reprodução de suínos foram melhor explicados em um dia de campo realizado na Feira, sob a coordenação do veteri-

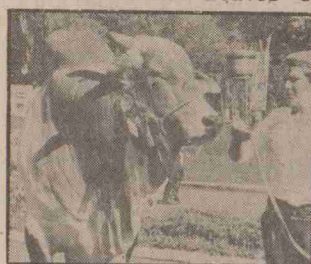


Grande Campeão PPC Jersey
Junto a proprietária Cleonice Krampe

disse o produtor, ao se referir a premiação dos seus animais, mas em especial a sua participação na Feira, vista por ele, como uma forma de "divulgar a propriedade e o potencial genético com que trabalhamos". Krampe disse ainda que um grande passo foi dado, já que terceiros e mesmo outros colegas podem acreditar no alto padrão genético da região.

Junto com a esposa Cleonice, que também é responsável pela administração da Agropecuária, Krampe não deixou de assinalar alguns pontos importantes para conseguir resultados compensadores na produção, como uma boa alimentação e manejo adequado, a utilização de touros provados e o acasalamento correto.

Também o estreante Norberto Oedmann, proprietário de 44 hectares em Ajuricaba, que esteve presente na Feira, com alguns exemplares da raça Jersey, e também de ovelhas Suffolk, diz que, na criação, o importante é "o capricho e a genética". Junto com o filho Flávio Oedmann ele



Grande Campeão Aspado - Nelore
Cabanha Bela Vista, Santa Maria

arrematou o "Melhor Úbere Jersey" e ainda o 1º prêmio para Reservado de Campeã PPC da raça Jersey, além do 2º prêmio para Reservado de Campeão Carneiro e Reservado de Grande Campeão da Raça Suffolk.

Dizendo ter "muito gosto pela criação e que, se continuasse na soja e no trigo só iria para trás", o seu

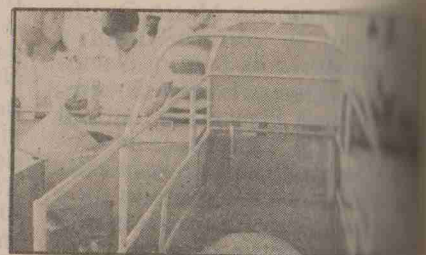


Marreca Centenária
Grande Campeã da raça Holandesa Cabanha Centenária

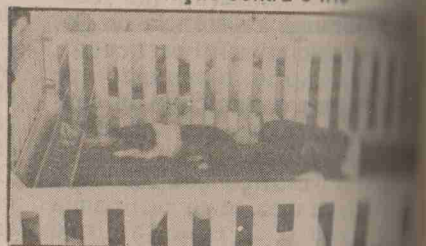
Oedmann justifica a exclusividade mantendo com a raça Jersey no leiteiro: "é mais econômica e produz quase a mesma coisa que outras raças", diz ele, exemplificando que "a vaca Jersey produz mais por hectare e consome menos ração". Quanto a produção de ovinos, o produtor diz que sua adesão ao setor com estímulo de produção de leite e a defesa para a pequena propriedade, "já que um pequeno rebanho ocupa muito espaço".

TROCA DE EXPERIÊNCIAS - O produtor expositor a ressaltar a importância de sua participação na Feira Agropecuária, foi a Dona Vilja Wagner, Sítio das Palmeiras que ficou com o prêmio "Reservada Grande Campeã - Jersey e o 2º lugar em produção Leiteira - Jersey". "Participar é importante, disse ela, explicando que veio para adquirir experiência e também defensora da raça Jersey, que qualifica como "mais dócil", Vilja diz ainda para o bom rendimento dos animais, "a higiene, o trato adequado e a preferência por uma boa linha genética".

Ainda foram destaque na Feira Agropecuária, o expositor Alcílio Baugratz, de Palmeira das Missões que arrematou os principais prêmios na raça Holandesa, como o 1º lugar em produção leiteira, com 53 kg e 900 gramas de leite, a raça Nelore, o expositor Luiz Carlos X. Marafiga, de Santa Maria, entre outros prêmios, o grande campeão mocho e o grande campeão do. O produtor Avelino Scarton, Augusto Pestana ficou com todos os prêmios da Raça Crioula, como o Prêmio Campeão Cavalo e o Grande Campeão da Raça.



Escamoteador
Proteção contra o frio



Creche
Ali os animais permanecem 35 dias

de vida dos leitões, o escamoteador acaba com a sua exposição ao frio evitando assim, baixa proteção sanitária, perdas por energia e um aumento do número de mortalidade e de rejeição.

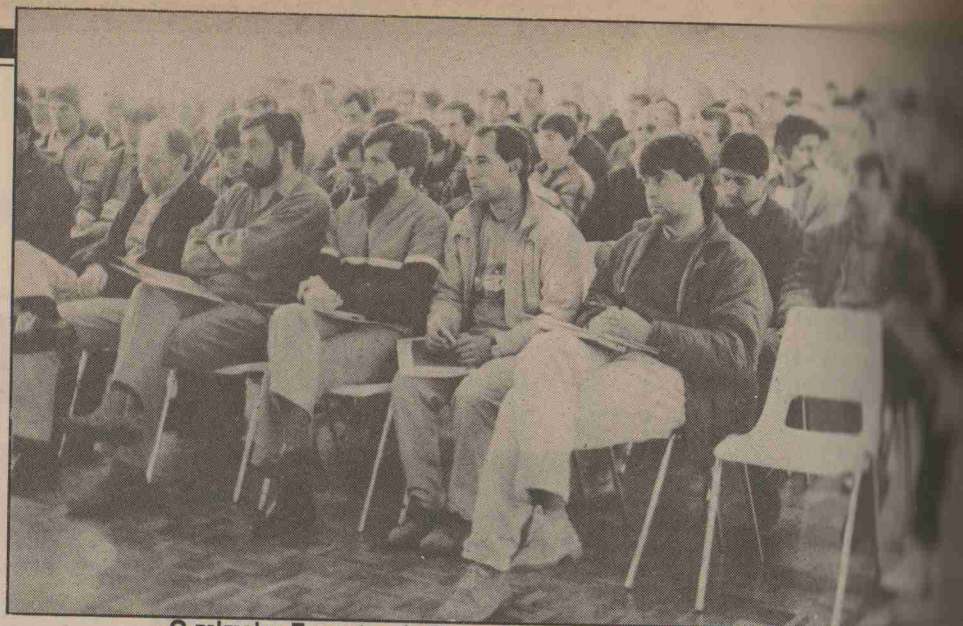
O novo produto da cooperativa, batizado com o nome Cooagri, já está sendo vendido nos supermercados locais, na rede de supermercados da cooperativa no

Página 17

ENCONTRO DE DIVERSIFICAÇÃO AGROPECUÁRIA

SUINOCULTURA

"Hoje, mais do que nunca, a agropecuária precisa encontrar alternativas economicamente interessantes, viáveis tecnicamente e também social e ambientalmente. Os desafios são enormes". A afirmação foi feita pelo coordenador da Comissão Agropecuária do Centenário de Ijuí e superintendente da Cotrijuí na Pioneira, Walter Frantz, durante a abertura do Encontro de Diversificação Agropecuária que aconteceu nos dias 25 e 26 de setembro e 9 de outubro, na Afucotri de Ijuí. A promoção foi da Cotrijuí e da Comissão de Agropecuária do Centenário do município de Ijuí.



O primeiro Encontro de Diversificação Agropecuária da região ... reunião técnicos, agricultores, estudantes e pesquisadores do Centro Sul da Pioneira

A década da eficiência

"A década de 90 e os anos 2.000 vão ser do suíno e da suinocultura eficiente". O recado foi dado pelo pesquisador Renato Irgang, do Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves de Concórdia, Santa Catarina, ao falar para cerca de 300 agricultores, técnicos, extensionistas e estudantes da região sobre os efeitos da biotecnologia aplicada à produção animal, especialmente à suinocultura. "A nossa economia vai exigir maior investimento em tecnologia na produção de suínos", assinalou o pesquisador, para quem a suinocultura vem se transformando numa atividade de detalhes. E quando fala em detalhes, Renato Irgang está se referindo a inovações em termos de construções, buscando reduzir os custos e em manejos muito bem planejados, tanto para as porcas como para os machos e leitões.

Ao alertar sobre a necessidade de uma suinocultura eficiente, o zootecnista do CNPSA de Concórdia, especialista em melhoramento genético, estava apontando para uma outra postura em relação à atividade. Essa eficiência, da qual tanto falou durante sua palestra, terá de ser alcançada a partir da produção de leitões por porcas alojadas, passando pelo ganho de peso diário, pelo uso das instalações e por uma taxa de cresci-

mento mais rápida para que o animal possa chegar ao abate com menor idade. "O suíno terá que transformar melhor, em peso vivo, tudo aquilo que come", disse.

Além de ter que se transformar num animal em condições de produzir mais carne por quilo de carcaça, o suíno terá, seguramente, segundo Renato Irgang, que apresentar uma carne de melhor qualidade.

DESAFIO - Mas o desafio mais sério que a suinocultura tem pela frente é a competição com a avicultura, "uma atividade que se modernizou muito nestes últimos anos. A avicultura é hoje um setor muito desenvolvido, de alta genética, de alto manejo, de altíssima nutrição e será, sem dúvida, o grande competidor dos suínos", avisou. Como exemplo do que poderá gerar essa competição entre as duas atividades, Irgang apontou dados sobre o consumo de carne tanto de suínos como de aves.

Em 1976 o brasileiro consumia, em média, 10 quilos de carne de suínos. Hoje esse consumo se situa ao redor dos 7,5 quilos de carne por pessoa. O consumo da carne bovina registrado nesse mesmo período, também caiu de 20 para 13,5 quilos por pessoa. Mas o consumo da carne de frango, no entanto, atravessa uma situação pri-

vilegiada. Em 1976, o consumo médio era de 5,5 quilos por pessoa. Em 1989 ele subiu para 12,4 quilos por pessoa. "O brasileiro de hoje come mais carne de frango porque a atividade é mais eficiente", disse o pesquisador mostrando preocupação com relação a situação da suinocultura brasileira. "Se a suinocultura não se tornar mais eficiente, poderá perder seu lugar no mercado consumidor", insistiu.

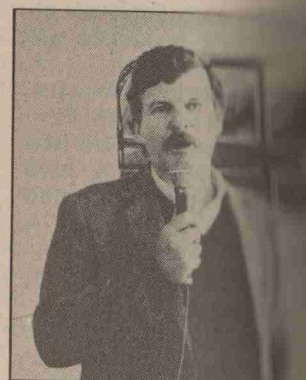
A eficiência do frango de corte está centrada na redução do tempo de abate. Em vez dos 48 dias, um frango está sendo abatido aos 38 dias e já pesando em média 1,7 e 1,8 quilos. Enquanto isso, o produtor de suínos continua trabalhando com 2,7 a 2,8 e até 3,2 quilos de ração para o mesmo quilo de peso vivo. "O suíno está perdendo cerca de 50 por cento de sua eficiência para o frango de corte", diz Irgang, sugerindo o mesmo avanço registrado na avicultura para a suinocultura.

O pesquisador lembrou que hoje já estão sendo desenvolvidos, em diversos países do mundo, linhagens de suínos com maior taxa de crescimento e maior ganho de peso. São os animais transgênicos. Eles recebem gens - herança genética - de outras espécies, inclusive do homem. Alguns destes experimentos

vêm sendo realizados na Austrália, podendo apresentar uma redução de até sete meses na idade de abate. São animais que transformam o alimento consumido em carne e não gordura, "uma grande vantagem em conversão animal". Na combinação de resultados, explicou Irgang aos agricultores, os pesquisadores obtiveram um ganho de 11 por cento nos animais transgênicos se comparados com outras raças de suínos.

TENDÊNCIAS - Uma atividade moderna. Esse é o rumo que a suinocultura brasileira deverá tomar, se quiser ser competitiva, na visão de Renato Irgang. E a tendência dessa nova suinocultura passa pela exploração, cada vez maior da genética para a produção de um maior número de leitões, o que pode ser obtido através do uso de raças hiperprolíferas ou mestiças. Essas fêmeas mestiças, também conhecidas por F1, se caracterizam e têm a vantagem de apresentar maior frequência de cio. Um exemplo citado pelo Irgang é o caso da raça chinesa Meixhar, com grande potencial para o aumento da produção de leitões. É uma raça que está em estudo na França, podendo produzir de 14 a 15 leitões, em média, por barrigada.

Mas assim como o suinocultor terá de buscar maior



Renato Irgang
Investimento em tecnologia

eficiência na produção de leitões por porca ano e produzir carne melhor que a atual. "ele também vai ter que reduzir a idade de abate", se é um ponto, segundo o pesquisador, que hoje se encontra nas mãos da biotecnologia. Alguns produtos, de engenharia e biotecnologia, como a leptopina, já estão em alguns países. "São produtos que ainda não estão disponíveis nos Estados Unidos, testes já comprovaram que podem proporcionar um aumento de até 10 por cento na taxa de crescimento dos animais, disse por fim Irgang apostando no avanço da suinocultura brasileira para competir com a de outros países. "Se quisermos competir com a carne produzida em outros países, vamos ter que nos tornar eficientes", concluiu.

Aplicando FUSILADE no cedeo, ganha o agricultor, ganha a soja.

Vantagens de Fusilade

- Fusilade controla as gramíneas antes da competição com a soja, mesmo com chuvas 1 hora após a aplicação.
- Fusilade, além das gramíneas anuais, controla também as gramíneas perenes.
- Fusilade tem o menor custo/ha.

ATENÇÃO: Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (macacão, luvas, botas, máscara, etc). Consulte um Engenheiro Agrônomo.



VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMO



Agroquímicos



José Tadaschi:
O cancro da
haste é uma
doença que
vem se
espalhando
pelas lavouras

DOENÇAS/SOJA

Desafios para a pesquisa

de pensar em controle de doen-
preciso pensar em manejo de
o engenheiro agrônomo
Tadaschi Yorinori, do Centro
de Pesquisa da Soja de Lon-
do Paraná. E preparar o solo
significa apenas passar a grade
e depois fazer o plantio,
ainda. É preciso saber a quan-
esse solo vem sendo cultiva-
soja, trigo e milho, para que,
se use o implemento adequa-
Tadaschi veio a Ijuí para falar so-
doenças da Soja e Culturas de
Foi o último palestrante da
etapa do Encontro de Diver-
Agropecuária e mostrou-se
pado com as condições de so-
maioria das lavouras cultivadas
com trigo como com soja. "Atual-
disse ainda, 80 por cento das
de produção de soja e de trigo
estão mal preparadas".
As doenças da soja, somadas aos
climáticos e a política agrí-
do governo, têm trazido alguns
aos agricultores brasileiros,
o pesquisador do CNPSOja,
a situação da agricultura,
"bastante complicada". Uma plan-
no entender da pesquisa, se
no ambiente ideal para a
de doenças. Mas esta plan-

ta só será fraca se for deficiente em
adubo ou não tiver recebido os cuida-
dos adequados, "como o próprio trata-
mento de sementes". "De nada adian-
ta plantar uma variedade altamente
produtiva, se o produtor não conhe-
cer sua suscetibilidade em relação a
ocorrência de doenças", insistiu, cer-
to de que, além de limitar a produti-
vidade, essas doenças vão influir na
qualidade do produto e interferir no
custo de produção.

MUITOS PREJUÍZOS - É o que as
doenças têm ocasionado na produção
de soja brasileira. Na safra 89, por
exemplo, segundo informações citadas
pelo palestrante, a incidência de algu-
mas doenças se responsabilizou por
uma quebra situada entre 15 e 20 por
cento. "Isto é o que as doenças anda-
ram comendo na safra anterior", dis-
se o pesquisador destacando a impor-
tância da tecnologia e da informação
na condução das lavouras. "Tanto a
rotação como a sucessão de culturas
e o manejo do solo não vão resolver
o problema das doenças da soja e nem
vão aumentar os rendimentos de uma
safra para outra. Mas são práticas que
precisam ser planejadas a curto pra-
zo e implantadas a médio e longo pra-
zos", observou.

O cancro da haste

do cancro da haste da soja é uma das
que mais tem preocupado os
produtores, transformando-se, em pou-
cos anos, num dos grandes desafios
da pesquisa. É causada por um
fungo, na última safra foi constata-
da praticamente todas as áreas pro-
duzidas de soja do país. Ela apareceu
pela primeira vez, em fevereiro de 89,
no município de Ponta Grossa, Para-
ná, em seguida, em maio do mesmo
ano, em Rondonópolis, Mato Grosso.
Em lavouras, as variedades
atingidas foram a Bragg, Bossier,
BR-13, BR-29, FT-2, FT-3,
FT-11, FT-17, Manacá, Ocepar-2
e Ocepar-4 (Iguaçu) e Ocepar-9

É uma doença que provoca até
10 por cento de perdas na lavoura.
A doença já está instalada na safra
atual, portanto, não há mais nada a
fazer, avisa José Tadaschi dizendo
que de todo o volume de soja a ser
colhida nesta safra, apenas 20 por
cento das variedades são resistentes.
Mais de 80 por cento das lavouras
atuais estão sujeitas ao ataque
do cancro da haste, "dependendo ape-
nas das condições climáticas favorá-
veis. As primeiras manchas pretas
na haste da planta ocorrem a partir
de 10 dias de plantio e as folhas vão

aos poucos amarelando. A doença se
desenvolve muito lentamente e o can-
cro vai penetrando na área mancha-
da. É uma doença parecida com a "mor-
te súbita", que ataca a raiz e causa,
também, o escurecimento da haste.

Mesmo que o ataque ocorra no
cedo, logo após a emergência, a mor-
te da planta só vai ocorrer na fase de
granação. "O importante, avisa o pes-
quisador, é identificar a doença em tem-
po, para que no próximo ano, o agri-
cultor saiba que procedimento tomar".

A transmissão do cancro da has-
te da soja, via semente, é muito baixa,
mas uma semente infectada por hecta-
re é suficiente para levar o fungo de
uma área para outra. As recomenda-
ções, "pela seriedade do problema",
em termos de medidas de controle e
também na intenção de evitar a intro-
dução da doença na lavoura, segundo
José Tadaschi Yorinori são as seguintes:

- * Tratamento de sementes;
- * Rotação de culturas com milho
e sucessão com gramíneas de inverno
- aveia branca, aveia preta, cevada
ou trigo -. A sucessão soja-trigo-soja
tem apresentado maior índice de can-
cro da haste do que soja-pousio-soja.
A semeadura direta também tem apre-
sentado alto índice de incidência da

ALIMENTAÇÃO

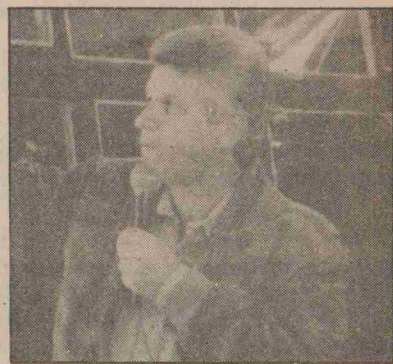
Leque de opções

O custo de alimentação repre-
senta em torno de 70 por cento do
custo de produção de suíno. Um pro-
dutor que produz 18 porcos termina-
dos por ano, tem um custo por quilo
vivo de Cr\$ 77,00. Mas se terminar
apenas 13 animais por ano, o seu
custo por quilo vivo aumenta para
Cr\$ 88,00. Neste caso, em função
da má eficiência, esse produtor já es-
tá perdendo 10 por cento em custo
de suíno vivo. Esse quadro da suíno-
cultura mal conduzida e que resulta
em menos ganho para o próprio pro-
dutor foi pintado pelo pesquisador
do CNPSA de Concórdia, Hacy Bar-
bosa que veio a Ijuí para falar sobre
Alimentação Alternativa para Suínos.

É claro, disse o pesquisador,
que, embora a alimentação seja im-
portante na determinação dos custos
de produção, os animais também pre-
cisam apresentar boa saúde, bom
manejo e boas instalações. "Os ani-
mais precisam ser melhorados geneti-
camente para converter com maior
eficiência o alimento em carne", dis-
se ele. Mas Barbosa procurou dar ên-
fase para as alternativas alimentares
que o produtor pode dispor em sua
propriedade e que podem resultar numa
atividade mais eficiente e competi-
tiva. Ele falou sobre o uso da aveia,
da fava, da mandioca, do trigo, entre
outras opções, na alimentação
dos suínos.

AVEIA E FAVA - Barbosa começou
falando da aveia, citando dados de
um trabalho realizado em conjunto
com a Cotrijuí no Centro de Treina-
mento. Neste trabalho, foram substituí-
dos, em diferentes níveis, o milho e
o farelo de soja pela aveia na alimen-
tação de 10 suínos em terminação e
pesando, em média, 55 quilos. Pelo
resultado alcançado, os pesquisado-
res puderam concluir que é possível
colocar até 36 por cento de aveia na
ração de suínos em terminação. Já
a fava pode ser incluída em até 24
por cento na dieta alimentar dos ani-
mais. "Tanto a fava como a aveia,
desde que balanceadas corretamente,
são alternativas que o produtor po-
de se valer na alimentação dos suí-
nos", sugeriu o pesquisador, tentando
abrir ainda mais o leque de opções
alimentares com possibilidades de se-
rem usadas na região.

Disse que a alfafa é uma outra
alternativa, mas com algumas limita-
ções. Ela só pode ser incluída na ra-
ção na proporção de 15 por cento,
"a partir dos 45 quilos de peso vivo".
A mandioca também pode ser forne-



Hacy Barbosa
A alimentação é importante

cida aos animais, desde que cozida
ou seca ao sol ou então transforma-
da em raspa ou farinha. Não aconse-
lhrou o uso de mandioca crua. Mas
disse que a substituição do milho pe-
la raspa ou farinha de mandioca só
é viável quando a fonte protéica for
o farelo de soja. Recomendou, em ca-
so de soja tostada ser usada como
fonte protéica, e para o caso da gesta-
ção e lactação, a substituição de ape-
nas 50 por cento do milho pela fari-
nha de mandioca. Na fase de cresci-
mento e terminação, substituir ape-
nas 33 por cento do milho pela fari-
nha de mandioca.

O trigo, outra alternativa,
pode ser utilizado nas rações de lei-
tões de 10 a 25 quilos em até 30 por
cento. "Nesta fase, disse Barbosa, o
trigo vai conseguir baratear o cus-
to da ração porque está substituindo,
ao mesmo tempo, o milho e o farelo
de soja". O produtor também pode
se valer do farelo de trigo, desde que
observadas algumas recomendações
da pesquisa. Ele pode ser incluído
na ração em até 20 por cento duran-
te a fase de crescimento e em até 30
por cento na fase de terminação.

A espiga de milho moída tam-
bém pode ser incluída na ração para
animais em gestação em até 60 por
cento, "desde que no período de lacta-
ção esses animais recebam ração de
milho e farelo de soja", observa o pes-
quisador. Outra alternativa lavanta-
da pelo Hacy Barbosa: a calda de ca-
na-de-açúcar. Disse que na fase de
terminação é possível fornecer uma
ração com 25 por cento de proteína
bruta e calda de cana-de-açúcar à
vontade, "sem qualquer problema pa-
ra os animais". O tritico também
pode substituir o milho e o farelo de
soja em até 100 por cento nas fases
de crescimento e terminação, segun-
do dados citados pelo Hacy Barbosa,
levantados pelo próprio CNPSA.

doença. "Mas rotação de culturas sem
tratamento de sementes de nada adian-
ta", avisa Tadaschi.

* Aração profunda após a colhei-
ta visando incorporar o máximo possí-
vel os restos de cultura, deixando o
mínimo de matéria orgânica com fun-
go sobre o solo.

* Uso de cultivares resistentes.
Medida mais econômica e imediata
para resolver o problema, "mas como
são poucas as variedades resistentes,
a solução a curto prazo se torna mais
difícil".

* Plantio antecipado. A chuva é
um meio de disseminação do fungo.
Por essa razão, a semeadura antecipa-
da vai permitir que a fase mais vulne-
rável da soja - que se situa entre a
emergência e a floração - ocorra num
período em que as condições climáti-

cas não são favoráveis à dispersão da
doença. Como o cancro da haste se
desenvolve muito devagar, se a semea-
dura for antecipada, ele não vai ter tem-
po suficiente para matar a planta. "Es-
ta é uma forma de viabilizar uma la-
voura, mesmo com variedades susceti-
veis, em condições de plantio antecipa-
do", recomenda.

* Evitar acamamento, que favore-
ce a propagação da doença. O produ-
tor pode evitar o acamamento com
uma adubação equilibrada, principal-
mente de potássio.

* Variedades mais resistentes. A
IAS-5 é mais resistente que a Bragg,
"mas é preciso que outras medidas se-
jam adotadas", alertou Tadaschi, citan-
do ainda, como variedades resistentes,
a CEP-16, a CEP-20; as Ipagros 20 e
21; a Ivorá e a RS-5.

Tratamento de sementes

E outras práticas para o bom estabelecimento da lavoura de soja

Adão Acosta

Samuel Rodenbusch Ribeiro

Neste ano, particularmente, temos um elemento novo a acrescentar e uma recomendação a fazer aos produtores na hora da formação das suas lavouras de soja: redobrar os cuidados no momento da semeadura, realizando tratamentos de sementes e aumentando a densidade de sementes por metro. A razão desta preocupação está no fato de que a semente produzida nas regiões do Planalto e Missões, com exceção de alguns lotes de variedades precoces e tardias, apresentam problemas causados por fungos fitopatogênicos que interferem e reduzem a germinação e o vigor das sementes. Isto sem contar com os danos por umidade, os quais afetam o tegumento pela perda e posterior acúmulo de água no período que antecede a colheita.

Na verdade, as constantes chuvas ocorridas após a manutenção dos campos de produção de sementes, além de comprometerem a qualidade pelos motivos já expostos, afetam até mesmo a quantidade disponível de sementes de algumas variedades para esta safra. Diante desta situação, a própria Comissão Estadual de Sementes e Mudas do Rio Grande do Sul está autorizando o uso de sementes de 70 a 79 por cento de germinação, mantidos, é claro, os padrões para pureza varietal, invasoras e mancha púrpura.

EXPERIMENTO - Buscando ampliar o controle de qualidade interno da Cotrijuí e fazer as recomendações necessárias aos produtores associados, foi conduzido um experimento em laboratório. Objetivo do experimento: medir a eficiência de alguns fungicidas sobre a germinação da semente de soja.

Para o experimento conduzido na Cotrijuí, foram utilizados dois lotes das variedades Iguaçu, Bragg, IAS-5 e mais um lote da variedade BR-4. Uma parte das amostras dos lotes foi remetida para análise patológica - que verifica a incidência de fungos -, cujos resultados podem ser melhor avaliados na tabela de número 1. O restante das sementes foi submetida a tratamento com quatro diferentes tipos de fungicidas, conforme mostra a tabela 2.

OS RESULTADOS - Como resultados, que podem ser melhor avaliados na tabela de número 3, ficou evidente que o tratamento de sementes inibiu a ação dos fungos e melhorou o

nível de germinação dos lotes de bom vigor e qualidade. Quando a infecção por fungos de pós-maturação foi muito elevada, caso do lote 014 da cultivar IAS-5, não houve diferença entre os tratamentos e a testemunha, evidenciando que, para lotes com germinação muito baixa não vale a pena o uso de fungicidas. Já para os lotes 683 - da variedade Iguaçu - e 031 - da IAS-5 -, a diferença não foi significativa entre tratamentos e testemunha, porque a infecção por fungos se apresentava relativamente baixa, embora tenha sido suficiente para elevar a germinação para acima de 80 por cento.

Mas a evidência clara do bom desempenho do tratamento de sementes ficou constatada nos lotes 040 - da variedade Iguaçu -, 317 e 143 - da Bragg - e 246 - da variedade BR-4 -, onde constatou-se diferença estatística entre a testemunha e os tratamentos, chegando, em alguns casos, a au-

mentar a germinação em mais de 10 pontos percentuais. Pode-se dizer ainda que, nas condições deste experimento, os lotes com predominância de fungos de pós-maturação e armazenamento foram melhorados com o uso de Thiabendazol. Os lotes que apresentaram alto índice de mancha púrpura, tiveram sua germinação aumentada com o uso do Thiran.

DENSIDADE E SEMEADURA - Sabe-se que uma população de 400 mil plantas de soja é a ideal dentro de um hectare de lavoura, porque otimiza o aproveitamento da luz solar, água e nutrientes do solo. Para saber quantos quilos de uma variedade devem ser usados por hectare e quantas sementes colocar por metro, é necessário conhecer o peso da semente e o nível de germinação do lote.

A tabela de número 4 foi elaborada considerando dois aspectos:

* a amplitude da região e, por

isso, os pesos das sementes foram dos da média de 25 diferentes variedades dentro da Região Sul, sendo então, uma amostra boa para uso geral.

* as densidades hipotéticas de semeadura incorporam acréscimo de quantidade de semente por metro, porque são conhecidos os problemas cada vez mais graves da cultura de verão. As doenças e pragas de solo estão ficando cada vez mais preocupantes.

Assim, para uso prático de sementes, as quantidades variam de 250 quilos por hectare da variedade com grau de germinação entre 74 por cento de germinação a 74 quilos por hectare da variedade Bossier, com mais de 95 por cento de germinação.

COMO FAZER O TRATAMENTO - Como a recomendação geral da Comissão Sul Brasileira de Pesquisa e Produção de Sementes de Soja, a operação de tratamento de sementes deve ser feita com uso de 50 ml de água ou óleo para cada 50 kg de semente, que devem ser usadas uniformemente. Após este procedimento, acrescentar o fungicida na dosagem recomendada. Realizar o tratamento da semente, fazer a calda normal de inoculação com *Bradyrhizobium*. Preferir o uso de tambor ou mesmo espalhar as sementes em uma lona. Não fazer o tratamento e a inoculação na caixa da sementeira. Fungicidas são agrotóxicos como tal devem ser manejados para evitar intoxicações na pele e nas vias respiratórias. Por esta razão, recomenda-se usar luvas e máscara na realização da operação, evitando, desta forma, contato direto com o produto.

* Adão Acosta é engenheiro agrônomo e Supervisor de Produção de Sementes da Cotrijuí.

* Samuel Rodenbusch Ribeiro é professor do Curso de Agronomia da UDESC/Lages/Santa Catarina.

TABELA 1 - RESULTADO DA ANÁLISE PATOLÓGICA DE 4 CULTIVARES DE SOJA
LABORATÓRIO SEEDS - PASSO FUNDO - 1990

FUNGO	Iguaçu		Bragg		IAS-5		BR-4
	Lote 040	Lote 683	Lote 317	Lote 134	Lote 014	Lote 031	Lote 246
Cercospora kikuchii	8,33	2,92	26,25	14,16	3,75	0,83	12,05
Cercospora sojina	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Colletotrichum dematium	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Fusarium sp	2,50	3,75	0,93	0,00	4,58	3,33	8,33
Phomopsis sojae	1,66	2,08	1,66	0,83	0,83	1,25	6,66
Peronospora manshurica	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Rhizoctonia solani	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Bacillus subtilis	2,08	2,92	0,00	0,00	3,33	2,50	3,33
Fundo de Pós-maturação e armazenamento	2,50	9,16	2,08	2,08	39,60	23,75	32,92

TABELA 2 - FUNGICIDAS UTILIZADOS PARA O TRATAMENTO DE SEMENTES PARA
AVALIAÇÃO DO PODER GERMINATIVO DE 4 CULTIVARES DE SOJA - LAB. IJUL/1990
DOSAGEM EM GR./100 KG DE SEMENTE

NOME TÉCNICO	NOME COMERCIAL	PRODUTO COMERCIAL	INGREDIENTE ATIVO
Carboxin + Thiram	Vitavax + Thiram PM	200	75+75
Captan	Captan 75	200	150
Thiram	Mayran	200	140
Thiabendazol	Tecto 105	200	20

TABELA 3 - EFEITO DO TRATAMENTO DE SEMENTES SOBRE A MÉDIA DE GERMINAÇÃO DE 4 CULTIVARES DE SOJA
LABORATÓRIO DE ANÁLISES DE SEMENTES - COTRIJUI - IJUL/1990

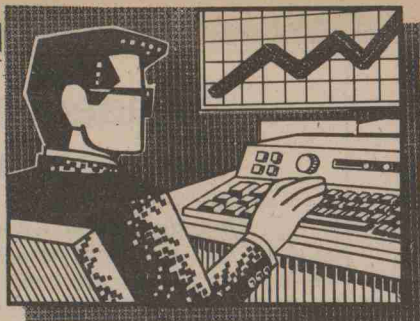
TRATAMENTO	Iguaçu		Bragg		IAS-5		BR-4
	Lote 040	Lote 683	Lote 317	Lote 134	Lote 014	Lote 031	Lote 246
Testemunha	78,06b	78,56a	63,56c	61,79b	28,66a	79,12a	78,40b
Carboxin+Thiram	87,32a	80,39a	66,25bc	71,56a	32,72a	81,61a	87,51a
Captan	97,07a	82,75a	70,11ab	70,12a	31,39a	81,79a	87,57a
Thiram	84,56a	77,13a	73,77a	72,52a	30,24a	80,07a	87,00a
Thiabendazol	85,82a	82,67a	64,01c	63,75b	31,31a	84,24a	89,31a

• Médias seguidas por letras distintas na coluna diferem só a um nível de significância 5 por cento
• Teste de Duncan para comparação de médias

TABELA Nº 4 - RECOMENDAÇÃO PARA DENSIDADE DE SEMEADURA - SOJA - REGIÃO NOROESTE DO RS/1990

Variedades	Peso mil sementes	70 - 74%		75 - 79%		80 - 84%		85 - 89%		90 - 94%		95 - 100%	
		Kg/ha	s/m	Kg/ha	s/m	Kg/ha	s/m	Kg/ha	s/m	Kg/ha	s/m	Kg/ha	s/m
IAS-5	174,03	111	32	104	30	97	28	90	26	85	25	80	23
IGUAÇU	153,98	98	32	92	30	85	20	80	26	75	25	71	23
BR-4	177,79	114	32	107	30	99	20	92	26	87	25	82	23
BR-6	165,22	106	32	99	30	92	20	87	26	81	25	76	23
CEP-12	156,40	100	32	94	30	87	28	81	26	76	25	72	23
IAS-4	192,93	123	32	116	30	107	28	100	26	94	25	89	23
BRAGG	178,50	114	32	107	30	99	28	93	26	87	25	82	23
BOSSIER	142,79	91	32	86	30	79	28	74	26	70	25	66	23
COBB	162,62	104	32	97	30	90	28	84	26	79	25	75	23
DOURADOS	159,49	102	32	96	30	87	28	83	26	78	25	73	23
STA ROSA	145,24	93	32	87	30	81	28	75	26	71	25	67	23

Argemiro Luís Brum
Montpellier — França



O custo de produção, a produtividade e os custos de transporte são variáveis importantes e de peso na formação do preço final da soja e que merecem um pouco mais de atenção do produtor brasileiro

SOJA

Enquanto o trem passa. . .

No momento em que iniciamos este planejamento de mais uma safra de verão, nos parece oportuno analisar alguns parâmetros de mercado relativos a soja, que nem sempre são levados em conta como merecem.

Não falamos aqui do preço de mercado internacional estipulado na Bolsa de Chicago em função da oferta mundial somado a uma boa dose de especulação. Nem tão pouco do preço interno, em muitos casos esboçado em função da variação entre o cruzeiro e o dólar, imposto pelo governo brasileiro. Falamos de outras variáveis importantes no resultado final da economia de cultura como a soja. É o caso por exemplo, do custo de produção, da produtividade e dos custos de trans-

Não querendo aqui esgotar o assunto, mesmo porque diversos outros aspectos interferem na formação dos preços pagos aos produtores, tais como subsídios internos existentes no país, vamos apenas traçar algumas comparações entre os principais produtores e exportadores de soja em função do custo de produção e da produtividade. Isto nos permitirá avaliar o potencial de barganha de cada um destes países possui no mercado internacional.

PERDEMOS NA PRODUTIVIDADE — Segundo um interessante estudo holandês (1), a produtividade da soja no mundo — quilos/hectare — apresentou um crescimento anual, entre 1945/47 e 1983/85, de 0,95 por cento. Isto significa dizer que a mesma cresceu 42 por cento no período, passando de 1.751 quilos por hectare para 1.751 quilos por hectare.

Neste contexto, os Estados Unidos obtiveram um aumento global de produtividade de 60 por cento no período, o que representou um aumento médio anual de 1,25 por cento. Isto é, acima da média mundial. A produtividade média norte-americana passou de 1.230 quilos por hectare para 1.970 quilos por hectare entre 1945/47 e 1983/85.

Já a Argentina registrou um esmagador avanço desde que a soja ali foi introduzida. Entre 1960/62 e 1983/85 a produtividade da soja argentina passou de 1.037 quilos por hectare para 2.601 quilos por hectare. Isto significa um aumento global de 104 por cento no período e um aumento médio anual de 1,25 por cento.

Por sua vez, o Brasil registrou um crescimento bem menor de sua produtividade. Entre 1952/55, época na qual a soja começou a aparecer na cultura nacional, e 1983/85 a produtividade média passou de 1.523 quilos por hectare para 1.747 quilos por hectare, representando um crescimento de 15 por cento apenas no período e de 0,3 por cento em média por ano.

Ora, se avançarmos esta nossa análise de forma a verificarmos a importância da produtividade no cresci-

mento da produção global de soja no país, estas diferenças entre países se tornam gritantes.

Assim, a nível mundial, entre 1946/48 e 1983/85, o volume global da produção de soja cresceu 73,8 milhões de toneladas. Entretanto, apenas 36 por cento — 27 milhões de toneladas — foram devido ao crescimento da produtividade. O restante fica por conta do aumento da área plantada.

Nos Estados Unidos, a produção total de soja cresceu de 45,2 milhões de toneladas entre 1945/47 e 1983/85, sendo que 42 por cento — 18,9 milhões de toneladas — se deve ao crescimento da produtividade por hectare.

Já na Argentina a participação da produtividade na produção total de soja é ainda mais significativa. Nosso vizinho e concorrente aumentou sua produção de soja de 5,7 milhões de toneladas entre 1960/62 e 1983/85, sendo que 51 por cento deste crescimento, é atribuído ao aumento da produtividade.

Enfim, o Brasil que registra um crescimento de 16 milhões de toneladas de produção de soja entre 1952/54 e 1983/85, deve apenas 13 por cento de aumento à melhoria da produtividade média de suas lavouras de soja. Nossa produção de soja na verdade cresceu até hoje calcada sobre o aumento da área plantada.

Esta relação, extremamente negativa para o Brasil, piorou ainda mais entre 1985 e 1990. Isto porque nossa produtividade média, em condições normais de clima, fica ainda em torno de 1.800 quilos por hectare enquanto os Estados Unidos já registram hoje 2.220 quilos por hectare e a Argentina 2.280 quilos por hectare (2).

PERDEMOS NA COMPETITIVIDADE — Mas não é apenas na produtividade que o Brasil perde a concorrência no mercado e com isso o seu poder de barganha. Igualmente na competitividade perdemos e feio. É claro que a baixa produtividade tem muito a ver com isto, porém, nossos custos de produção e de transporte também contam por muita coisa nesta história.

Segundo um estudo apresentado em setembro de 1989 em São Paulo (3), em meados de 1986 o custo total FOB — produto posto no porto de embarque — de uma tonelada de soja era o seguinte: 185,04 dólares na Argentina; 228,30 dólares no Brasil para os produtores que produzem trigo; 241,91 dólares no Brasil para os produtores que fazem unicamente soja; 248,55 dólares no Corn Belt dos Estados Unidos — principal região de produção norte-americana — e 267,74 dólares considerando todos os Estados Unidos.

Estes dados mostram que estamos longe da Argentina e muito próximos da situação do Corn Belt norte-americano em 1986. E mais, era graças ao trigo, para aqueles que o plantavam, que a situação era mais favorável, pois a produção do cereal permitia baixar os custos relativos com a soja — uma realidade que continua

sendo verdadeira ainda hoje, apesar das dificuldades econômicas do país.

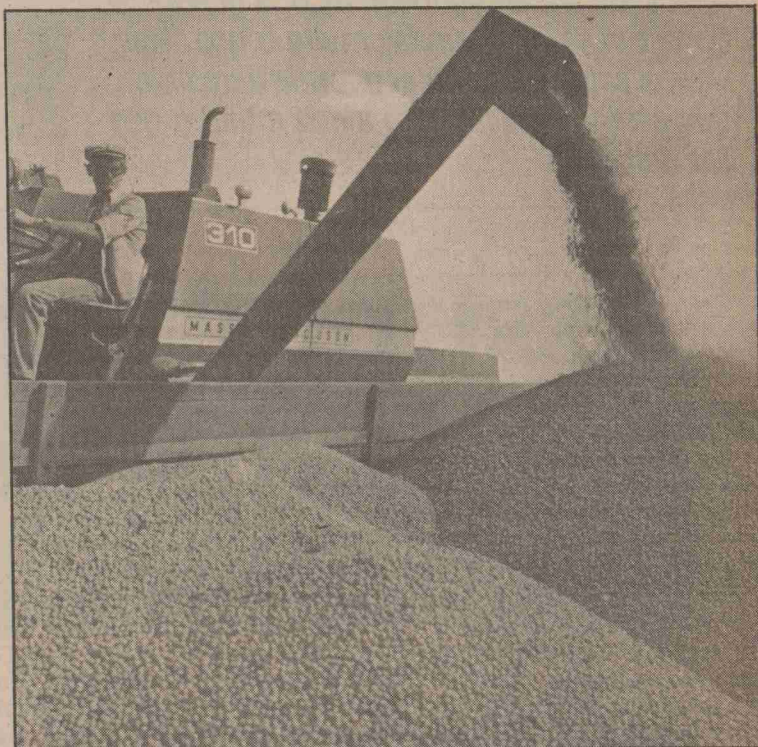
O referido estudo vai mais longe na análise e mostra o comportamento dos custos marginais de cada produção — incluindo o transporte até Rotterdam na Holanda. Em dólares/bushel — medida de preço em Chicago — o Brasil ficava, já em 1986, como sendo o país mais caro. De fato, segundo

os diferentes estados produtores brasileiros, o custo marginal variava entre aproximadamente 4,00 dólares o bushel — São Paulo — e 6,5 dólares/bushel — Bahia —, enquanto que o Rio Grande do Sul ficava em torno dos 5,15 dólares/bushel. Enquanto isso, os Estados Unidos ficavam entre 2,50 dólares/bushel — Corn Belt, Lake States — e 3,90 dólares/bushel — Sudeste — e a Argentina entre 2,5 dólares/bushel — Santa Fé — e 3,50 dólares/bushel — Buenos Aires, Centro.

Em tal contexto, pode-se perfeitamente verificar o estrangulamento da competitividade brasileira. E, a situação piorou consideravelmente nestes últimos cinco anos a julgar pelos recentes números divulgados (4). Tais números mostram sobretudo que perdemos excessivamente no que tangem as rubricas "frete" e "despesas portuárias".

De fato, em 1986, as despesas de frete para Rotterdam — Holanda — eram de 16,50 dólares a tonelada tanto no Brasil como na Argentina, enquanto elas atingiam 12,62 dólares a tonelada nos Estados Unidos. Hoje, elas alcançam, apenas para chegar no porto de embarque, em média, 30,00 dólares a tonelada no Brasil contra 14,00 e 15,00 dólares a tonelada respectivamente na Argentina e nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, as despesas portuárias se situam hoje em 12 dólares a tonelada no Brasil contra 5,00 dólares na Argentina e apenas 3,00 dólares a tonelada nos Estados Unidos.

Diante de tal realidade, e frente a um mercado que se torna cada dia mais fechado e exigente, temos um enorme desafio: melhorar radicalmente



Soja: a nossa produtividade média, em condições normais de clima...

... ainda é de 1.800 quilos por hectare. A Argentina colhe 2.280 quilos e os Estados Unidos 2.220 quilos por hectare

nossa estrutura de produção e de transporte para sermos mais competitivos na hora de vender nossa soja. Em outras palavras, não adianta somente esperarmos um aumento das cotações em Chicago ou uma desvalorização do cruzeiro, pois estes elementos são de natureza apenas conjuntural. Se o nosso objetivo é continuar na atividade soja nos anos futuros, mais do que nunca precisamos atacar os elementos estruturais, ligados à produção e ao comércio, descritos acima. Na verdade, é por termos negligenciado estes elementos durante o período de euforia da soja que a situação se apresenta mais difícil do que normalmente o seria.

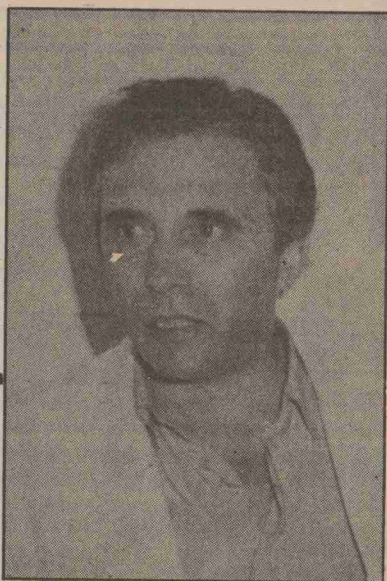
Assim, estamos hoje diante de uma tarefa difícil, pois ao deixarmos de fazê-lo na época das "vacas gordas", quando o apoio oficial era grande e o mercado francamente comprador, optando em muitos casos, por não aplicar na produção e na melhoria das infra-estruturas para privilegiar outros setores, assistimos o trem passar.

De fato, além de vivermos hoje dentro de uma nova realidade de mercado internacional e de economia nacional aonde, respectivamente, é a demanda que dita as regras e faltam recursos para aplicar nas lavouras, pois entramos em uma fase recessiva, também não temos competitividade suficiente para ganharmos espaços junto aos nossos concorrentes diretos.

Para aqueles que não desejam perder o que resta do trem, surge uma mobilização total no sentido de descobrir alternativas visando, antes de tudo, aumentar esta competitividade. Com um agravante: sem contar com o apoio oficial.

INTEGRAÇÃO CONE SUL

Apesar de andar muito em foco, a Integração Cone Sul vai dar, ainda, muito o que falar. Vários segmentos da economia acreditam que esta integração tem ainda muito o que ser discutida.



Bolívar Lima

Assunto para muita discussão

O assunto que tem entrado em pauta nas principais discussões econômicas da atualidade é, sem dúvida, a Integração do Cone Sul. Analisada em amplitude, não é difícil constatar que serão necessários mais alguns anos para a sua consolidação, dada a sua complexidade. Balbino Ferreira, que já foi gerente regional do Geipo e coordenador do Corredor de Exportação do Rio Grande do Sul, e hoje é gerente da Brasnave S. A. uma empresa do Grupo Cranston, é incisivo ao comentar que a discussão sobre o assunto deve ser estimulada para desmistificar a idéia de que esta integração pode ser feita de uma hora para outra.

Segundo ele, há necessidade de uma equalização das economias que entram neste contexto — Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile — de modo que prevaleçam os menores preços. Ele lembra, por exemplo, que os representantes brasileiros do setor vinícola já "chiaram" e com razão. "O vinho argentino é de melhor qualidade e mais barato, como acontece com o trigo e soja do mesmo país". Com estas avaliações, Ferreira sintetiza que, em primeiro lugar, é preciso organizar e modernizar o nosso parque industrial para entrar nesta competição.

Mas outros passos, na sua opinião, devem ser observados para que a integração traga benefícios ao Brasil. Salienta a necessidade de se abrir as fronteiras do ponto de vista aduaneiro, dizendo que hoje existe uma visão meramente fiscal da receita. Para ele, deveria prevalecer a visão econômica, ou seja, o livre trânsito a partir do melhor preço. "Isto, afirma, só pode ser atingido, revisando produto por produto. Para que ocorra justiça, pois quem tem maior poder tecnológico e melhor preço, sai vencendo na

integração".

E como já trabalhou tanto tempo no setor de transportes, conclui que uma etapa importante para se vencer do lado brasileiro, é a integração dos sistemas de transportes buscando minimizar custos. Ele exemplifica dizendo que há certos trechos rodoviários e ferroviários entre um país e outro que não se conectam, item que passará forçosamente pelo potencial de cada país.

PORTO DE RIO GRANDE — O porto rio-grandino pode perder um estigma carregado há longa data, da sua localização desprivilegiada no extremo sul do país, para ganhar vantagens justamente por seu posicionamento nesta integração. Mas para isto é preciso entrar em um processo de reorganização, como enfatiza o economista Bolívar de Souza Lima, gerente geral do Terminal da Cotrijuf e presidente do Conselho de Usuários do Porto de Rio Grande.

Para Balbino Ferreira, o porto local, único marítimo do Estado, com seu calado de 40 pés, pode receber não só cargas argentinas e uruguaias, idéia muito perseguida por alguns, mas também abocanhar grande parcela da safra do Mato Grosso, que atualmente tem saído pelo porto uruguaio de Nova Palmira, de apenas 29 pés. "Por lá passam, com certeza, um terço da produção de soja do estado do Mato Grosso, que se situa por volta de um milhão de toneladas. Essa produção toda poderia ser embarcada perfeitamente por Rio Grande". Mas esta nova realidade, entra na integração dos transportes preconizada por Ferreira.

Para se ter uma idéia, hoje, o frete hidroviário de Cáceres — sul do Mato Grosso — a Nova Palmira, está a 45 dólares, enquanto o frete rodoviário varia de 70 a 110 dólares, dependendo da época.

Conforme Ferreira, se houvesse uma integração hidroviária no Brasil, por um custo ainda mais barato, o porto de Rio Grande receberia as cargas matogrossenses, trazendo inclusive, vantagens ao exportador, já que o calado do porto gaúcho permitiria uma melhor performance do navio, acarretando ganho maior por tonelada.

Readequação do ponto de escoamento

Quando Bolívar Lima fala da organização do porto, inclui um dos principais problemas constatados hoje — a falta de uma tarifa condizente com a sua eficiência operacional. O gerente do Terminal da Cotrijuf avalia que existem no porto de Rio Grande instalações apropriadas, calado suficiente, capacidade de estocagem e em vias de ocorrer uma obra prioritária de extensão do cais do Terminal de Containeres. Tudo isso é importante na pauta da integração.

No entanto, pondera que a dúvida deva recair sobre as condições do porto rio-grandino em assimilar o aumento da demanda de mercadoria. "Hoje, não temos condições de receber nem os reclamos domésticos". Bolívar Lima é de opinião que o porto local deve primeiro se adequar a um mercado internacional cada vez mais competitivo com drástica exigência de produtividade. E para isso, o Departamento Estadual de Portos, Estúdios e Canais — Deprec — terá que se vestir de um espírito empresarial de competição.

TARIFAS CONDIZENTES — Hoje é notável a euforia em torno da ligação da ponte de São Borja, na rota do Chile, e uma possível saída para o Oceano Pacífico. Bolívar Lima afirma que muita gente esquece que os portos chilenos são altamente competitivos, com custos bem mais baixos do que os do Rio Grande.

Não é possível comparar isto só com o Chile. O porto de Rio Grande apresenta um custo portuário por volta dos 1,5 dólares, enquanto o de Nova Palmira, no Uruguai, oferece um custo de 4 a 5 dólares. Mas vale ressaltar, como informou Balbino Ferreira, que estes 5 dólares são padrão internacional, respeitando critérios de menor equipagem de pessoal reduzido e armazéns operacionais mais simples. "O Terminal de Trigo e Soja — TTS —, como afirma Ferreira, "é um exemplo do que não deve ocorrer, pois toda a sua sofisticação, não retorna em eficiência, devido à constância de seus equipamentos quebrados".

O problema, cita o gerente da Brasnave, é que o modelo tarifário de Rio Grande é estritamente brasileiro. Ele se baseia no método da extinta Portobrás que pegava os custos de operação de cada porto, jogando em uma planilha, cujo resultado era chamado de ponderação — estabelecia tarifas maiores para portos de grande porte que, por sua vez, subsidiavam os portos menores com tarifas mais baixas". O óbvio, enfatiza, é que quanto maior o nível tecnológico de um porto, mais barato ele continuará ficar. Ou senão, como ocorre em outros países que respeitam uma competição entre portos e até entre terminais".

**NO PLANTIO DA SOJA,
DIRETO OU CONVENCIONAL,
SAI GANHANDO QUEM
RESOLVER MELHOR
AS QUATRO OPERAÇÕES:**

1 2 3 4
PLANTIO GAMIT POUNCE COLHEITA



NOVO

GAMIT

**PRÉ-EMERGENTE
O HERBICIDA RACIONAL**

POUNCE inseticida piretróide para controle de lagarta em soja

Gamit, Pounce e FMC são marcas registradas da FMC Corporation

ATENÇÃO

Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (máscara, etc.). Consulte um Engenheiro Agrônomo.

ANDEF
VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRICOLA

Uma fase de manutenção



Terminal da Cotrijuf
Manutenção preventiva

Uma nova fase de manutenção preventiva inicia em novembro, em todos os terminais do Terminal Luiz Fogliatto, no porto de Rio Grande.

O encerramento da safra de 1990 quase chegando, é possível revisar a estrutura técnico-operacional para que permaneça segura até agora observando o Terminal da Cotrijuf.

Apesar da safra mais curta, os atropelos e a aceleração da cadência dos embarques, a expectativa é que até o fim de 1990, possa se atingir o movimento no orçamento. Sendo assim, como o gerente técnico do Terminal, Ivo Aquino Rasia, afirma, entre uma série de equipamentos, deverão ser dados o mesmo tratamento preventivo.

A manutenção preventiva, alega o gerente, é "variavelmente". Isto é, como justifica, "os equipamentos que podem ser submetidos neste tipo de prevenção tomam proporções caso permaneçam no porto".

SELECT.® AÇÃO FULMINANTE CONTRA AS GRAMÍNEAS.



MELHOR PARA A SOJA.

A Cyanamid apresenta mais um produto de última geração: SELECT®, graminicida pós-emergente seletivo para a cultura da soja. Resultado da mais avançada tecnologia, SELECT® traz maior eficiência e versatilidade para o controle de gramíneas. De absorção mais rápida que qualquer outro graminicida, SELECT® é fulminante: uma hora após a aplicação ele paralisa o crescimento dos brotos e raízes das plantas daninhas.

Com mais uma vantagem: SELECT® oferece maior flexibilidade para a aplicação. O produto pode ser aplicado a partir de 4 folhas — 1º perfilho — até o 6º perfilho. SELECT® é o mais moderno graminicida do mercado, apresentando excelente performance e baixa classe toxicológica. E você ainda pode contar com a permanente assistência técnica da Cyanamid, responsável pela formulação e

comercialização de SELECT®. Melhor para você.

OUTRAS CARACTERÍSTICAS DE SELECT®

- É o graminicida aplicado em menor quantidade de ingrediente ativo por hectare.
- Oferece versatilidade para controle dos capins invasores até mesmo quando ultrapassarem o 6º perfilho.
- Maior eficácia no controle de capim-

marmelada e capim-colchão.

- Maior efeito sob condições de deficiência hídrica no momento da aplicação.
- É sistêmico.
- Não deixa resíduos no solo.
- Amplo período de controle (até a colheita).
- Controla as gramíneas anuais e as perenes.

PLANTAS CONTROLADAS

- Capim-marmelada ou Papuã (*Brachiaria*

plantaginea)

- Capim-colchão ou Milhã (*Digitaria horizontalis*)
- Capim-carrapicho (*Cenchrus equinatus*)
- Capim-pé-de-galinha (*Eleusine indica*)
- Capim-rabo-de-raposa (*Setaria geniculata*)
- Capim-colonião (*Panicum maximum*)
- Capim-massambará (*Sorghum halepense*)

SELECT
CYANAMID
DIVISÃO DEFENSIVOS AGRÍCOLAS

ATENÇÃO

Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (macacão, luvas, botas, máscara, etc). Consulte um Engenheiro Agrônomo.



VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO

COTRIEXPORT
CORRETORA DE
SEGUROS LTDA.

SEGUROS DE: INCÊNDIO -
VITA - ACIDENTES
RESIDENCIAIS E OUTROS
Rua das Chácaras, 1513 - Fone
2400 - ramal 364
Av. Júlio de Castilhos,
1513 - andar - fone 28-31-55

CIÊNCIA

Acelerador linear para conservar alimentos

Novos detalhes a respeito da nova técnica de pasteurização, um assunto levantado pelo Cotrijornal na sua edição de Abril/Maio/1990

Quase tão importante como produzir alimentos é conservá-los em condições ideais para consumo. De pouco adiantaria produzir grandes quantidades se não existissem meios para conservar as sobras para aproveitamento futuro. Felizmente, os processos e técnicas de conservação são, cada vez, mais aperfeiçoados.

No Brasil, o desafio da produção e conservação de alimentos possui uma dimensão social urgente. É sobre isso que falamos nesta reportagem redigida em cima de dados técnicos que nos foram remetidos de São Paulo por um dos maiores especialistas em conservação. É o engenheiro nuclear Cylon Gonçalves da Silva, 43 anos, diretor do Laboratório Nacional de Luz Síncrotron e professor da Universidade de Campinas, sobre quem já falamos no Cotrijornal (edição nº 175).

O engenheiro Cylon insiste que nosso país precisa produzir, conservar e distribuir alimentos em quantidade e qualidade capaz de assegurar ao povo uma dieta adequada. E que a produtividade da indústria agro-alimentar deve ser medida ao longo de todo o processo, pela relação entre a quantidade e a qualidade dos produtos que chegam ao consumidor final.

REDUZIR DESPÉRDICIOS - A preservação de alimentos é uma etapa central no aumento da produtividade da agro-indústria alimentar. Pela redução dos desperdícios se chegará ao barateamento do produto para o consumidor. E da mesma forma, técnicas adequadas de preservação são essenciais para a exportação de alimentos, processados ou não, no que se caracteriza em fonte geradora de divisas.

Cylon Gonçalves da Silva dá detalhes sobre o processo, no Brasil, ainda considerado revolucionário. O método desenvolvido através do Instituto de Tecnologia de Alimentos (ITAL) e o Laboratório Nacional de Luz Síncrotron (LNLS), de Campinas, São Paulo, é baseado na utilização de feixes de elétrons ou ondas eletromagnéticas (raios X ou gama), que são gerados por um acelerador de elétrons. O efeito desses "feixes" de

luz é o de retardar a maturação de produtos frescos (grãos, frutas, legumes) e impedir a proliferação de bactérias nos mesmos. O processo tem o efeito imediato de prolongar a vida dos alimentos, livrando-os do apodrecimento precoce, como ocorre hoje com muita frequência. As vantagens desse método são reconhecidas internacionalmente e critérios rígidos para sua utilização foram estabelecidos por organismos como a FDA (Food and Drug Administration), dos Estados Unidos.

O EXEMPLO DO CHILE - O engenheiro Cylon chama a atenção para o exemplo do Chile, que mesmo usando um método não tão avançado como o brasileiro - o rádio-isótopo Cobalto 60 - exporta cerca de um bilhão de dólares de frutas, enquanto o Brasil mal alcança 50 milhões de dólares, embora seja um dos maiores produtores mundiais de frutas. As frutas brasileiras não resistem o transporte marítimo, devido a ausência ainda de tratamento através do acelerador linear.

Ele não aconselha o emprego da técnica adotada no Chile, o Cobalto 60, por razões técnicas e econômicas. Segundo afirma, não é o melhor para o Brasil.

O esforço do ITAL e LNLS em desenvolver uma tecnologia para as condições brasileiras está resultando no método baseado na utilização de feixes de elétrons, a base de ondas eletromagnéticas, segundo já foi referido. Mas é preciso redobrar esforços para ganhar tempo. O mercado internacional para frutas tropicais necessita ser conquistado com urgência pelos exportadores brasileiros. E isso vai ser possível, graças a nova tecnologia que garante a preservação das frutas por até seis meses, em estado natural.

A ORIGEM DO PROCESSO - O professor Cylon Gonçalves da Silva lembra que a origem, o começo de tudo isso, remonta aos tempos e às descobertas de Louis Pasteur, o cientista francês, que em meados do século XIX descobriu o processo de pasteurização, o que permitiu conservar por mais tempo os alimentos. O processo, que leva seu nome, a "pasteurização", é o pri-

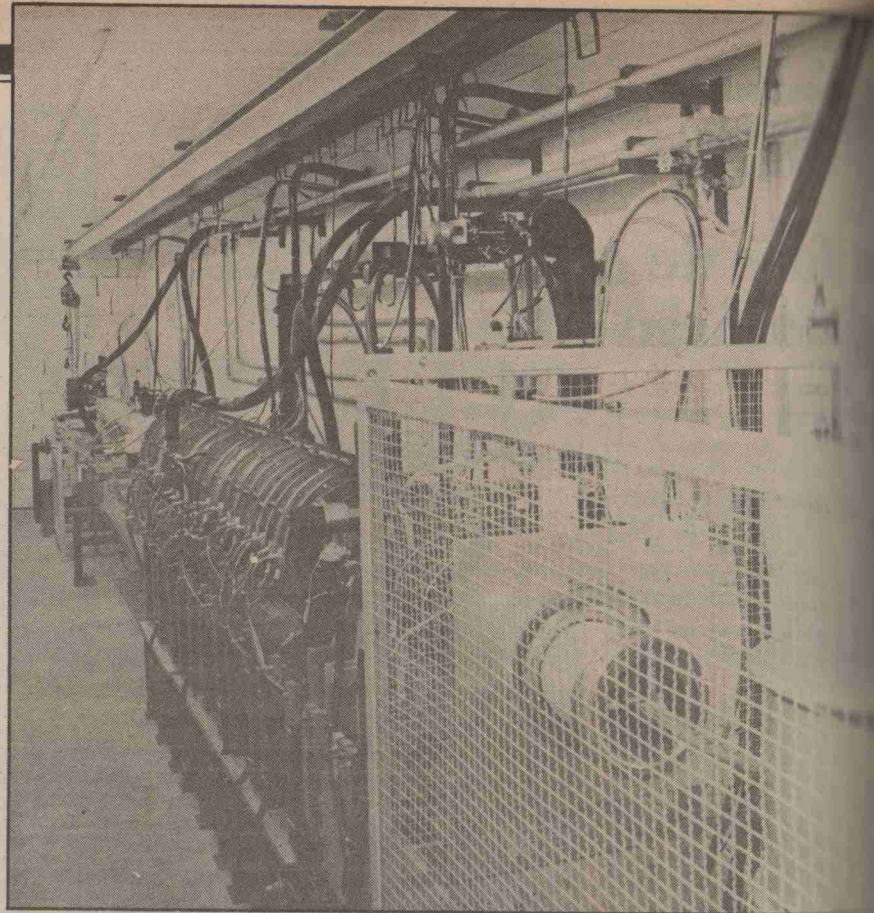
meiro fator responsável pela qualidade de inúmeros alimentos, dentre os quais se destaca o leite.

Foi graças a Louis Pasteur que a humanidade passou a conservar alimentos que, de outra forma, seriam impróprios para o consumo humano apenas horas após maturação, diz o especialista. No entanto, a pasteurização é um

processo simples, de ação física. Com as novas tecnologias, efeito da evolução da ciência, já se pode preservar alimentos quase que indefinidamente.

O acelerador linear do ITAL-LNLS, ora em fase fi-

nal de testes, leva à conservação de que o progresso a um estágio revolucionário na importância da manutenção de boas condições de conservação para o consumo, na visão do Dr. Cylon Gonçalves da Silva.



O acelerador linear do ITAL-LNLS. Interior do túnel de proteção radiológica

Semente tratada com TECTO 100, todo mundo sabe o que vai ser quando crescer



Uma planta sadia e produtiva

Os fungos patogênicos das sementes e do solo fazem diminuir o seu lucro. Podem reduzir o número de plantas por área, aumentar a probabilidade de replantio, ocasionar perda da época adequada de plantio, baixa produtividade, aumentar os custos de produção e disseminar doenças. Quando as sementes são tratadas e protegidas com TECTO 100, obtém-se: controle eficiente dos fungos patogênicos, emergência máxima, redução da probabilidade de replantio, economia de insumos, mão-de-obra e a melhor época de plantio. Use TECTO 100. Um seguro que também vale um investimento.

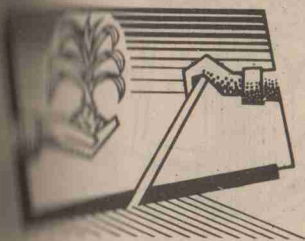
ATENÇÃO
Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (máscara, luvas, botas). Consulte um Engenheiro Agrônomo.



VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMO

TECTO¹⁰⁰
A PROTEÇÃO NECESSÁRIA

MSDAGVET
MERCK SHARP & DOHME
Farmacêutica e Veterinária



Apicultores associados da Cooperativa quiserem entregar mel e cera na cooperativa neste ano, devem obedecer a novas normas de armazenamento, armazenagem e comercialização. As novas normas são:

1. O associado só poderá entregar mel e cera na cooperativa mediante uma inscrição no programa de apicultura da cooperativa;

2. A inscrição será feita junto aos técnicos de cada Regional Pioneira e consistirá no preenchimento de uma ficha de inscrição;

3. Na inscrição, o apicultor receberá orientação de um técnico da Cotrijuí. Na visita, ele receberá orientações em relação ao manejo da colmeia e a higiene na extração do mel;

4. Os apicultores inscritos receberão assistência técnica uma vez por mês, durante os meses de setembro e outubro;

5. A Cotrijuí só receberá mel dentro

do limite de produto, a ser estabelecido pelo apicultor, será estabelecido o número de colmeias que poderá ser estabelecido na propriedade; o produto entregue será encaminhado para análise junto ao Laboratório Industrial da Cotrijuí. Só depois de aprovado a pureza do produto, será então, feito o pagamento aos produtores;

6. A Cotrijuí só receberá mel em latas plásticas. Não vai aceitar mel em latas ou outro tipo de embalagem que tenham sido usadas anteriormente por outro produto;

7. O mel será recebido da safra atual, não sendo aceito mel da safra anterior;

8. O prazo de entrega do produto é de 10 de outubro e deverá ser entregue até 15 de abril.

9. O controle de qualidade do produto entregue será feito através do Laboratório Industrial da Cotrijuí, com as seguintes análises:

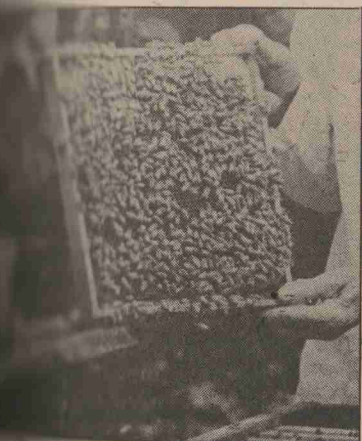
- teste de umidade;

- teste de lund;

- teste de fihe;

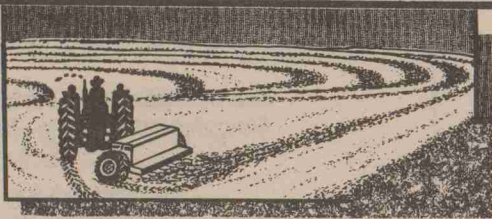
- teste pH;

10. **ENTREGA DE CERA** - Em novembro, a Cotrijuí passará a receber a cera bruta entregue pelos associados em todas as localidades da Região Pioneira. A cera será armazenada no depósito, via setor veterinário, e a cera laminada tipo schenck.



Armazenamento do mel e cera de acordo com as normas estabelecidas

Recebimento de mel



SOLOS

Coordenação do eng. agr. Rivaldo Dhein/CTC e do Clube Amigos da Terra de Ijuí

Práticas necessárias

De março a julho - até o dia 25 - deste ano, as chuvas acumuladas, registradas no Centro de Treinamento da Cotrijuí, atingiram o elevado índice de 1.038 milímetros. A média para estes cinco meses - no período de 1949 a 1990 - é de 647 milímetros. Apenas duas vezes - 1983 e 1987 - neste período, os 1000 milímetros haviam sido superados. Curiosamente, esta é a terceira vez nos últimos oito anos que ocorre situação semelhante. Também de forma anormal para esta época do ano, com frequência cada vez maior, tem ocorrido chuvas torrenciais. No dia 5 de março, por exemplo, foram registrados mais de 100 milímetros de precipitação.

Seriam estas chuvas excepcionais e anormais para a época do ano uma consequência do desequilíbrio ambiental provocado pelo homem? Parece que sim. Não se pode dissociar o desmatamento indiscriminado do desequilíbrio ambiental e do regime pluviométrico.

Estas chuvas produziram danos às lavouras e provocaram perdas irreparáveis ao solo. As perdas da lavoura - semente, adubo, calcário, entre outros - são insignificantes, em comparação com a perda do solo. Podem ser facilmente substituídas, mas o solo não. Uma camada de um centímetro perdido, vai exigir da natureza de 300 a 500 anos para ser substituído.

A excepcionalidade destas chuvas poderia até nos tranquilizar e fazer com que aceitássemos as perdas observadas. Uma ocorrência para cada 15 anos parece aceitável. Seguramente, os cálculos dos espaçamentos e dimensões - canais e camalhões - dos terraços não levaram em consideração intervalos de tempo, ou de segurança ou ainda "períodos de recorrência" - maiores que este. Perdas como estas, portanto, a intervalos de 15 anos, estariam previstas.

O que nos leva a não aceitá-las, entretanto, é o fato de que os agricultores que vêm executando as recomendações técnicas, não tiveram problemas com suas lavouras. Por outro lado, mesmo dentro das microbacias, quem não executou as recomendações como um todo, amargou prejuízos.

O importante é que, momentos como estes sejam aproveitados tirando-se deles o máximo de ensinamentos. Basta que se tenha senso de observação e senso crítico. Que se observe o que aconteceu no campo, também na lavoura dos vizinhos. Que se analise cada situação. Que se discuta e se compare as práticas culturais adotadas e os efeitos da enxurrada.

Observa-se, mais uma vez, que o produtor tem "memória curta". Esquece muito rapidamente as práticas

mais simples e fundamentais em troca de um comodismo e, às vezes, de uma "economia" muito comprometedora.

Alguns produtores, devido a bons resultados observados nos primeiros anos, atingiram níveis de tranquilidade e de auto-suficiência tal que passaram a considerar a erosão do solo como "coisa do passado". Até mesmo muitos técnicos, por influência do próprio agricultor, são afetados por este excesso de confiança e se descuidam da execução das práticas mais simples, mas fundamentais.

Entre os principais erros ainda cometidos, destacam-se:

* o plantio do trigo e soja em áreas impróprias para cultivos anuais, devido a declives muito acentuados - mais de 15 por cento. Hoje existem inúmeras opções de cultivos perenes tão ou mais interessantes economicamente para estas situações: pastagens perenes, erva-mate, fruticultura, reflorestamento, entre outros.

* terraceamento de base larga e em nível em terrenos muito inclinados. Estes terraços são recomendados somente para declives inferiores a 10-12 por cento. Acima destes limites, a área preferencial deverá ser perenizada. Se for cultivada, é melhor optar pelo terraço de base estreita, com gradiente - caimento - e complementado por canais escoadouros convenientemente localizados.

* espaçamento demasiado entre os terraços e subdimensionamento destes - canal e camalhão. As tabelas que informam o distanciamento entre os terraços e o número de passadas de trator-arado para o "levantamento" destes, foram estabelecidas levando em consideração as precipitações - chuvas - máximas que ocorrem de tempos em tempos - intervalos de 10 a 15 anos, por exemplo. Os terraços devem ter dimensões tais que possam "armazenar", temporariamente, o volume máximo de água que pode precipitar sobre a área de terras compreendida entre dois terraços vizinhos, de tempos em tempos. Portanto, se for aumentada a distância entre os terraços, será aumentada a área de captação de água da chuva, e o terraço transbordará, pois não terá capacidade para "armazenar" toda esta água. Se forem reduzidas as dimensões do terraço - canal e camalhão - ele também tenderá a transbordar. É preciso, por isso, que as tabelas sejam "rigorosamente" obedecidas.

* a destruição do canal e camalhão dos terraços, através do preparo do solo, realizado inadequadamente, provoca o mesmo problema comentado no item anterior. O preparo correto do solo, iniciado pelo "levantamento" do terraço automaticamente mantém suas dimensões.

* preparo inadequado do solo. Esse é um item que merece muita atenção. Entre os terraços, deve ser feito um bom trabalho visando o aumento da infiltração da água do solo. Não convém que se faça uma simples gradagem para a semeadura do trigo, como muitos fizeram neste inverno - mesmo dentro da microbacia -, confiantes de que na "sua lavoura" não haveria mais problemas de erosão. Isto é mais importante quando os solos já apresentam baixos níveis de matéria orgânica e não estão mais nas suas melhores condições físicas.

Se houver a presença de pé de arado ou pé de grade, é importante que esta compactação seja rompida através do arado escarificador - ou subsolador - para que haja maior infiltração de água no solo e menor escoamento superficial.

Se os solos forem muito degradados, é recomendável o preparo reduzido com o escarificador, mais um peso de arrasto - madeira quadrada, trilho de trem, etc... -, para desmanchar os torrões maiores que eventualmente se formarem. Convém que a superfície do terreno fique bastante rugosa, para que não se forme o encrostamento superficial que aumenta o escoamento e a erosão.

Já que muita coisa parece ter sido esquecida, convém lembrar alguns pontos muito importantes:

* não queimar, em hipótese alguma, a resteva sobre o solo;

* nunca preparar o solo úmido e nem seco demais;

* reduzir ao mínimo, o uso de agrotóxicos;

* não transitar com máquinas sobre a lavoura, a não ser que seja realmente necessário;

* sempre que possível, preferir o plantio direto ou o cultivo mínimo;

* preparar o solo o mais próximo possível do plantio;

* corrigir e adubar o solo quando necessário. Em solos pobres, o crescimento das plantas é retardado - mas o solo fica descoberto e exposto ao sol, à chuva e ao vento por mais tempo, favorecendo a erosão.

* praticar a alternância de culturas de famílias diferentes, com hábitos de enraizamento, de nutrição e porte diferentes, na mesma área. Esta rotação ajuda a controlar e evitar as doenças, as pragas e as invasoras, favorecendo o crescimento mais rápido das culturas e protegendo melhor o solo.

* não deixar áreas em pousio. Embora o sistema de pousio tenha diminuído muito nos últimos anos, ainda existem áreas que ficam sem cultura, principalmente durante o inverno. Além de representarem uma receita menor ao produtor, favorecem a introdução de invasoras e expõem o solo às intempéries e à erosão.

TRIGO

Monitoramento das lavouras da região

No decorrer da atual safra de trigo foi conduzido um acompanhamento de lavouras de trigo na região tritícola IV, onde está localizada a área de produção da Cotrijui.

As condições climáticas predominantes durante o desenvolvimento da cultura, conforme demonstra o gráfico 1, caracterizaram-se por apresentar uma média de 78 por cento de umidade relativa do ar e precipitação total - densidade de chuvas - no período de agosto a outubro de 600 milímetros. A média global da temperatura ficou em 16 graus centígrados, mas ocorreram picos de temperatura mais elevadas em alguns dias dos meses de setembro e outubro - entre 25°C a 30°C. A temperatura mínima foi registrada no dia 29 de agosto - 2°C -, acompanhada de geadas que prejudicaram algumas lavouras que já se encontravam em fase de espigamento.

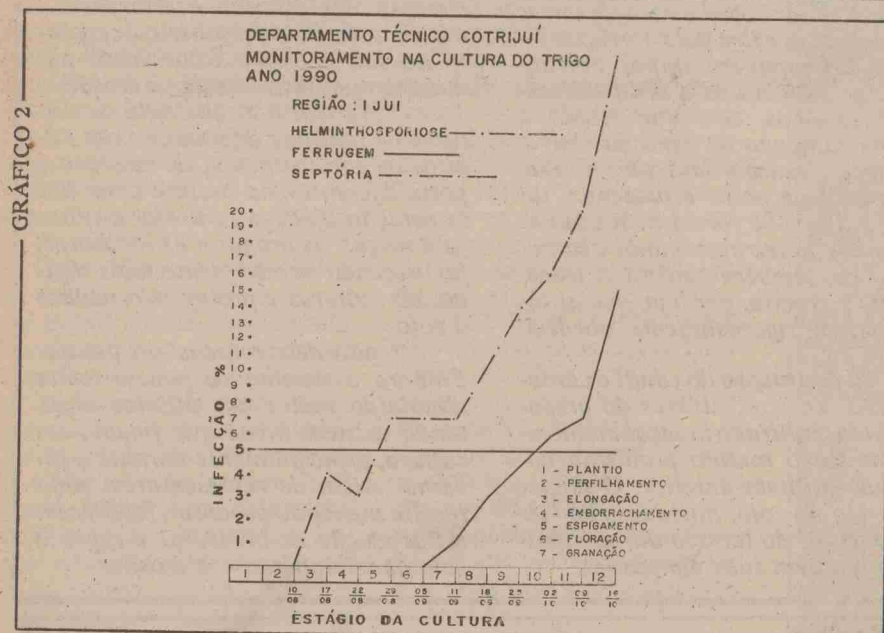
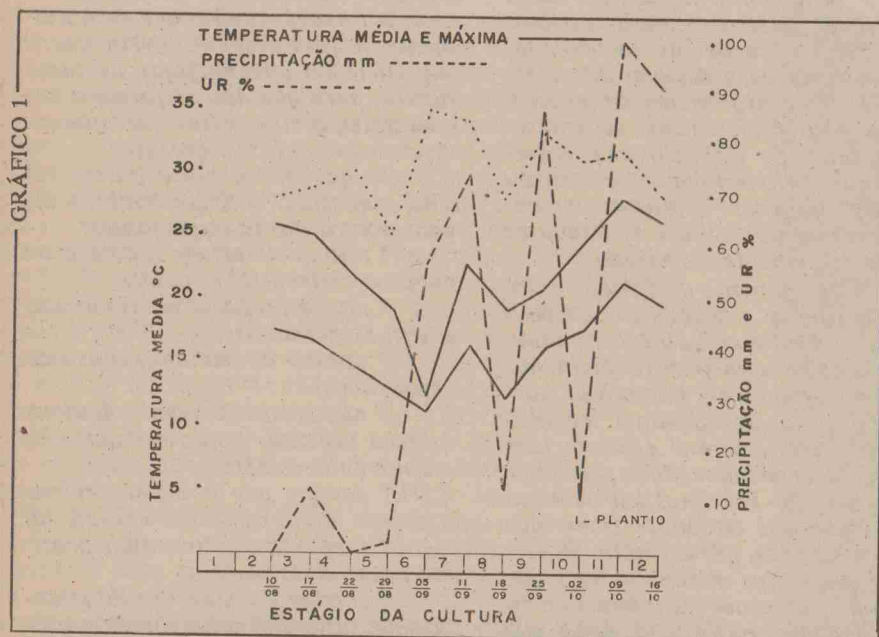
Considerando a necessidade hídrica do trigo de aproximadamente 312 a 500 milímetros distribuídos ao longo de seu ciclo e comparando-se com o índice de precipitação ocorrido - de 600 milímetros - mais a grande incidência de orvalho, pode-se dizer que a cultura atravessou um período de alta umidade. Esta situação que

ocorreu durante a fase de crescimento da cultura, somada às elevadas temperaturas, proporcionaram condições ideais para o desenvolvimento de doenças fúngicas, principalmente aquelas causadoras de manchas foliares - septoriose e helmintosporiose - e ainda as ferrugens. O quadro 2 demonstra que o índice de controle de 5 por cento para ferrugens e de 5 a 10 por cento para as manchas foliares foi atingido na fase final de emborrachamento e espigamento.

Além destas doenças, o trigo ainda sofreu o ataque da giberela, devido a temperatura elevada - acima de 25°C - e umidade relativa muito prolongada. O nível da umidade relativa ficou acima de 90 por cento por mais de 48 horas, durante período de suscetibilidade - da floração até o estágio de grão em massa mole.

Em função deste quadro de condições climáticas adversas, com alta incidência de doenças fúngicas, a qualidade final do grão está sendo afetada, apresentando potencial médio de produtividade que pode resultar em quebra na produção final.

Departamento técnico da Cotrijui



COLUNA DO LEITE

Coordenação: João Carlos Schiffer — méd. veterinário
Alaor José Daltrozo — tecnólogo em cooperativismo

RETENÇÃO DA PLACENTA

A retenção de placenta pode ter várias consequências graves, que podem manifestar como problemas de infertilidade, ou condições sérias que levam a distúrbios metabólicos como redução na produção. Se o problema for corretamente tratado, seus efeitos podem ser evitados.

A maioria dos criadores não dá a importância necessária ao problema, não tomando, desta forma, medidas simples para a prevenção ou tratamento. Diversos fatores podem impedir que a placenta seja normalmente eliminada no animal, resultando em retenção. Eis alguns destes fatores:

- * Abortos, partos prematuros, gestações prolongadas;
- * Partos difíceis, cesareanas;
- * Infecções, como mastite aguda, brucelose, leptospirose, fungos e outros;
- * Deficiência nutricional: animal fraco, sem força, ausência de contrações uterinas;
- * Falta de higiene no ambiente e no animal.

Para reduzir estes problemas, devem ser implantadas algumas medidas preventivas como:

- * Manter instalações higiênicas para o parto. Fazer a lavagem da vaca com solução de iodo, 1 a 2 dias antes, até 3 dias após o parto;
- * Fornecimento de ração seca adequada às vacas;
- * Evitar stress e excitação no parto;
- * Manter 6 a 8 semanas de período seco;
- * Praticar programas sanitários preventivos no rebanho, bem como vacinações e vermifugações;
- * Mineralização constante do rebanho.

REUNIÕES SOBRE MASTITE

Durante os meses de agosto e setembro foram desenvolvidas reuniões com produtores em diversos núcleos do interior de Ijuí para debater o problema que tem causado muitos prejuízos aos produtores de leite: a mastite e sua relação com o leite ácido.

Com a chegada do verão, a mastite clínica se torna mais frequente, manifestando em um maior número de animais. É necessário que o produtor continue se informando e se atualizando sobre o problema. Novos encontros para tratar sobre o assunto, acontecerão em nova rodada, desta vez a nível das propriedades, com demonstrações práticas de medidas de diagnóstico e prevenção de mastite.

FORRAGEIRAS

Para quem trabalha com gado de leite, os volumosos são muito importantes na alimentação. Entre os volumosos possíveis de utilização, destacam-se as forrageiras, tanto para pastoreio direto como para corte. Está comprovado que, quando utilizamos forrageiras - tanto pastoreio direto como corte - o custo de produção é menor do que as outras formas de alimentação.

Mas além de importantes, é fundamental que se use forrageiras de boa qualidade, buscando não apenas reduzir os custos, mas também e principalmente, aumentar a produtividade. Entre as principais forrageiras de verão de boa qualidade, destacam-se o milheto, o teosinto, o sorgo sudanense, o feijão miúdo, feijão de porco, crotalária, lab-lab e feijão guandu.

PLANO FORRAGEIRO

A importância do uso de forrageiras na alimentação animal, principalmente no caso do gado de leite, já é uma coisa assimilada pelo próprio produtor. Mas para que as necessidades dos animais sejam atendidas plenamente, é preciso que o produtor, antes de optar pela pastagem como alimentação, elabore em sua propriedade, um plano forrageiro. Ele terá de distribuir muito bem o plantio das forrageiras anuais, para poder utilizar adequadamente as pastagens perenes da propriedade.

O plano de forrageiras de verão deve ser feito segundo as pastagens que melhor se adaptam às condições da propriedade, procurando escalonar o plantio em três épocas diferentes: agosto-setembro; outubro-novembro e janeiro-fevereiro. Um dos meses mais críticos de alimentação do gado leiteiro, principalmente na região, ocorre nos meses de abril, maio e junho. Mas este é um problema que pode ser, senão resolvido, pelo menos amenizado, desde que o produtor tome alguns procedimentos tais como: o plantio tardio das forrageiras de verão - sorgo forrageiro, sorgo sudanense, teosinto ou milho - nos meses de janeiro ou fevereiro e o plantio no cedo das forrageiras de inverno - aveia preta - no mês de março. Só que, para o plantio da aveia preta em março, é indispensável uma área disponível neste período do ano. Uma sugestão é o plantio de milho precoce ou soja precoce, que possa liberar a área no mês de março.

NOVOS PREÇOS DO PRODUTO

O preço do leite tipo consumo teve um reajuste de 11,94 por cento a partir do dia 6 de outubro, passando para Cr\$ 22,40 o litro. Mas os preços do leite tipo indústria e excesso não ficaram definidos. Algumas reuniões com os representantes dos produtores e das indústrias de laticínios vêm ocorrendo e, brevemente, os dois setores deverão entrar num acordo.

CALENDÁRIO

IV JORNADA VETERINÁRIA

A saúde animal em discussão

A Saúde Animal é o tema da IV Jornada Veterinária de Ijuí, que acontecerá em 9 de novembro, no Parque das Exposições Assis Brasil, com os eventos relativos aos assuntos do município de Ijuí. A Jornada é uma promoção da Associação dos Veterinários Serra/Missões e Co-

Durante os três dias, os melhores profissionais do Centro Sul do País estarão em Ijuí, discutindo com os médicos veterinários da região as mais recentes novidades na área da pesquisa em saúde animal, apresentando trabalhos sobre manejo e patologia de bovinos, suínos e aves. "A idéia é buscar a melhor qualidade para a produção animal do Estado, via atualização dos profissionais", reforça a médica veterinária Ivone Suffert, secretária da

PALESTRAS — Para a abertura da Jornada, a Avesemi está trazendo o doutor e professor da Universidade Federal de Pelotas, Luiz Henriques, que vai abordar o tema "Saúde do Veterinário no Contexto da Produção". As palestras prosseguem no dia 8 com a participação dos médicos veterinários Luiz Wapka, de São Paulo, que vai falar sobre "Recentes avanços em Nutrição de Matrizes e Leitões"; David Mendes, do Instituto de Pesquisa em Saúde Desidério Finamor, para abordar "Manejo e Sanidade em Avicultura"; Nelson Mores, do Centro de Pesquisa de Suínos e Aves de Concórdia, Santa Catarina, que vai abordar o assunto "Patologias em Suinocultura" e ainda o doutor Pippi Salles, também do Ijuí, trazendo o tema "Patologias em Avicultura".

A Jornada encerra com a presença dos expoentes Carlos Gil Tumes, de Ijuí, que vai tratar do tema "Manejo da Saúde como Doença da Produção"; Bangel Jr. da Universidade do Rio Grande do Sul, para falar sobre "Reprodução em bovinos"; Riet Correa, também da UFPR, para falar sobre "Plantas Tóxicas no Brasil" e Luiz R. Ribeiro, do Ijuí, que vai falar sobre os avanços

conquistados em "Sanidade Ovina".

As inscrições para a IV Jornada Veterinária podem ser feitas antecipadamente, através de cheque nominal em nome da Avesemi, no seguinte endereço: Rua das Chácaras, 1513, Caixa Postal 111, Ijuí, RS. Ou também no local da Jornada — Parque de Feiras e Exposições Assis Brasil — no horário das 18 às 20 horas do dia 7 de novembro ou no dia 8, a partir das 8,00 horas. O preço da inscrição, para médicos veterinários corresponde ao valor de 34 BTN's do mês e para os estudantes 18 BTN's.

CUSTOS

O uso do maquinário

Usar as máquinas para fazer a lavoura de verão está um pouco mais caro em relação ao mês de setembro. Não foram só as máquinas que sofreram reajustes em seus preços neste meio tempo. O óleo diesel também teve o seu preço alterado em quase 20 por cento

CUSTO DAS OPERAÇÕES DE MÁQUINAS EMITIDO EM 15.10.90 — DIRETORIA AGROTÉCNICA

Num	Máquina/Equipamento	Depreciação	Seguro	Manut./Reparos	Combustível	Custo H/T	Custo H/A	Custo H/E	Custo T/H	Ha/Hora	Custo/Ha
001	Trator 62 CV	193,04	1,70	136,26	154,80	485,80	0,00	0,00	485,80	0,00	0,00
002	Trator 77 CV	307,02	2,71	216,72	180,60	707,05	0,00	0,00	707,05	0,00	0,00
003	Trator 82 CV	297,18	2,62	209,77	206,40	715,98	0,00	0,00	715,98	0,00	0,00
004	Trator 95 CV	342,55	3,02	241,80	232,20	819,57	0,00	0,00	819,57	0,00	0,00
005	Trator 110 CV	384,97	3,40	271,74	309,60	969,70	0,00	0,00	969,70	0,00	0,00
006	Trator 118 CV	435,54	3,84	307,44	335,40	1.082,22	0,00	0,00	1.082,22	0,00	0,00
020	Automotriz 110 CV	1.435,52	13,46	1.076,64	361,20	0,00	2.886,82	0,00	2.886,82	0,90	3.207,58
021	Automotriz 123 CV	1.705,60	15,99	1.279,20	387,00	0,00	3.387,79	0,00	3.387,79	0,90	3.764,21
027	Arado 3 discos	82,80	0,32	36,80	0,00	0,00	0,00	119,92	835,90	0,48	1.741,46
028	Arado 4 discos	104,40	0,41	46,40	0,00	0,00	0,00	151,21	867,18	0,48	1.806,63
030	Grade aradora 18 discos	177,58	0,69	78,93	0,00	0,00	0,00	257,20	973,18	1,06	918,09
031	Grade aradora 22 discos	202,21	0,79	89,87	0,00	0,00	0,00	292,87	1.008,84	1,06	951,74
032	Grade niveladora 32 discos	125,85	0,49	55,93	0,00	0,00	0,00	182,27	898,24	1,59	564,93
033	Grade niveladora 36 discos	149,49	0,58	66,44	0,00	0,00	0,00	216,51	932,48	1,59	586,47
034	Subsolador P 5 pés	43,38	0,17	19,28	0,00	0,00	0,00	62,82	778,80	0,76	1.024,74
035	Subsolador — T 5 braços	65,24	0,25	29,00	0,00	0,00	0,00	94,49	810,47	0,32	2.532,72
036	Semeadeira adubadeira 13L	219,06	0,85	121,70	0,00	0,00	0,00	341,61	1.057,59	1,77	597,51
037	Semeadeira adubadeira 15L	239,03	0,93	132,80	0,00	0,00	0,00	372,76	1.088,73	1,77	615,10
038	Plantadeira — D 5 sulcos	268,10	1,04	148,94	0,00	0,00	0,00	418,08	1.134,06	0,93	1.219,42
039	Plantadeira — D 6 sulcos	294,56	1,15	163,64	0,00	0,00	0,00	459,34	1.175,32	0,93	1.263,78
040	Distribuidor calcário 1 T	104,27	0,41	57,93	0,00	0,00	0,00	162,60	878,57	0,93	944,70
041	Distribuidor calcário 5 T	129,71	0,50	72,06	0,00	0,00	0,00	202,27	918,25	1,55	592,42
042	Terraceador B estricta 2D	73,57	0,29	32,70	0,00	0,00	0,00	106,55	822,53	0,37	2.223,05
043	Terraceador Base Larga	103,71	0,40	46,09	0,00	0,00	0,00	150,21	866,19	0,22	3.937,23
044	Capinadeira mecânica 6 pés	47,90	0,19	21,29	0,00	0,00	0,00	69,38	785,36	1,24	633,35
045	Pulverizador Jacto 600 L	118,81	0,46	52,81	0,00	0,00	0,00	172,08	888,06	1,64	541,50
046	Pulverizador Jacto 2.000 L	220,19	0,86	97,86	0,00	0,00	0,00	318,91	1.034,89	1,64	631,03
047	Atomizador Jacto 400 L	106,20	0,41	47,20	0,00	0,00	0,00	153,81	869,79	1,64	530,36
048	Carreta agrícola 6 T	79,26	0,33	27,98	0,00	0,00	0,00	107,56	823,54	1,33	619,20
049	Ensiladeira	270,00	1,05	120,00	0,00	0,00	0,00	391,05	1.107,03	0,15	7.380,20



COOPERATIVA REGIONAL
TRITÍCOLA SERRANA LTDA

EDITAL DE CONVOCAÇÃO N° 71
ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

O Presidente da COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA, no uso de atribuições que lhe confere o art. 25 e letra "b" do Artigo 55, do Estatuto Social, convoca os Representantes eleitos, aptos a votarem, para reunirem-se em ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA, no dia 20 DE NOVEMBRO DE 1990, na sede da Associação dos Funcionários da Cotrijuí — AFUCOTRI/Ijuí, sita na Linha 3 Oeste, na cidade de Ijuí/RS, bem como todos os associados aptos a votarem, para cumprirem o determinado pelo Artigo 38 e seu § 1° em primeira convocação às 10 horas, com a presença de no mínimo 2/3 (dois terços), ou, em segunda convocação às 11 horas com a presença de no mínimo a metade mais um; ou, em terceira e última convocação às 12 horas, com a presença de no mínimo 1/3 (um terço) dos representantes eleitos, para deliberarem sobre esta

ORDEM DO DIA

1 — Apreciar e votar o relatório da Comissão Técnica encarregada de elaborar as formalidades legais do desmembramento da área de ação circunscrita à região do Mato Grosso do Sul, inclusive a Reforma do Estatuto Social da Cotrijuí e o Estatuto Social da nova cooperativa resultante.

NOTAS:

1 — Para efeito de quorum, declara-se que o número de representantes eleitos é de 103 (cento e três) e de associados aptos a votar, nesta data, é de 13.900 associados.

2 — A Assembléia permanecerá aberta até às 18 horas do dia 21 de novembro de 1990, conforme determina o art. 38 e seu § 1°, a fim de que os associados aptos a votar exerçam o seu direito, encerrando no dia 22 de novembro de 1990, às 10 horas, no mesmo local supra mencionado, para a proclamação dos resultados e demais trâmites advindos do resultado da votação.

3 — Para tornar válido o desmembramento são necessários os votos favoráveis de no mínimo 2/3 (dois terços) dos votantes presentes, conforme Artigo 38, § 3°, do Estatuto Social.

Ijuí, 31 de outubro de 1990

Oswaldo Olmiro Meotti

Presidente

CORSUM

HERBICIDA PARA A SOJA.

SOLUÇÃO NA DOSE CERTA.

ATENÇÃO

Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e siga-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (mascara, luvas, botas, etc.). Consulte um Engenheiro Agrônomo.

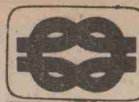
VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO

CIBA-GEIGY
DIVISÃO AGRICOLA

CORSUM - Marca Registrada da Ciba-Geigy - Suíça
Produto registrado na DIFOP/SDSVIMA sob o nº 013888



Cotrijuí, Emater e Ibama desenvolvem
campanha contra os progressivos casos de
queima na palha



COTRIJORNAL

IJUI, OUTUBRO/1990

É proibido queimar palha

Todo ano, em meio a colheita do trigo, o alerta para evitar a queima de resteva se intensifica, já que, apesar dos anos de trabalho para criação de uma consciência conservacionista, sempre sobra algum produtor desavisado que insiste em jogar dinheiro fora. Neste ano, inclusive, as entidades que tradicionalmente vêm trabalhando junto ao produtor - Emater, Cotrijuí e Ibama, estão desenvolvendo uma extensa e forte campanha de combate ao uso da queima de palha, nos moldes de uma mobilização pioneira que ocorreu há dez anos na região.

"Os efeitos daquela primeira campanha foram muito bons", recorda o engenheiro agrônomo Vito Antonio Cembranel, da Emater de Ijuí, lembrando que os agricultores "praticamente deixaram de queimar a palha". Nos últimos três anos, no entanto, a entidade começou a registrar uma média de três a quatro queimadas por localidade no município, de que se previu, caso continuasse o ritmo, uma volta a estágios anteriores.

REDUÇÃO INTENSIVA - "Queremos reduzir o número de queimadas para algo próximo do zero", destaca Vito Cembranel ao apontar os objetivos da campanha como a "educação para a não queima da palha, conscientizando o produtor sobre o valor da resteva para a lavoura. Este aliás, é o ponto mais acentuado em todos os alertas realizados, já que o produtor ao praticar a queima, não se dá conta do dinheiro que está indo embora.

Atualmente, por exemplo, a queima da palha do trigo traz ao agricultor um prejuízo de aproximadamente dois mil e quinhentos cruzeiros por hectare, resultante da dizimação de nutrientes na proporção de 43,40 Kg de uréia, 18 Kg de superfosfato triplo e 39 Kg de cloreto de potássio. Um dinheiro razoável, principalmente se for levado em conta a inexistência de recursos na agricultura e as dificuldades que o produtor encontra para fazer investimentos na terra.

Além disso, Vito salienta também os prejuízos acarretados pela queima em relação aos microrganismos existentes no solo que, naturalmente, favorecem a decomposição da matéria orgânica, assim como uma série de benefícios proporcionados pela manutenção da palha na lavoura, tais como: o aumento da infiltração e armazenamento de água no solo, reduzindo consequentemente seu escoamento superficial e impedindo a formação de crostas impermeáveis e a redução da evaporação

direta da unidade do solo pela cobertura e sombreamento da sua superfície, evitando que a temperatura se eleve demasiadamente.

MANEJO ADEQUADO - A campanha de combate às queimadas evidencia ainda um outro ponto bastante discutido com os agricultores teimosos, que é o manejo adequado para manutenção da palha na lavoura. Por impaciência, alguns preferem perder uma fertilidade que a manutenção da palha oferece ao invés de esperar a secagem natural e passar a grade, posteriormente.

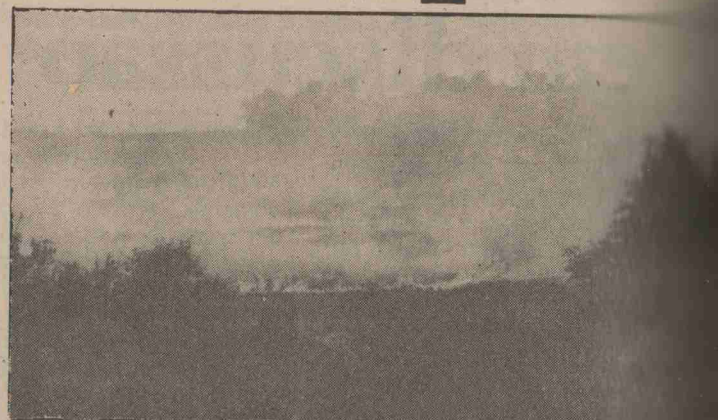
É comum, diz o agrônomo, que alguns argumentem a ausência de equipamentos necessários como o picador de palha, que a resteva do trigo seja muito viçosa e venha competir com a próxima cultura ou ainda que a cinza seja um bom fertilizante. Tirando os primeiros argumentos já contestados pela prática conservacionista no combate a erosão do solo, o terceiro argumento, até possui um atenuante do potássio que se encontra na cinza. No entanto, ela nunca poderá se comparar a palha, já que a cinza nada mais é do que o resíduo mineral da resteva queimada, e sendo assim, nunca poderá conter mais nutrientes do que a própria palha.

MULTAS - Dirigindo todas essas informações e outras recomendações técnicas que integram as práticas de solo, a campanha contra as queimadas, lançada no dia 10 de outubro, não quer deixar nenhum produtor desavisado. Os alertas estão sendo feitos em palestras nas escolas, em reuniões com agricultores, através de faixas, cartazes e carimbos e também estão presentes em mais de duas mil curtas circulares, e impressos nas contas de luz e notas de leite.

Incluindo em toda essa mobilização também estão os alertas do Ibama quanto ao regulamento do uso do fogo, como os procedimentos legais a serem tomados caso alguém necessite fazer uma queima controlada, os encaminhamentos práticos, assim como as punições que o agricultor está sujeito pelos danos

causados ao meio ambiente ou a terceiros.

É bom saber, portanto, que resteva de lavoura e mato não podem ser queimados. Caso isso aconteça, o autor da queimada está sujeito a pagar uma multa de até 100 MVR (Maior Valor de Referência), por hectare ou sua fração. Se por motivos especiais, o autor da queimada tiver autorização para queimar mas não cumprir as normas de segurança estabelecidas, poderá pagar indenização ou até mesmo ter a lavoura embargada.



Fogo na palha
Dinheiro jogado fora

O último cartucho

RIVALDO DHEIN - PESQUISADOR DO
CENTRO DE TREINAMENTO DA COTRIJUI -
ESPECIALISTA EM SOLOS

O assunto já é velho, repetitivo e chato. Mesmo assim, parece que precisa ser retomado constantemente, todos os anos. Quando parece que a prática está definitivamente afastada, lá volta um queimador de palha que, rapidamente é seguido por mais alguns que se sentem encorajados. Trata-se daqueles que "sempre sabem mais". Mais que muitos anos de pesquisa e experimentação, que revelam claramente, com números, os prejuízos causados ao solo, ao meio ambiente e ao "bolsão do agricultor" - principalmente dos filhos dos atuais proprietários, que terão que cultivar as mesmas terras amanhã.

Atear fogo na resteva corresponde a assinar um "atestado de desinformação", de ignorância dos fatos. Os agricultores da região, pelo menos a grande maioria, tem conhecimento disto e, se "assinam" este atestado, expõem-se às críticas, conscientemente. Muitas pessoas pensam que continuar falando de queima de resteva é "queimar cartucho em chimango". Não adianta mais. A estas alturas, quem continua agredindo a sua terra e manejando-a mal, tem mais que perdê-la mesmo, porque não a merece.

A campanha contra a queimada que se realiza no momento - com a participação, principalmente da Cotrijuí, Emater e Ibama - talvez seja realmente o último cartucho a ser queimado.

As políticas agrícola e econômica - se é que existem - e a recessão que o país enfrenta na atualidade, não permitem mais a má condução, a ineficiência de qualquer atividade econômica - inclusive da agricultura. Por isto mesmo pode-se prever que o agricultor que não é realmente eficiente e racional na exploração de sua propriedade, será afastado do processo. Acabará perdendo sua propriedade para os mais eficientes e irá para a cidade, provavelmente para as "vilas" marginais.

Pesquisas realizadas pela Embrapa e outros demonstram claramente os perigos ao solo e ao rendimento das culturas provocados pela queima da resteva:

- Em 1976/77, a soja produziu 2.703 quilos por hectare nas áreas onde fora queimada a palha do trigo, contra 3.075 Kg/ha onde não foi queimada (14 por cento a mais); em 77/78, estes números foram 1.779 e 2.065 Kg/ha (16 por cento a mais).

- No somatório das lavouras de soja + trigo, entre novembro de 1977 e junho de 78, as perdas foram de 22,3 t/ha quando se queimou a resteva, no plantio convencional; 7,9 t/ha quando não se queimou a resteva, e 2,3 t/ha no plantio direto.

- Em 3.500 quilos de palha de trigo, existem nutrientes equivalentes a 200 kg de adubo de uma fórmula 17-6-29. Se queirmos a resteva estamos perdendo a parte destes nutrientes.

Finalmente ainda é importante alertar o produtor em relação a legislação pertinente ao "uso do fogo em práticas agro-pastoris". Em município, a queimada é proibida e só pode ser realizada com permissão do Ibama - Instituto Brasileiro de Meio Ambiente, dos Recursos Naturais Renováveis (ainda mais conhecido como IBDF), requerido no mínimo 15 dias antes da portaria nº 231 P/83, de agosto de 1988, coloca isto com muita clareza, nos artigos 1º e 2º. Nos artigos 3º ao 10º dá mais esclarecimentos quanto as normas e precauções que devem ser adotadas pelo proprietário da terra, suas responsabilidades e as penalidades às quais fica sujeito.

Quem tem,

estoques, sementes, adubos, comércio,
feira, camping, tratores, máquinas,
veículos, bagagens, trailers, cargas,

protege.

Proteja tudo o que é seu, no campo e na cidade, com a Lona Carreteiro®.

Ela deixa o sol, a chuva, o vento e a poeira do lado de fora, pois é 100% impermeável, mais leve e mais resistente. A Lona Carreteiro® tem ilhoses de plástico, que nunca enferrujam, de metro em metro. É fornecida em 14 tamanhos, de 2 x 2m até 8 x 10m, ou em formatos especiais. Duas cores: azul ou amarelo.

Quem tem, cuida. Mas quem tem Lona Carreteiro®, protege.

Lona Carreteiro®
PROTEÇÃO O TEMPO INTEIRO

itap
Divisão Paraná

Depo. Vendas. São Paulo - Av. Mal. Mário Guedes
(Jaguarié) - CEP 05348 - Tel. (011) 268-2111
Fax (011) 268-7922 - Telex 1180455 Fábrica
Rod. Br. 369 Km 158 - Tel. (0432) 53-1144
Fax (0432) 53-1849 - Cx. Postal 161 - CEP 84001-000

Cotrisol

Elaboração e datilografia: Mariluza da Silva Lucchese

Uma história de outro jeito

Fernanda Saraiva Romero
Ilustrações: Carlos Brito

Era uma vez um beija-flor que se apaixonou por uma violeta. Não era uma violeta maior nem mais bonita do que as outras, mas tinha um jeitinho irresistível de se inclinar sobre a haste, de se mostrar, meio se escondendo, por entre as folhas. E o beija-flor, que beijava todas as flores, só se encantava do perfume e da cor da violeta preferida. Enquanto isso a violeta beijada por outros beija-flores, só conhecia de cor a cor de cada uma das penas de seu beija-flor preferido. E assim, presos aos encantos um do outro, beija-flor e violeta, violeta e beija-flor ligaram-se tão fortemente, que todo mundo notou. Ah! Como se murmurou a esse respeito no mundo das violetas. E como se comentou tal absurdo no mundo dos beija-flores. E que, em nenhum dos dois mundos, havia acontecido ainda uma coisa daquelas, e era assustador que, de repente, se amassem duras criaturas tão diferentes! Aquilo mudava a ordem das coisas e amedrontava a todos, menos aos dois, que, bem cativos

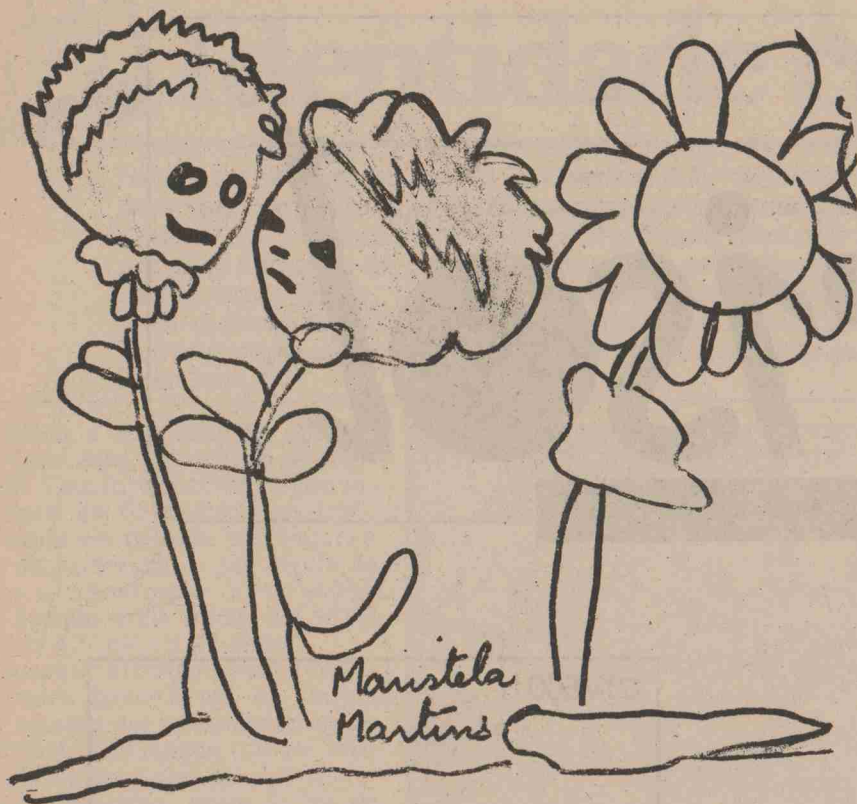
um do outro, viviam um grande amor. Até que um dia ... Bem, um dia, o beija-flor descobriu que sua vida era muito mais comprida que a vida de sua adorada violeta. Descobriu também que uma flor pode beijar, mas não pode fabricar beija-flores pra continuar o mundo deles. Ao mesmo tempo, a violeta descobriu que uma flor não pode voar nem ter vida tão comprida como um beija-flor. Descobriu também, entre as suas tarefas de violeta, uma que um beija-flor não poderia jamais ajudar a cumprir: a de fabricar sementes que fizessem nascer flores iguais a ela e continuassem o mundo das violetas. E foi assim que beija-flor e violeta, violeta e beija-flor se separaram por fim. E viveram, ele, beijando as flores e as beija-flores, mas sentindo sempre um carinho especial por aquelas que se inclinavam como certa violeta ... ela, gerando sementes aladas, futuras violetas encantadas com vôos de beija-flor.

COMEÇO

MEIO

MEIO

FIM



O GATO

O gato é um animal que mama desde pequeno, por isso é chamado de mamífero.

Ele tem 4 membros, tem cabeça, rabo, tem o pêlo preto, tem o colo torto, o gato tem olhos, nariz e boca. Eu gosto do meu gatinho porque ele é bonito. Quando ele está com fome eu dou comida para o meu gato.

Ele nasceu da barriga da mãe e é um animal vertebrado, ele possui ossos.

Nós não deixamos o gato dormir dentro de casa, eu toco o gato para fora.

O gato é muito meu amigo.

Ele mora na casinha dele.

Ele nos ajuda para caçar rato e outros animais.

Um dia nós largamos o gato fora, mas por isso ele ficou com a cola torta. Mas nós ficamos com dó do gato.

Mas ele trepou numa árvore bem alta e miau-miau. E meu irmão mais novo atirava pedra, mas não acertou nenhuma.

O gato apareceu lá em casa bem magro.

Nome: Fátima Regina da Luz
Conceição
Escola M. de 1º Grau Inc. Dom
Antônio Reis
3ª série

O CACHORRO MARADONA

Ele é bem pequenino, ele toca os gatos de dentro de casa, ele é sapeca.

Ele acoa contra os gatos e os gatos correm, correm.

O cachorro é um animal mamífero, ele mama quando pequeno.

Ele nasceu da barriga da mãe dele que se chama Xuxa.

E quando é noite ele vai dormir.

Quando é dia ele late para acordar os gatos.

Ele é bonito e fofo.

Escola Municipal de 1º Grau Inc. Dom
Antônio Reis
Jaimir da Silva
3ª série

EU SOU UMA GOTINHA DE ÁGUA

Eu quero ir no fundo da terra, fazer uma vertente para as pessoas matarem a sede, os animais e as plantas desenvolverem-se. Quero ir para um rio onde as águas não sejam poluídas e brincar com os peixinhos. Sem água não haveria vida na terra.

Juarez Bernardi - 2ª série
Escola M. de 1º Grau Inc. Bárbara Heleodora
Fundo Grande - Augusto Pestana/RS

O PORCO

O porco nos fornece carne, banha, torresmo, salame, morcilha e patê.

Ele mora no chiqueiro.

O porco come milho, ração, pasto e lavagem.

O porco é um animal vertebrado, mamífero e tem quatro membros.

O porco é um animal que as pessoas podem matar para comer.

Ana Paula
Escola Municipal Dom Antônio Reis
3ª série

SEMANA DA PÁTRIA

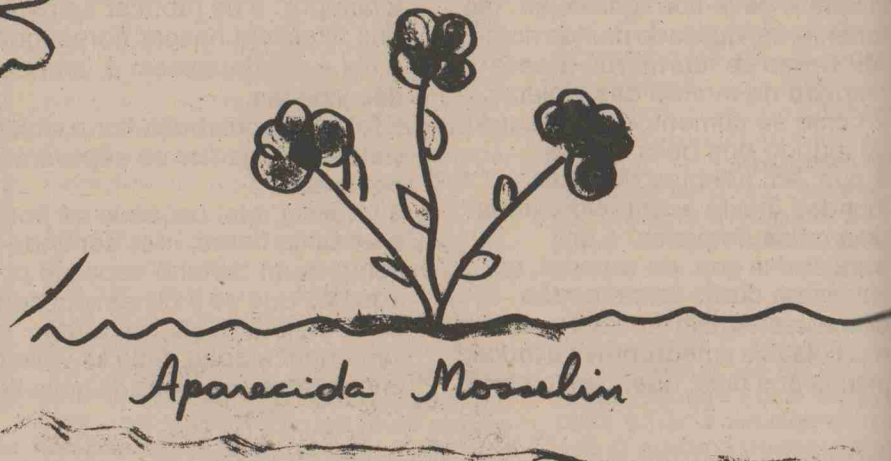
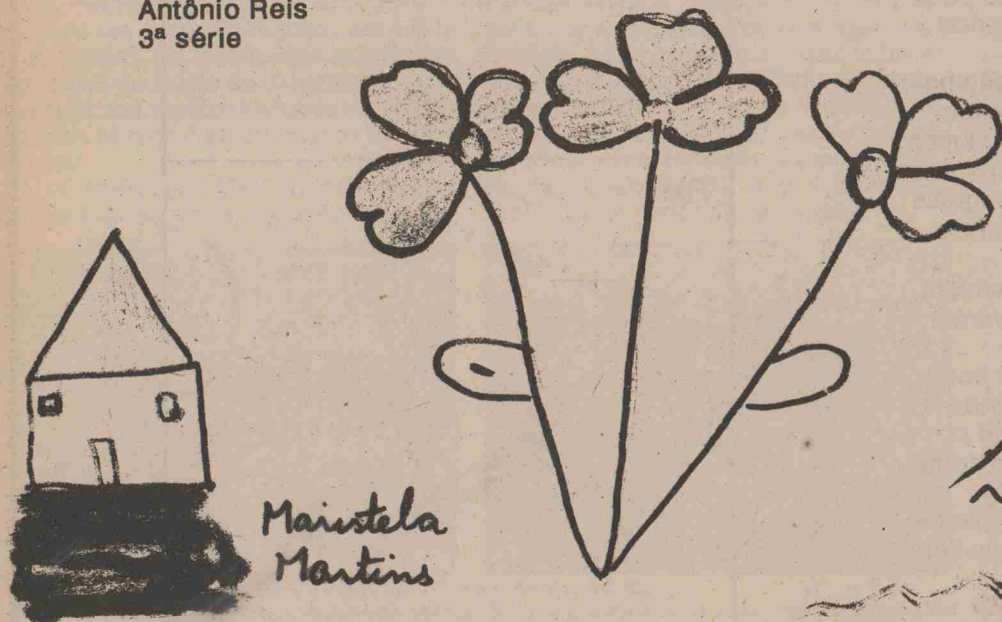
O ESQUECIDO

Silêncio! psiu escutem.
Quem vai recitar sou eu.
É poesia bonita.
A professora quem deu..

Estudei-a o dia inteiro
Mas agora não me lembro.
Sei que fala no Brasil.
Fala em 7 de Setembro.

Se eu soubesse começar...
Não há meio! Não me lembro.
Vou-me embora mas eu grito
Viva o 7 de Setembro!

Juarez Bernardi - 2ª série
Escola M. de 1º Grau Inc. Bárbara H.
Fundo Grande - A. Pestana-RS



Página do Leitor



PARINHO

Um passarinho muito
voa pelos ares. Mas
mata eles. Através
se tem carne.
o corpo coberto
é útil porque ele
é nocivo porque
O passarinho
porque ele tem
está voando todos
De manhã cedo
sua canção.
é muito bonito e
de todos, e ele vive
seu ninho, nas
gosto muito dos
eles pertencem a
aves.

Municipal de 1º Grau
Antônio dos Reis
Schardt - 3ª série

BRASIL

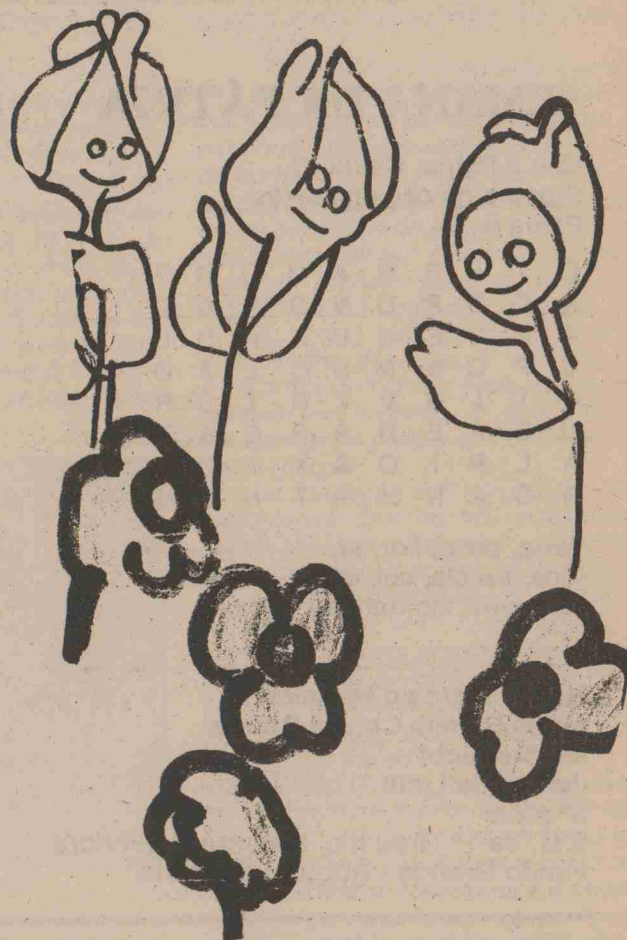
Lindo país de alegria
Pátria Cristã e gentil
Que filho teu não daria
A vida por ti Brasil.

Seja na paz e na guerra
guardemos na alma varonil
Orgulho de nossa terra
Nosso amor pelo Brasil.

Não seremos como ovelhas
Recolhidas ao redil
Somos livres, somos fortes
Somos filhos do Brasil.

Nossa Pátria é rica e bela
É formosa e Senhoril
Trabalhem por erguê-la
Somos filhos do Brasil.

Maria Helena Correa Barros,
Luciana Goergem, Vanize Cristiane



ANA DA PÁTRIA

BRASILEIRO

meu, filho
do teu amor?
filho responda:
meu Senhor!

meu recanto
de nascer e andar
me no entanto
meio lugar.

meu Bergipano
me e sou Mineiro
me soberano
me Brasileiro.

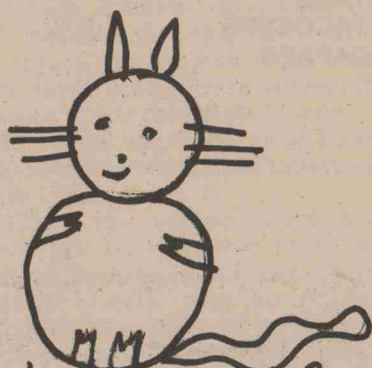
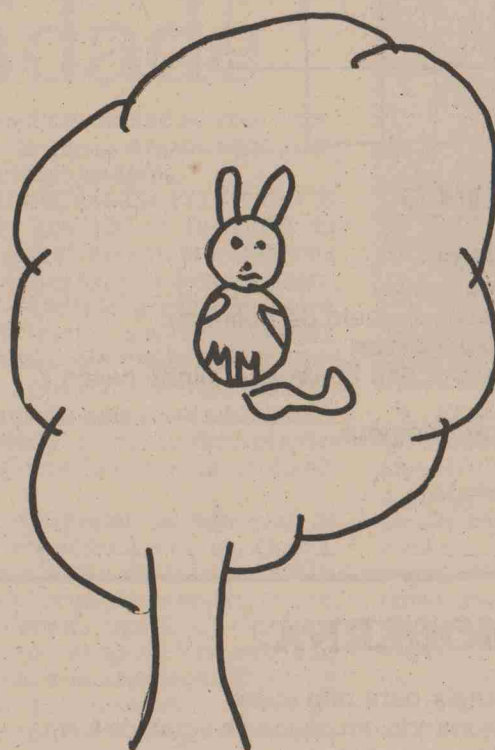
me Sul ao Norte
me Brasil
me grande e forte
me varonil.

me 2ª e 3ª séries
mecha, Marcos Sost, Juarez de
meo Hartmann
me Inc. Bárbara Heleodora
me - Augusto Pestana - RS

O CACHORRO TOTÓ

O cachorro é um animal útil ao
homem.
Totó é um animal vertebrado. Ele
mora na casinha dele.
Ele também é mamífero porque
ele mama quando pequeno.
O cachorro tem pêlos e tem 4
membros. Totó não dá alimentos
para ninguém.
Ele corre... corre...
Totó às vezes dorme na areia.
Outro dia papai surrou Totó.
Os cachorros nascem da barriga
da mãe.
A cor de Totó é preto e branco.
Totó um dia quase me mordeu.
Eu e minha irmã brincamos com
Totó.
Totó é um animal muito sapeca.
O corpo de Totó é coberto de
pêlos.
Ele é muito engraçado.

Escola Municipal de 1º Grau
Inc. Dom Antônio Reis
Augusto Pestana - Sede Velha
Série: 3ª
Nome: Isamara Aparecida dos
Reis



Fátima Regina Conceição

Passatempo

SEMANA DA PÁTRIA

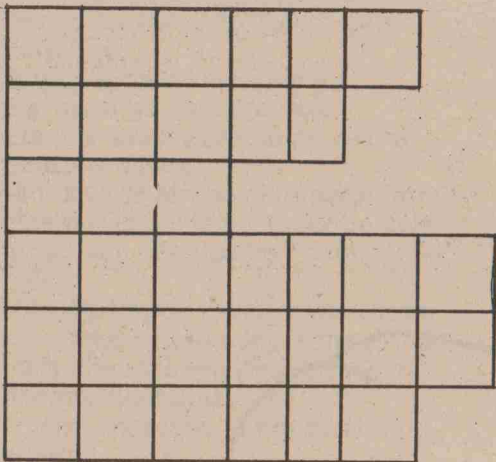
Que é Pátria, Criança?
Procure no caça-palavras
Pátria é...

O T E R R A D O R S
A O S P O V O R S F
T M C E U E A R D L
S P O N M S O L A O
O T L O V I R I D R
M E A E U A R C A T
A L R I O S X I Z H
R S A N H A T N O M

Terra, povo, flor, ar,
Rios, escola, sol, céu,
Lar, aves, montanhas, ramos

Nome: Marcelo Hartmann
Maria Helena Correa Barros
Marcos Scot
Juarez de Lima
3ª série
E.M. de 1º Grau Inc. Bárbara Heleodora
Fundo Grande - Augusto Pestana.

CRUZADINHAS



QUEM SOU EU?

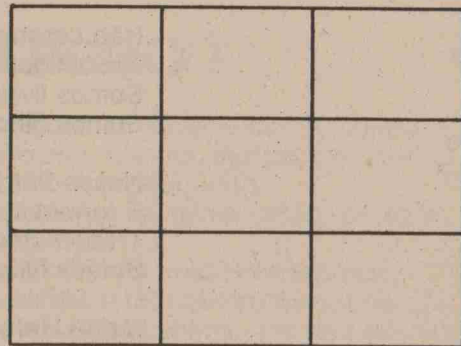
- a) Sou redondo e marrom.
- b) De mim podem fazer suco.
- c) Sou roxa e meu cacho é cheio de bolinhas.
- d) Sou fruta que possui gomos.
- e) Quando estou madura, sou amarela e minha casca tem espinho.
- f) De mim podem fazer compota.

PINTURA MODERNA:

Forre a mesa com jornais para não sujar.
Prepare as tintas adicionando um pouco de água, de forma que fiquem como uma pasta mole.
Com uma colher, despeje um pouco da tinta sobre uma folha de papel.
Coloque o canudinho sobre a tinta e sopre. A tinta vai se espalhar formando desenhos variados e muito bonitos.

BRINCANDO COM NÚMEROS

Usando algarismos de 0 a 9, coloque-os nos quadrados no sentido vertical e horizontal, de modo que em ambos os sentidos a soma seja sempre 15.



CHARADINHAS

O que é que está no meio do começo, no começo do meio, estando ambos assim na ponta do fim?

Uma casa tem quatro cantos, em cada canto tem um gato, cada gato vê três gatos, quantos gatos há na sala?

O que é que sempre se quebra quando se fala?

O que é surdo e mudo, mas conta de tudo?

QUE BAGUNÇA:

Coloque estas letras em ordem e descubra que palavras são estas:

PEUCHA
MARTECABA
COTELE
TASBO
TACOESE
DAPAES